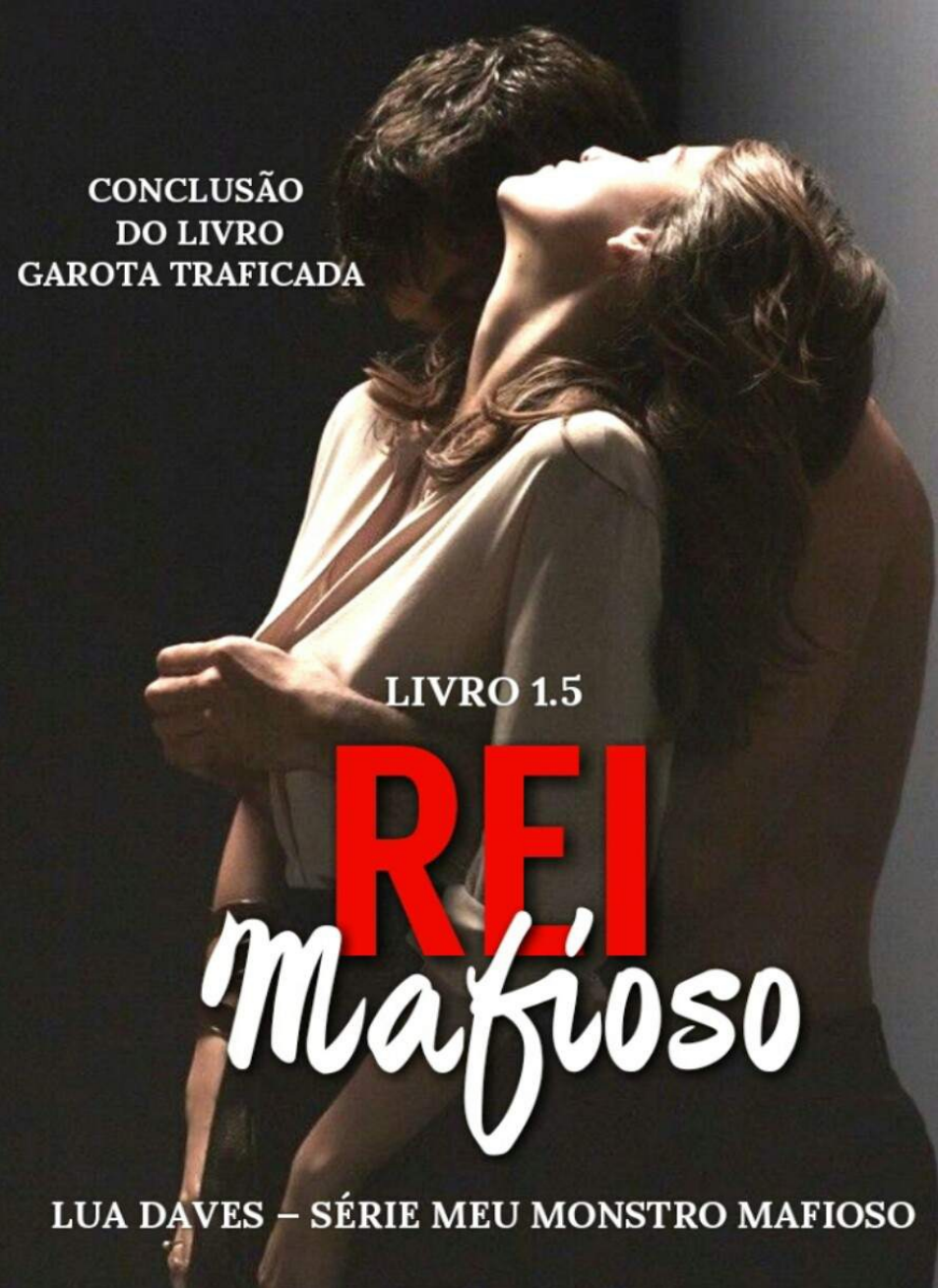

CONCLUSÃO
DO LIVRO
GAROTA TRAFICADA
LIVRO 1.5
REI
Mafioso
LUA DAVES – SÉRIE MEU MONSTRO MAFIOSO

CONCLUSÃO DE GAROTA TRAFICADA

LIVRO 1.5

REI Mafioso

SÉRIE MEU MONSTRO MAFIOSO

LUA DAVES

LIVRO NÃO INDICADO PARA MENORES DE 18 ANOS.

Por conter cenas de sexo e linguagem adulta.

Gênero: Romance Erótico.

Copyright 2017 Lua Daves

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos, são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas, e acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangíveis ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº. 9.610./98 e punido pelo artigo 184 do código penal.

Edição digital/Criado no Brasil.

Dedicado aos meus leitores queridos.

SUMÁRIO

SINOPSE
PRÓLOGO
CAPÍTULO 01
CAPÍTULO 02
CAPÍTULO 03
CAPÍTULO 04
CAPÍTULO 05
CAPÍTULO 06
CAPÍTULO 07
CAPÍTULO 08
CAPÍTULO 09
CAPÍTULO 10
CAPÍTULO 11
CAPÍTULO 12
CAPÍTULO 13
CAPÍTULO 14
CAPÍTULO 15

CAPÍTULO 16
EPÍLOGO
SINOPSE DA SEGUNDA HISTORIA DA SÉRIE:
AGRADECIMENTOS
OUTRAS OBRAS DA AUTORA:
CONTATOS

SINOPSE

Em "Garota traficada" primeiro livro da série "Meu monstro mafioso" conhecemos Masalom e Savanah, um casal apaixonante, cujo sentimento de amor aliado ao companheirismo, foram surgindo em meio ao caos em que ambos se encontravam, e, agora, a história continua em Rei Mafioso.

De visita ao Brasil, os pombinhos estavam felizes com à descoberta de que logo seriam pais e aproveitaram ao máximo sua estadia ali.

Um mês depois da sua chegada naquele país tropical, são surpreendidos mais uma vez. Entretanto, o inesperado veio por meio de um exame de ultrassom onde ouviram vários coraçõezinhos batendo em ritmo acelerado. Sim, teriam múltiplos. Diante da notícia, Masalom preocupado com o bem-estar da esposa, resolve levá-la de volta a Arábia Saudita. Porém, seus planos não se realizam da maneira que havia sido delineada. No momento em que eles estavam prontos para embarcar,

Savanah sofre um atentado, sendo salva do incêndio pelo marido, após um dos seus homens protegê-la com a própria vida.

Desesperado e sem saber o verdadeiro estado de saúde da esposa bem como dos filhos, Masalom a leva até um hospital.

O amor implantado em um coração marcado pela violência e crueldade será interrompido de maneira tão trágica? O relacionamento recém-formado, o início de uma família tudo acabará ali?

Masalom só tem uma certeza, ele vai se encarregar pessoalmente de exterminar o responsável por aquela situação cheia de incertezas pois, ninguém atenta contra a vida de um integrante da família de um... Rei mafioso.

PRÓLOGO

MASALOM

Estou tão feliz, Masalom...

Cheguei a cogitar que nunca mais me sentiria assim.

Eu te amo, Masalom, eu te amo...

Foram essas as frases que ouvi da sua boca antes do maldito incêndio. Minha Boneca, minha esposa, minha salvação, a única capaz de iluminar meu coração com o seu sorriso tímido... a mulher que amo. Aquela garota dos olhos encantadores, doces como o mel, que é justamente a cor que carregam, representa em minha vida mais do que um dia cogitei sentir por outra pessoa. Ela me completa, ou melhor, ela é a minha metade boa.

Estou no meu limite com toda essa espera por notícias, são pessoas de branco demais para associar, cada vez que um passa diante de mim, meu peito se enche

de culpa. Sinto culpa por não tê-la protegido... Culpa ao constatar que se ela está neste maldito hospital, foi por que fracassei em cumprir a promessa que lhe fiz, a promessa de que lhe protegeria, e principalmente culpa por que eles foram atrás dela por minha causa. Vendo todas essas vestimentas brancas, também sinto crescer dentro de mim a sede de vingança, este maldito branco me relembra a todo instante que sempre carrego o oposto. Eu sou o preto. Escuro. Tenebroso... E aquela cor da qual parte todas as outras coloridas e cheias de vida também me mostra que minha garota vem dali, representa a pureza, inocência, leveza, mansidão. Tudo o que não tenho.

Olho ao redor mais uma vez, já estava esperando há tanto que me sinto familiarizado com o ambiente de imponentes paredes na cor creme, com as luminárias marrons e redondas que, possuí uma luz ao centro clareando o laranja do interior, ou com as pequenas luzes brancas embutidas no teto branco que está meio alaranjado devido à luz das luminárias, acostumado com as plantas de porte médio em vasos quadrados. Ambos recostados nas paredes entre a entrada de uma ala ou

outra. Habituado as falas dos dois homens que atendiam aos que chegavam, na recepção em forma de círculo bem ao centro do salão.

Uma construção muito bem arquitetada, já que divide muito bem o espaço, gosto do fato dos profissionais e o refeitório ficarem ao fundo, e das alas que comentei ficarem na vertical em paralelo se vistas da entrada principal.

Deixo escapar um longo suspiro e passo a mão boa por meu cabelo pela centésima vez. Bufo com a dor insignificante que sinto na outra e a mulher que tentou analisá-lo me olha de relance. Estou pouco me lixando para um braço quebrado, perdi a conta das vezes que o tive nessas condições. Sorrio ao recordar que Savanah me repreendeu por calar a recepcionista da clínica em que fez o seu primeiro ultrassom, ela me bateria agora se visse o que disse a esta enfermeira que me olha com um misto de fascinação e medo parada de pé perto da recepção. Me permiti observá-la detalhadamente. Em seu jaleco, a mulher de estatura mediana é magra, sua pele é pálida e

seus olhos castanho escuro, sua boca destaca lábios cheios, seu nariz porém, é redondo demais para sua face.

Meu sorriso congela quando o medo de perder meus filhos me assola novamente. Me remexo no banco em que me sentei para aguardar por notícias desde que fui impedido de ficar ao lado da minha mulher. Estou hibernando aqui. Mais um pouco e invado essa porcaria atrás de notícias, preciso saber como está minha família.

— O se-senhor... tem certeza de que não quer que verifique o seu braço? — gagueja a enfermeira e engole em seco quando olho para ela.

— Já disse que estou bem — articulo um pouco mais educado que da última vez que ela perguntou. — Quando terei notícias da minha mulher? — inquiro aproveitado a oportunidade.

— Ela está sendo bem cuidada e tenho certeza que iria querer que você fizesse o mesmo por si.

— Não foi isso o que questionei, senhorita. Olha só, é bom você ir atrás de notícias ou eu vou vasculhar este lugar em busca da minha esposa — rosno e

ela arregala os olhos.

— Claro, com licença — pede e se afasta rapidamente.

Batucava a sola do sapato no piso de linóleo verde impaciente. Estava considerando cumprir minha ameaça quando um homem alto, de barriga redonda, e sem alguns cabelos na cabeça veio em minha direção. Levantei para recebê-lo. Esperando ele chegar mais perto, passei a mão pelo queixo encarando-o. Os olhos expressivos do senhor também pousaram em mim e ele abriu um caloroso sorriso de dentes brancos.

— Boa noite, sou o doutor Marcelo Fonseca. Sou o responsável pela recuperação de sua esposa. — Ele diz ao parar diante de mim e me estender a mão na qual apertei com firmeza.

— Masalom. Como está Savanah e os bebês? — indago indo direto ao ponto. A espera já tinha sido longa demais.

— Bem, todos estão bem — anuncia e eu suspiro aliviado. — Ela teve uma pequena parte da coxa

esquerda queimada, mas é uma queimadura de primeiro grau, algumas escoriações e lacerações pelo corpo, no rosto principalmente. A fumaça não afetou seus pulmões a ponto de exigir maiores cuidados, ou seja, não há nada que remeta preocupação. Já os fetos não foram lesados pela queda que o senhor descreveu.

— Então eu posso vê-la? — pergunto animado com a possibilidade de poder comprovar com meus próprios olhos o que o médico acabara de dizer.

— Sim pode. Ela ainda está desacordada, mas pode despertar a qualquer momento — avisa gesticulando. — Vou pedir para a enfermeira Rafaela te guiar até o quarto onde ela está. Só um instante — explica seguindo em direção a funcionária que ainda estava ali, com a esperança de que eu mudasse de opinião sobre meu braço.

O doutor trocou algumas palavras com ela que assentiu e veio ao meu encontro.

— O Dr. Marcelo pediu que o levasse até sua esposa. Queira me acompanhar por favor — murmurou a mulher seguindo pelo corredor que ficava à direita do

banco onde estive sentado e eu fui logo atrás. Estava ansioso para ver Savanah.

Quando a tal mulher abriu a porta, meus músculos faciais se contraíram diante do sorriso gigantesco que abri instantaneamente. Ali estava minha Boneca, delicadamente deitada com os olhos fechados, coberta pelo lençol branco que descansa na altura do seu abdômen. Seus cabelos longos espalhados pelo travesseiro moldando o seu rosto marcado pelas escoriações e lacerações que o doutor descreveu.

Passei pela profissional que me observava como se eu fosse um enigma a ser desvendado, e, caminhei até minha mulher. Ergui minha mão do braço bom e acariciei sua face com os nós dos dedos. Ouvi a porta bater o que significava que a enfermeira saiu para me dar privacidade, contudo, não desviei o olhar do rosto de Savanah para comprovar se era realmente isto.

— Que susto você me fez passar, meu amor — profiro e me curvo para beijar levemente seus lábios rosados que sempre me atraíram como um imã. — Nossos

filhos estão bem também — desço a mão até seu ventre e o afago. — Mas mesmo assim, juro que acharei o culpado por você estar nessa cama de hospital. Você não tem ideia de como posso ser cruel quando quero e principalmente como sou persistente.

Outra vez me curvo desta vez para deixar um beijo em sua testa. Me afastei um pouco para procurar nos bolsos o celular que pedi para um dos meus homens me arrumar esta tarde. Ao encontrá-lo, digito o número do piloto que nos levaria à Arábia Saudita.

— Masalom falando. Preciso que esteja pronto para decolar amanhã à tarde. Sem incidentes dessa vez — expresso após este atender a chamada.

— Hum, certo chefe. Vou tomar as providências necessárias para que tudo esteja em perfeita ordem.

Varri meus olhos pelo quarto, ali se mantém o padrão do que vi do hospital, a cor creme nas paredes, o teto branco com duas luzes quadradas embutidas no teto branco, a cama branca no centro do quarto, uma poltrona

ao lado dela na cor marrom escuro, uma janela de vidro do outro lado da cama, uma pequena televisão na parede que fica aos pés da cama e bem ao canto dela, uma porta que creio levar a um banheiro.

— Ótimo, até amanhã — desligo e volto a guardar o aparelho.

— Acho que isso significa que não morri naquele incêndio e que em breve verei minha melhor amiga e cunhada — escuto minha garota dizer baixinho e viro nos calcanhares para vê-la com um sorriso tímido me observando.

— Exatamente mocinha, vocês estão bem — afirmo me aproximando. — Como se sente? — questiono sentando na beirada livre do colchão.

— Só um pouco cansada, com dores pelo corpo e o ouvido meio zumbido — disse piscando lentamente como se quisesse comprovar suas palavras. — Deita aqui comigo? Preciso de carinho — pede manhosa e eu devolvo seu sorriso.

— Você quem manda, Boneca — respondo ao

dar-lhe um selinho.

Levanto e logo em seguida me acomodo na poltrona e retiro meus sapatos.

— O que aconteceu com seu braço? — indaga ao me ver trabalhar na tarefa apenas com um.

— Eu caí sobre ele e acredito que esteja quebrado — dou de ombros e continuo a me desfazer das meias.

— E por que não cuidou disso, Masalom? Deve estar doendo horrores. — olho para ela um instante e percebo que esta estreita os olhos em minha direção.

— Eu posso sobreviver com isso até estarmos em casa e eu tenha certeza de que estará em segurança — explico jogando as meias no chão.

Me ergui e conferi minha roupa ao olhar para baixo, a calça preta não seria causa de desconforto, no entanto, o terno azul royal seria. Abri o botão da peça e me deitei junto a ela.

— Não gosto de saber que está com dores —

articula se aconchegando em meu peito coberto pela camisa branca tornando aquela ideia de me deitar com ela ali menos desconfortável. — Quero que vá agora mesmo atrás de cuidar disso e volte bem para dormir tranquilamente ao meu lado. Você também parece cansado.

— Olha ela! Acordou mandona — brinco fazendo cafuné em seus cabelos macios.

Savanah ergue o rosto para olhar em meus olhos. Sua expressão está séria.

— Como saí de lá com vida? Lembro que ouve uma explosão e então o rapaz que você deixou para me proteger mandou eu me abaixar, e, quando fiz, ele criou uma espécie de escudo com o próprio corpo. Depois lembro do seu corpo pesado em cima de mim, e bati a cabeça no piso então não lembro de mais nada — descreve e franze o cenho.

Não resisto pressionar meus lábios aos dela antes de respondê-la.

— Eu percebi a tempo que fomos enganados, ao sairmos do hangar, não havia ninguém ali. Logo veio a

explosão lá de dentro e eu corri para lá. Precisava buscá-la. Precisava salvar a minha família.

Os olhos dela ficam marejados e seu braço aperta seu corpo junto ao meu.

— Eu pensei que fosse morrer, Masalom. Eu só pensava em você e em nossos filhos. — Um soluço escapa pela sua boca e logo a primeira lágrima escorre por sua face.

— Ei, você está aqui comigo, nossos filhos estão bem e logo estarão em nossos braços também — juntei nossas bocas por um longo momento apenas para fazê-la esquecer aquele assunto. — Eu te amo, Boneca. Você é responsável pela metade do meu coração — concluo erguendo a mão para afastar as suas lágrimas com o polegar.

Ela assentiu e voltou a deitar a cabeça em meu peito em silêncio. Levei a mão em direção a sua coxa exposta lembrando da queimadura, que, segundo o médico havia naquela parte do seu corpo.

— Não quero nem imaginar em quem te tocou

para te banhar — expresso ao perceber que ela vestia aquela camisola horrorosa, típica dos hospitais.

Savanah ri, jogando uma das pernas sobre a minha. Tateio cuidadosamente sua perna e logo encontro o curativo.

— Ciúmes? — inquere ao suspirar, contente com a posição recém-formada.

— Sempre, querida — cheiro seus cabelos, feliz por tê-la em meus braços sã e salva.

— Vai cuidar do seu braço, eu vou ficar bem, aliás ficarei muito melhor se saber que está bem — insistiu.

Vi quando suas pálpebras descansaram fechadas e ela respirou fundo com um sorriso sutil nos lábios. Continuei a mexer em seus cabelos, fazendo massagem no couro cabeludo pensativo. Eu sabia que era de certa forma o culpado por ela ter se machucado no incêndio, mas nunca cogitei deixá-la escolher se queria continuar ao meu lado ou não. Não o fiz por que não seria capaz de deixá-la ir caso optasse por isso. Não o fiz por

que sou egoísta demais quando o assunto é ela.

Minha Boneca cochilava quando alguém bateu na porta. Tinha consciência de que havia um dos meus homens em cada corredor como o mandei que fizessem e por isso sabia que não se tratava de uma ameaça.

— Entre — disse com um tom moderado para não acordar minha menina, mas alto o suficiente para ser ouvido.

A enfermeira cujo semblante já me era familiar adentrou o cômodo. Ela pediu licença e ao me ver deitado junto a minha mulher corou e desviou o olhar rapidamente.

— Vim para checar se está tudo bem com sua esposa — informa se aproximando e coloca a prancheta que carregava no braço da poltrona.

Vendo o desconforto da mulher me desvencilhei de Savanah, pousando cuidadosamente sua cabeça no travesseiro e sentei para calçar meus sapatos e levantar em seguida.

— Fique à vontade, senhorita — expresso

dando-lhe permissão para fazer seu trabalho. Ela assentiu e se dispôs a verificar minha mulher. — Já tem uma previsão de quando ela terá alta? — questiono.

— Provavelmente amanhã de manhã. Vai depender do médico que virá ver se ela está apta para ter alta — explica concentrada nas tarefas que desempenha.

— Ótimo. Depois que terminar sua verificação pode, por favor, me indicar onde fica o setor de ortopedia para analisarem o meu braço? — indago e ela me olha surpresa.

— Oh sim, claro. Fico contente que tenha mudado de ideia — replica escrevendo algo na prancheta.

Eu que segurava a mão de Savanah deposito-a no colchão.

— Ela me fez mudar de ideia — sorrio, acariciando o rosto da minha Boneca.

— Compreendo — assente me lançando um sorriso.

Sigo em direção à janela, pois ali estarei

distante o suficiente para dar um telefonema e para que minha conversa não seja ouvida. Disco o número de Zylan e quando ele atende lhe ordeno que venha até o quarto de Savanah e fique de guarda na porta durante minha ausência. Quando ele concorda e afirma já está a postos, desligo. Guardando o aparelho desvio o olhar da janela e me viro para ver que a enfermeira me esperava.

— Eu já terminei por aqui. Podemos ir? — indaga quando percebe que estava olhando em sua direção.

— Podemos — respondo caminhado até a porta na qual abro para que ela passe na frente.

Após ela sair, dou uma última olhada na minha garota que ainda dorme serena e fecho a porta atrás de mim.

— Por aqui — expressou a mulher gesticulando, e, eu assinto procurando ver ser Zylan já estava de guarda no lugar indicado. Ele estava sentado em uma cadeira de rodas ali no corredor. — O senhor precisa de ajuda com a cadeira? — questionou a enfermeira

gentilmente a ele.

— Não senhorita, estou respirando um pouco aqui fora e, olhando o movimento, às vezes cansa ficar trancado no quarto — responde teatralmente.

— Entendo — sorri a mulher e continua seu caminho.

Aponto o queixo para o quarto e Zylan assente me dando tranquilidade para seguir a enfermeira.

CAPÍTULO 01

SAVANAH

Esperava aflita por meu marido, temia algo saísse do controle e ele fosse ferido, temia por minha vida que por consequência acarretaria na dos meus bebês. O homem que Masalom deixou para me vigiar, ou melhor, para zelar pelo meu bem-estar e o dos nossos filhos que estou carregando no ventre, olhava atentamente de um lado ao outro sempre em alerta.

Eu tentava respirar fundo, acalmar meus nervos, mas tudo ia por água abaixo quando tiros ecoavam pelo hangar. Me encolhia com a possibilidade de um deles atingir aquele que amo. Fechei os olhos apertado, pedi a Deus que o guardasse, e estava em meio as minhas orações quando o desespero invadiu-me no momento em que senti o cheiro de fumaça, no início ainda fraco. Ergui a cabeça para ver o que acontecia e então percebi o homem vir apressado até a cadeira onde estava sentada.

Arregalei meus olhos e tenho certeza que meus lábios estavam entreabertos diante do que ele disse:

— Atearam fogo em algum lugar do hangar. Precisamos sair daqui, senhorita — avisou, contudo já era tarde demais e logo veio um explosão trazendo consigo as labaredas de fogo.

— Oh meu Deus! Está explodindo! — gritei aflita.

— Abaixe-se, moça! — ordenou quando fiquei de pé.

Fiz o que ele mandou automaticamente pois, ele devia saber o que estava fazendo, já eu, estava entrando em pânico uma vez que o fogo estava cada vez mais perto. Se houvesse outra explosão, nos atingiria. E eu só conseguia pensar em minha família recém-formada, no rosto de Masalom, na sua expressão quando soubemos que teríamos trigêmeos...

O homem me colocou na posição que ele queria. Esta consiste em minhas costas inclinada e ele sobre mim, como um escudo. No exato momento em que

ficamos assim veio a segunda explosão. O impacto nos jogou para frente. Tentei segurar o choque do piso com minha barriga usando os joelhos e consegui, mas caí depois com o peso do homem sobre mim e bati a testa no chão. Vi tudo escurecer em questão de segundos...

— Boneca, Savanah acorda! — ouço e desperto com um supetão. Estava ofegante e suada. Masalom ainda estava comigo me envolvendo contra seu corpo e isso acalmou um pouco meu coração acelerado. — Foi só um pesadelo, meu amor — sussurra beijando minha cabeça.

— Eu revivi momento da explosão — explico e seu braço que estava em minha cintura me aperta mais firme.

— É comum você ter pesadelos depois do que vivenciou. Foi tudo muito recente — articula suspirando. — Você está segura agora.

Assinto contra seu peito, no entanto, novamente sinto que vou chorar.

— Shii, estou aqui com você, Boneca. Tente

não voltar lá outra vez, concentre — se em nós dois aqui, no agora — instrui percorrendo a mão pelo meu braço.

Tomei algumas respirações e quando as recordações vinham eu as afastava focando nas carícias que meu marido estava me proporcionando.

— Está funcionando — murmurei para mim mesma e logo senti seu tórax mover diante de seu riso. Minha cabeça chacoalhava e eu acabei sorrindo.

— Claro que está — disse em tom de brincadeira.

— Convencido — rolo os olhos circulando com seu mamilo com a ponta do dedo indicador.

Seu riso foi dispersando-se aos poucos e logo estávamos em silêncio. Me ajustei ao corpo dele soltando um longo gemido preguiçoso e foi assim que vi seu braço engessado. Parei de me espreguiçar e ergui a cabeça surpresa.

— Quando você engessou o braço? — franzo o cenho confusa tocando-o.

— Uma enfermeira veio te ver e eu aproveitei para seguir seu conselho e fui com ela até um ortopedista — explica. — Quando voltei você ainda dormia e então voltei a deitar ao seu lado.

— Nossa, devo ter dormido bastante então — bocejo passando a ponta do nariz em seu pescoço para sentir melhor o cheiro gostoso que partia dali.

— Um pouco, questão de três horas. Ainda aproveitei que Zylan estava fazendo sua segurança e fui até nossa casa tomar um banho e te trazer algumas roupas já que partiremos para Arábia Saudita assim que te derem alta — responde.

— Assim tão depressa? — questiono incomodada com a ideia.

— Sim, agora além da enorme barriga que terá daqui a alguns meses que acarretará em cuidados e assistência, tem a sua segurança e a deles em jogo — replica levando a mão a minha barriga afagando-a.

— Eu sei, você tem razão. É que me sinto receosa, no fundo, tenho medo de acontecer tudo outra vez

— coloco em palavras aquilo que me aflige.

— Jamais cairia na mesma armadilha outra vez, querida. Vamos voltar em segurança. Eu prometo.

— Eu confio em você — profiro com sinceridade. — Então se fez tudo isso enquanto eu dormia deve estar exausto, marido — digo pensativa. — Por que não descansamos um pouco mais até o dia clarear? — sugiro pois ainda estava com sono.

— Acho que você está muito preguiçosa. Isso que acho — brinca enrolando uma mecha do meu cabelo no dedo indicador.

— Bobo! — acuso rolando os olhos mas sem conseguir segurar o riso. — Só estou pensando em você e no seu bem-estar. Seu semblante demostra cansaço — explico. — Além disso ainda faremos uma longa viagem de volta amanhã.

— Eu sei. Você tem razão estou destruído apesar de que conseguiria passar dois dias sem dormir — responde se remexendo comigo nos braços.

Masalom achou uma posição um pouco

confortável para nós dois e só então, pude fechar os olhos e tentar pensar nas coisas boas que vivi ao lado dele aqui no meu país, assim poderei ter sonhos tranquilos.

— Boa noite Boneca. Durma bem — deseja-me.

— Boa noite. Você também, meu amor — respiro fundo e solto o ar lentamente apreciando o calor do seu corpo junto ao meu, me aquecendo. Recordando da noite em que fomos ao Pão de açúcar, adormeço.

No dia seguinte, acordei antes de Masalom e me permiti senti-lo junto a mim. Velei seu sono, encantada com a áurea imperativa que ele transmitia mesmo dormindo. Meu marido é um homem que nasceu para estar à frente de uma nação, se vê de longe a sua liderança. Sua altivez e comportamento demonstram isso.

Ergui um pouco o tronco e apoiei minha cabeça em uma das mãos. Meu cotovelo estava sendo o suporte da ação uma vez que estava plantado no colchão. Aproveitei minha nova posição para percorrer os dedos pelos fios macios dos seus cabelos que estavam

precisando de um corte. Um sorriso de canto da sua parte revelou-me que ele tinha despertado diante do carinho que lhe fazia.

— Bom dia! — exclamei baixinho.

— Bom dia, Boneca! — respondeu suspirando em apreço ao meu cafuné.

— Alguém passou por aqui para te ver? — questiona fazendo-me franzir o cenho por não entender a quem ele se referia.

— Não. Ao menos não depois que acordei.

— Estive pensando que quando te derem alta, talvez devêssemos ir até um hotel para você descansar de verdade, ninguém dorme realmente em um hospital, pelo menos não quando se divide uma cama como essa. A todo instante alguém entra ou passa aos berros pelo corredor.

Gargalho pela sua observação e ele estreita os olhos em minha direção.

— Sério?! Eu dormi feito uma pedra. Não vi nada disso — argumento explicando o motivo do riso.

— Isso é bom — replica pensativo e coloca parte do meu cabelo atrás da orelha. — Então, vamos ver se você já está bem para viajar e iremos para o aeroporto daqui mesmo.

— Aeroporto? — estranho e ele sorri.

— Sim aeroporto. O meu piloto ligou ontem para me sugerir isto, afinal todos já sabem onde estamos mesmo — dar de ombros refletindo. — Além disso, teremos a segurança do local para casos extremos. Deveríamos ter feito isso antes, inclusive.

— Entendo — expresso sentando. Amarro meus cabelos e levanto.

— Aonde vai descalça? — inquere me repreendendo e se senta no colchão se espreguiçando.

Olho para meus pés e volto a me acomodar ao seu lado.

— Ao banheiro. Preciso escovar os dentes — respondo suspirando e ele visivelmente prendia o riso quando olho em sua face. — O quê? — murmuro.

— É extremamente excitante ver toda sua bunda pela abertura das suas vestes — sorri malicioso.

Ele levanta e se acomoda na poltrona onde se curva para colocar seus sapatos. O observo durante a tarefa e o sigo com o olhar quando ele ergue-se e se inclina para pegar uma pequena mala e uma sacola que estava ali do outro lado da poltrona.

— Essas são as roupas que me trouxe?! — deduzo.

— Sim, aqui tem todo necessário para que fique pronta para a viagem — explica puxando um par de sandálias da sacola.

Masalom veio ao meu encontro trazendo consigo a mala e as sandálias. Ele depositou os dois sobre o colchão e agachou-se diante de mim para calçar meus pés. Fiquei ali vendo suas ações. Quando ele colocou meus pés no chão me ajudou a ficar de pé e guiou-me em direção ao banheiro segurando minha cintura com o braço livre do gesso. Não que isso fosse necessário.

— Sua coxa dói? — inquere preocupado.

— Não, só incomoda um pouco — respondo mexendo na mala que ele depositou sobre a pia em busca da escova de dentes e creme dental.

— Que bom. Procura a minha também — pede recostando-se na pia.

Achei as duas no bolso da frente e entreguei a ele que segurou para que eu colocasse o creme dental. Escovamos os dentes e depois penteie meus cabelos. Me vesti com o vestido florido em tons de rosa e branco que Masalom trouxe, gostei do tecido leve que após o cinto abaixo dos meus seios cai solto até os pés me deixando confortável, ou da parte de cima sem decote, fato que é compensado pelas mangas curtas e delicadas que ficaram franzidas sobre meus ombros. Enquanto me trocava ele penteava o seu cabelo. Regressarmos ao quarto só depois que ele arrumou sua gravata borboleta e vestiu o terno azul que contrasta perfeitamente com o branco da camisa e o preto da gravata. Nos surpreendeu o fato de que alguém bateu logo que chegamos no cômodo.

— Entre — meu marido proferiu vestindo seu

terno preto...

— Licença. — O médico de sorriso fácil, educadamente disse ao entrar e fechar a porta atrás de si. — Bom dia.

— Bom dia — respondi uníssono ao meu marido que se aproximou de mim enlaçando minha cintura por trás.

O homem de jaleco cuja aparência demostra que ele está entre os cinquenta e cinquenta e cinco anos. O rosto é bem conservado. Ele procurou nos papéis que carregava nas mãos por algo e logo sorriu em nossa direção.

— É uma honra ter no histórico o fato de ter sido responsável por atendê-los altezas — declara. — Sou o doutor Marcelo — apresenta-se.

— Recordo do senhor doutor. — Masalom fala e o senhor alvo limpa a garganta.

— Que bom. Senhorita você sentiu algum mal-estar durante à noite? — indaga percorrendo os olhos pelos papéis.

— Não. Dormi perfeitamente bem.

O médico nos olha e sorri.

— Ótimo, então creio que meu trabalho por aqui não se faz mais necessário — pisca brincalhão e segue em direção a saída...

— Espere doutor! — Meu esposo exclama quando ele abria a porta. — Então ela... podemos retornar a Arábia Saudita esta tarde ou nos aconselha a esperar um pouco mais?

— Como te disse ontem, sua mulher e os fetos estão bem. Poderia ter liberando-a ontem, mas por precaução optei por observá-la esta noite. Nada aconteceu o que é um sinal de que eu estava certo. Podem viajar agora mesmo se acharem que devem — articula deixando-nos à sós...

Masalom faz com que me vire ficando de frente para ele e me envolve com o braço são beijando-me ardentemente. Coloco meus braços entorno de seu pescoço e, ele me surpreende ao tirar meus pés do chão erguendo-me e girando comigo. Segurando meu peso com

um único braço. Sorrio contra sua boca.

— Que alívio ouvir isso, Boneca. Vamos voltar para casa e construir nossa família — profere recolocando meus pés no chão.

Seguro seu rosto e fico na ponta dos pés para beijar seus lábios.

— Vamos sim, meu amor.

— Vou ligar aqui para avisar a Zylan para que ele providencie nossa partida — diz procurando o celular.

— Vou pegar a mala no banheiro enquanto isso — falo e volto até o banheiro para juntar as coisas que deixamos espalhadas pela pia. Com tudo pronto, volto com a mesma e a coloco na poltrona aguardando que ele termine a conversa.

Instantes depois, meu marido guardou o celular e sorri caminhando até a porta pela qual o médico passou a pouco e abre gesticulando para mim. Peguei a sacola e a mala na poltrona e passei por ele o esperando fechar a porta. Masalom o fez e tirou as coisas das minhas mãos. Caminhávamos pelos corredores desconhecidos por

mim que o seguia, quando um homem se aproximou.

— Chefe, o táxi já os aguarda lá fora. O piloto já o espera no aeroporto também com tudo em ordem — anuncia e meu marido aquiesce. — Boa viagem — deseja o homem e se afasta não ouvindo o obrigada que proferi.

— Pronta para voltar pra casa? — inquere Masalom.

— Prontíssima! — sorrio para ele e juntos seguimos para fora do hospital.

CAPÍTULO 02

MASALOM

Finalmente estamos em casa, fomos recebidos pela mídia, pelo povo e alguns integrantes da família já no aeroporto, não tivemos muitos problemas com isso, pois uma comitiva de segurança também estava a postos por ali. O regresso a Arábia Saudita foi conturbado, todavia, agora tudo está bem. Nossa viagem foi feita em segurança desta vez. E o fato de quase perder minha família na nossa tentativa anterior serviu para me fazer tomar atitudes drásticas, além de, abrir meus olhos diante de traidores.

A primeira decisão que tomei ao voltar para o meu país foi a de mandar fazer alguns ajustes na casa em que iremos morar e, procurar incansavelmente a melhor e mais moderna tecnologia de segurança do mercado para manter a salvo minha garota e meus filhos. Em segundo plano estou vendo como proceder para acatar o pedido de Savanah e acabar com o clube Zecult.

As coisas ficaram complicadas para mim após voltarmos, pois tinha que estabelecer relações mais acentuadas com o povo árabe, assim como, procurar seguir um pouco mais nossas tradições e fazer minha esposa conhecê-las, tudo isso, em um período curto de tempo por que, a coroação vai ser realmente formalizada daqui há três meses.

O casamento da Sarah ficou um pouco para escanteio e seu noivo concordou com o tempo que lhe pedi, afinal, ele também está passando por um momento conturbado, inclusive ainda nem pode vir formalizar o acordo entre nossas famílias. E Horlom por sua vez me preocupa bastante, uma vez que, seu treinamento está ficando mais intenso, e por consequência, está perdendo-se na bebida dia após dia.

A máfia está demandando mais afinco da minha parte desde a semana passada e eu estou segurando as pontas como posso. Meu irmão está sendo de grande ajuda não posso negar, mas como disse, acabo ficando ainda mais envolto de problemas por que ele é mais

importante que qualquer solução e apoio.

Em decorrência disso tudo, passei a chegar tarde da noite no palácio e a encontrar Savanah dormindo. Me contentava em observá-la, pois desde que soubemos da sua gravidez, e principalmente, depois que temi perdê-los, adquiri o costume afastar os cobertores do seu corpo desnudo, para observar sua barriga enquanto converso como um tolo com os nossos bebês. Mas já estava ficando frustrado com o fato de não ver progresso na sua gestação e a barriga estar demorando a aparecer.

Entretanto, quando completou dois meses e duas semanas percebi que o corpo dela começou a mudar, me deixando ainda mais bobo, na verdade alisava seu ventre sempre que possível.

Durante esse período, via pelas câmeras que usava para acompanhar seus dias que, Savanah começou a ficar mais sonolenta, cansada e enjoada com frequência pela manhã. E com isso o nosso tempo de casal que já era quase escasso, já que ela estava quase sempre descansando ou passando mal, ou eu mesmo tinha tarefas a

cumprir, passou a ser ainda menor. Porém amanhã será diferente, ela e os bebês serão minha prioridade. Venho planejando tudo para ter este dia de folga há bastante tempo.

Há alguns dias estava de saindo do palácio quando topei com a Sarah. Ela estava em êxtase com a notícia de que será tia de três crianças e me disse estar ajudando bastante minha Boneca. Horlom também não escondia sua felicidade por mim e vivia me perguntando sobre os sobrinhos.

Meus outros irmãos, por sua vez, eu nem tenho notícias, pois dois deles viajaram, e os outros dois, levaram suas esposas para residências. Eles quase não apareciam o que não era estranho, afinal nunca nos damos bem. Já minhas irmãs continuam morando no palácio, no entanto, nem mesmo estão cumprindo com suas obrigações de esposas e, muito menos se importam com as próprias vidas, quem dirá com a minha, aliás, recebi até algumas reclamações dos meus cunhados esses dias.

A mídia tentava me alcançar para entrevistas,

ou simplesmente para alguma proclamação minha a respeito dos meus planos para o governo do país. E por fim, o coitado do Salan ainda trabalha e para falar a verdade a aposentadoria que lhe prometi parece cada dia mais longínqua.

É tanta coisa que parece que nem em mil anos darei conta e, detesto concordar com o velho bastardo do meu falecido pai, mas ele tinha razão ao dizer que iria precisar de toda ajuda e, homens de confiança que conseguisse ao meu lado.

Havia acabado de chegar de um compromisso. Passavam das duas da manhã, por isso, passei direto para o banho remoendo tudo o que me aconteceu nas últimas semanas.

Saio do chuveiro e pego uma toalha para me enxugar, depois escovo os dentes, passo desodorante e perfume. Estava devolvendo a embalagem à bancada quando dois braços circularam minha cintura e, uma cabeça se acomodou em minhas costas.

Sorrio com o carinho.

— Achei que estivesse dormindo — cubro suas mãos pequeninas com a minha e ela suspira.

— Eu estava, porém, acordei quando você chegou — explica manhosa. — Nós sentimos sua falta — murmura e se livra do meu toque para acariciar meu pênis.

Sexo entre nós se tornou uma raridade pois prefiro deixá-la descansar e nunca lhe acordo, mesmo que, a deseje com desespero.

— Eu sei querida — viro para ela e acaricio seu queixo. — As coisas estão agitadas devido a minha ausência, mas tudo vai normalizar e eu vou te dar a atenção que merece, inclusive, amanhã não irei a lugar nenhum, teremos o dia inteiro — afirmo olhando em seus olhinhos cor de mel. — Mas, como você está de pé a essa hora... — observo seu corpo nu e continuo: — Sem qualquer roupa... — desço até seus pés. — Ou sandália nesse frio? — estreito meus olhos para ela em repreensão. — Eu tenho boas ideias de como aquecê-la embaixo dos nossos cobertores — concluo e passo o braço por suas pernas pegando-a no colo.

Minha Boneca gargalha ao dar um gritinho, mas aproveitou sua estadia para traçar beijos molhados por meu pescoço enquanto eu a levava para a cama.

— O que tem feito todo o dia? — questiono depositando seu corpo no centro do colchão.

— Sarah está me explicando sobre as tradições pela manhã, sobre as vestes que usam, a língua árabe, a gastronomia, essas coisas, quer dizer, isso quando estou bem, por que, na maioria dos dias os enjoos não me dão muita trégua nesse horário. E o resto do dia costumamos conversar, assistir ou eu venho para o quarto ler, ou dormir. Sinto sua falta o dia inteiro — confessa ainda que core lindamente, mas ela está mais aberta comigo e não há nada que se passe por sua cabecinha que eu não saiba.

— Está carente esposa? — inquiro virando seu corpo de bruços. — Vou aplacar sua falta de carinho — dou um leve tapa em sua bunda e ela geme baixinho.

— Vem amor, já não aguento mais. — Ela entra no jogo e com a face deitada no travesseiro me olha.

Vejo ela morder os lábios.

Aperto sua bunda com a palma da mão e depois abaixo a cabeça para usar a boca e lhe morder de leve. Meu pênis está implorando para entrar no seu lugar preferido, no entanto, procuro controlá-lo.

— Meu pênis está babando por você — digo a ela e, o seguro entre as mãos levando-o até suas carnes macias. Vou provocando minha menina que se empina toda com o intuito de me levar para dentro, mas não permito e ela murmura frustrada me fazendo sorrir. — Ainda não, gostosa — coloco a cabeça do meu membro em sua entrada e ela arfa tentando a todo custo fazer com que estoque completamente.

— Masalom... — rosna entre dentes, todavia, para arfante, quando dou outro tapa em sua nádega. — Merda! Enfia logo... — desespera-se e sinto seus líquidos lambuzarem meu pênis quando preencho-a de uma só vez.

— Hum — geme rebolando no meu membro, sua respiração alterada se espalha pelo cômodo. — Que delícia amor — exclama extremamente excitada e puxa os

lençóis.

Eu posso dizer o mesmo, sentir suas carnes em volta do meu pau não tem comparação, muito menos quando ela se solta. Segurei sua cintura e estoquei com furor enquanto ela gemia, gritava e ofegava levando-me à beira da loucura.

— Rebola, amor — mando e deixando um tapa em sua nádega.

— Ah, meu lindo! — exclama remexendo o quadril.

Minha Boneca agarra-se ao lençol quando suas carnes começam a me apertar. Deitei sobre suas costas e envolvi o braço abaixo dos seus seios, antes de, puxá-la um pouco para cima e deitá-la de lado, enquanto eu, fico atrás dela e seguro sua perna aberta para continuar entrando e saindo da sua bocetinha em chamas.

Apertei seu mamilo e chupei o lóbulo de sua orelha ao mesmo tempo em que, meu pênis foi até o talo dentro dela e, permaneci parado alguns instantes sentindo-a antes de voltar a estocar, agora, lentamente. Intercalava

o aperto em seus seios quando puxei seu queixo e reivindiquei sua boca.

Ela quebrou o beijo para gemer e eu me estiquei para chupar seu pescoço. Utilizando a mão que pairava em sua perna e, escorando seu pé em minha coxa, esfreguei seu clitóris, e fui aumentando gradativamente o ritmo. Savanah sucumbiu ao prazer gritando pelo meu nome enquanto suas carnes me sugavam, apertando e molhando.

A cabeça dela caiu para trás e eu explorei seu pescoço não deixando de comê-la com afinco. Senti minhas bolas contraírem, assim como, o meu corpo e necessitando de mais, estoquei ainda mais veloz até espirrar meus jatos dentro dela que, tinha o braço para trás puxando meus cabelos e os olhos fechados. Eu, por vez, estacionei dentro dela e segurava sobre aperto seu mamilo.

Savanah sorriu antes de sair da posição que estávamos para ficar de frente comigo, e então, me empurrou deitado contra o colchão. Minha garota se

ergueu sobre os joelhos e deitou sobre meu corpo. Movendo seu quadril com preguiça, me arrancando um gemido. Ela me olha atenta e instantes depois sela nossos lábios em um beijo cheio de paixão.

— Eu te amo — sussurrou e eu sorri pois, ela sabia que eu também a amava como nunca cogitei que poderia, por isso, não respondi com palavras, entretanto, a trouxe para outro beijo.

— Também senti saudades! — dou um tapa estalado em sua nádega, dessa vez, por brincadeira, e ela afunda o rosto em meu pescoço.

— Percebi! — balbucia em resposta me fazendo rir e inverter nossas posições deixando-a por baixo.

Ela ergue a mão e afaga meu rosto sorridente.

— Você disse que irá passar o dia comigo amanhã?

— Sim, quero ter um longo tempo com minha esposa — pego sua mão e beijo seus dedos.

— Mal posso esperar, no entanto, não vou aguardar até amanhã para te mostrar... — prende o lábio inferior entre os dentes e reflete enigmática.

— Mostrar o quê? — pergunto saindo de cima dela e deitando ao seu lado.

Com o cotovelo plantado no colchão, observo seu rosto com a cabeça apoiada na mão.

— Espera eu vou buscar — levanta apressada e vai até o *closet*.

Permiti-me analisar sua desenvoltura com interesse até ela desaparecer do meu campo de visão. Joguei a cabeça no travesseiro e aguardei de olhos fechados devido ao cansaço. Instantes depois ouço seus passos e abro os olhos quando algo pousa em meu abdômen.

— O que é? — inquiro fitando uma caixa pequena e bonita.

— Abre! — Me instiga afundando no colchão e eu também sento para abrir.

Segurei a tampa e puxei... dentro da caixinha havia pulseiras ornamentadas com os nomes que, escolhemos juntos para as crianças. Se for três homens optamos por, Thomas, Albert e Galileu, três grandes gênios, se vier três mulheres, serão Esmeralda, Rubi e Safira, três pedras preciosas. Todavia, se for dois homens e uma mulher ou o inverso, um homem e duas mulheres escolheremos entre estes seis nomes.

Decidimos parar de brigar por querer homenagear nossos entes queridos e, de comum acordo, concordamos em deixá-los com seus respectivos nomes apenas em seus próprios e inesquecíveis rostos.

— Gostou? Sua irmã disse que precisávamos confeccionar algo para não esquecer quem é quem — expõe e eu olho para ela pasmado.

— São nossos filhos, nunca vamos confundir que é quem — falo exasperado.

— Eu sei, mas tenta explicar isso a ela! — Savanah rir e eu acompanho. — Ela me olhou com uma cara que dizia: “Não discuta, apenas me obedeça,

mocinha".

Nos encaramos ainda rindo, minha princesa é fogo coitado do seu futuro marido. Sarah vai colocá-lo na linha e eu mal posso esperar para ver isso acontecer, afinal, ela consegue tudo que deseja com aquele seu jeito.

— Verdade! Eu gostei apesar de não achar que vou confundi-los — digo observando as pulseiras macias e delicadas. — Não vejo a hora de tê-los chorando no meu ouvido — articulo e ela bate em meu braço.

— Idiota! — reclama estreitando os olhos.

— Eu estou dizendo a verdade, Boneca — puxo-a para meu colo. — Mal posso esperar para poder niná-los até eles calarem, ou trocar fraldas — sorrio ao lembrar de meu desempenho cuidando da Sarah. — São coisas chatas, mas que se pensarmos bem fazem falta quando eles crescem — exponho beijando o topo de sua cabeça.

— Entendo, você vai ser um pai melhor do que serei mãe. Nunca cuidei de criança alguma — expressa levemente preocupada.

— Eu vou te ensinar tudo que precisará saber — afirmo fazendo-lhe cócegas.

— Para s-seu b-bobo! — grita as gargalhadas.

— E você terá a ajuda de sua amiga que, inclusive, iremos buscá-la amanhã. — Paro com a brincadeira e aprumo-a em meu colo.

Savanah regulava a respiração quando presta atenção instantânea em minhas palavras.

— Conseguirei dar um fim no clube em um mês e darei uma boa quantia a cada mulher presa lá para seguirem suas vidas — exponho e ela me presenteia com um sorriso gigante.

— Nós vamos buscar Elisa!? — Se joga no meu pescoço.

Olhei a hora no relógio que está na mesinha ao lado da cama e me repreendo mentalmente por mantê-la acordada até esse horário. Deslizei pelo colchão com ela nos braços e segui para o banheiro.

— O que está fazendo? — indaga confusa.

— Vou te dar um banho e colocá-la para dormir — falo e ela bufa.

— Eu não quero dormir! — murmura contrariada.

— Mais vai, já está tarde e você mesma disse que anseia pelo dia de amanhã — digo, e isso, parece convencê-la, já que esta se cala.

Banhei minha Boneca e a mim também, e logo, estávamos deitados com os nossos corpos emaranhados.

CAPÍTULO 03

SAVANAH

Estou muito contente e ansiosa com o desenrolar do dia de hoje, já que, desde nossa volta do Brasil há dois meses atrás meu marido está sempre ausente, todavia, prometeu-me que hoje seria exclusivamente meu. Além disso, também estou feliz por milagrosamente não colocar meus bofes para fora hoje, e para finalizar meu contentamento, tem a minha vontade de soltar fogos de artifícios e sair dançando, pois irei finalmente buscar a Elisa.

Masalom me despertou com seu membro dentro de mim mais cedo e, ao perceber que estava gozando de plena saúde me proporcionou uma canseira por longas horas. Fiquei completamente saciada, acabada, destruída e suada, porém, no final ganhei orgasmos de bônus. Depois de tudo, ainda fui banhada com carinho. E só então, descemos para almoçar.

Neste instante íamos em direção ao lugar que, segundo meu marido, irá ser extinto daqui há um mês. Meu coração batia com força contra o peito só por estar tão perto de rever uma pessoa querida que me apoiou em um momento difícil. Elisa merece reencontrar o filho e ser

feliz. E se depender de mim será.

— Boneca! Assim você vai ter um troço. — Me repreende Masalom quando sente meu coração pulsar contra o peito dele, no instante em que, este me coloca escanchada em seu colo. — Talvez não tenha sido uma boa ideia você ter vindo — reflete colocando uma mecha do meu cabelo por baixo do véu de onde esta saiu.

— Imagina, marido — retruco. — Estou assim por que minha felicidade não cabe em mim, não sabe como quero ver a reação dela ao saber que estará livre para viver sua vida — digo fazendo pausas para beijar todo seu rosto.

Quando deito a cabeça em seu peito depois de ser avaliada por olhos de águia e, passar no teste sobre minhas condições emocionais, ele acaricia meu braço e eu outra vez me perco em pensamentos:

Sinceramente, nunca fui tão bem recebida quanto naquele dia que retornamos do Brasil. Eles têm a tradição de dar as boas-vindas a quem chega ainda no aeroporto, e como Masalom será o seu rei, todo o povo estava presente, muitos da mídia marcaram presença e, Sarah e Horlom, assim como alguns conhecidos também. Uma verdadeira comitiva.

Hoje para exemplificar esta tradição, após ter dito a Sarah que estávamos vindo buscar uma amiga que viria me ajudar com a gestação, ela ficou afoita querendo

vir conosco, pois viu-se na obrigação de vir "recebê-la". Ainda bem que consegui enrolá-la. E mesmo frustrada esta acabou aceitando que só conheceria a Elisa no palácio.

— Chegamos! — meu esposo anuncia quando o motorista abre a porta.

Tento descer para poder deixar o veículo, todavia, Masalom não me deixa sair do seu colo e me leva junto ao seu corpo. Após o incêndio e o leve crescimento da minha barriga, quando ele está presente eu mal posso pisar no chão. Meu marido está possessivo e cuidadoso ao extremo, e isso já está me deixando maluca.

— Amor eu posso descer sozinha! — exclamo impaciente todavia, ele apenas sorri.

— E se você bater em algum lugar do carro ao descer? — retruca e eu bufo antes de gargalhar com a bobagem que ele acabou de dizer.

— Olha, minha mãe tinha problemas com a visão, já a minha está perfeitamente bem — falo recuperando o fôlego. — Agora me deixa descer sozinha — peço e ele me solta relutante.

— Mas Boneca, naquele dia que caiu na praia eu fiquei apavorado com medo de você ter... — balança a cabeça.

Viro para ele e dou-lhe um selinho. E enquanto seguro seu rosto, fito o fundo dos seus olhos.

— Eu vou protegê-los tanto quanto você e, aquilo não foi nada Masalom, estávamos nos divertindo e acredito que nem tinha risco de perdê-los, afinal, estava nas primeiras semanas — beijo seus lábios de novo. — Quando esses seus cuidados forem precisos eu mesma irei lhe dizer, entretanto, por hora, estou em perfeita condição assim como eles — aliso minha barriga. — Agora vamos logo que não consigo mais aguardar nem um segundo para encontrar minha amiga — meus olhos enchem de lágrimas. Estou ainda mais emocional depois da gravidez. E só por pensar que consegui ajudá-la, ou melhor, ajudar a todas elas me emociono.

— Vamos sim, querida — concorda e limpa a lágrima da minha bochecha com o polegar.

Saí do carro e ao pisar na calçada olhei para a fachada do lugar onde passei dois dias de terror. Me veio as lembranças de como temi meu marido no nosso — nada agradável — primeiro contato, do qual, prefiro excluir da minha mente.

Nem percebi a aproximação de Masalom. Só vim me dar conta quando ele envolveu o braço em minha cintura e me guiou para dentro do estabelecimento. A primeira coisa que pude ver foi o imenso salão onde fui leiloada e arrematada por aquele velho asqueroso que quase me matou, recordar esse detalhe me fez pressionar o corpo contra dele que me olhou preocupado.

— Pode aguardar lá fora se quiser, Savanah — expõe e eu nego.

— Estou bem, é só que, esse lugar me traz lembranças ruins — explico lançando um sorriso para ele que suspira vencido e continua a me guiar.

— Mandei um dos meus homens dizer a ela para fazer as malas e que aguardasse no quarto, mas não disse qual a finalidade de tudo, para ela não comentar com as outras e todas ficarem afoitas antes da hora, afinal, como disse vou levar um mês para libertar todas sem tumulto... — explica e eu nada escuto, pois os meus olhos e ouvidos bloquearam tamanha é minha felicidade quando vi a Elisa ao longe deixando o quarto.

Corri ao seu encontro com a visão turva pelas lágrimas que se formaram em meus olhos e, ela só percebeu minha presença pouco antes de me jogar em seus braços, mas vi seus olhos arregalarem em assombro e alívio.

— Savanah q-querida, achei q-que estivesse mort...— balbucia enquanto eu só consigo chorar agarrada a ela.

— Eu estou bem. Vim te tirar daqui — articulo com a voz embargada ao conseguir me afastar.

— Como assim, querida? — acaricia meu rosto e enxuga minhas lágrimas. E volta a abrir a porta para me puxar para dentro dos seus aposentos.

Chamo meu marido que nos fitava um pouco afastado e, ele caminha até onde estamos. Ao entramos todos ali apresento-o a ela:

— Este é meu marido, Masalom, ele meio que me comprou — sorrio sem graça por ter que mentir, mas combinei com ele uma história que direi a ela caso esta pergunte. — E ele é o futuro rei da Arábia Saudita — exponho e ela olha entre eu e ele pasmada, então, faz uma reverência. — Masalom vai tirar todas deste lugar dentro de um mês, mas você vai sair agora. E eu tenho um convite a fazer — sorri e caminhei até meu marido me aconchegando em seus braços.

Acariciei a barriga e os olhos dela seguiram meu movimento.

— Nos apaixonamos — anuncio olhando nos olhos do meu amado rei mafioso. — E eu estou grávida de trigêmeos. Queria saber se me ajudaria a passar pela gestação? — pergunto olhando-a, ela sorri em nossa direção com lágrimas nos olhos.

— Eu aceito — concorda sem titubear.

— Ótimo, vocês podem conversar no caminho, precisamos ir — disse meu marido. — Vamos encontrar seu filho Elisa, e enquanto isso não acontece iremos precisar da sua ajuda — fala ajudando-a a carregar as malas quando esta corre para pegá-las.

— Isso é mesmo verdade? Eu vou poder sair

daqui? — indaga minha amiga atordoada e emocionada.

Me aproximo dela e seguro suas mãos entre as minhas.

— Sim é, você vai poder recomeçar sua vida e nós vamos te ajudar a procurar seu filho — falo olhando-a. — Agora vamos embora daqui que você já passou muito tempo trancada neste lugar — sigo meu esposo que já ia na frente com a mala maior.

— Nossa! Parece um sonho do qual eu nunca quero acordar. — Ela diz alegre. — Na noite em que foi leiloada meu coração ficou angustiado, tive medo do que aquele velho sádico poderia fazer contigo e, na manhã seguinte quando fui procurá-la e não obtive resposta, temi pelo pior, e ao passar dos dias fui perdendo as esperanças, deduzi que o pior realmente tivesse acontecido — fala caminhando ao meu lado. — Estou feliz por você está bem, por poder finalmente me ver livre deste lugar e, muito contente com sua gravidez — expressa ao pousar a mão em minha barriga.

— Eu também estou Elisa, e você só veio somar ainda mais nessa felicidade — sorrio para ela que respira fundo assim que deixamos o clube para trás.

— Estou livre para encontrar você, meu filho — murmura para si mesma e me olha com os olhos marejados. — Obrigada por lembrar de mim, querida — agradece e outra vez alisa minha barriga. — Prometo te

ajudar a criá-los com toda dedicação deste mundo — sorri ao falar e eu assinto emocionada.

— Eu sei que vai e, eu nunca poderia esquecer de você — expresso com sinceridade. — Agora vamos que pelo que conheço de meu marido ele já está impaciente — sussurro e ela gargalha quando pisco em cumplicidade.

O motorista abriu a porta da frente para Masalom e a traseira para Elisa e eu depois que colocou as malas no porta-malas. Em todo o caminho de volta para o palácio conversamos animadas sobre tudo que ocorreu conosco, mas eu claro pulei algumas partes desnecessárias, e também, contei que me tornarei rainha daqui a dois meses.

Ao chegarmos no palácio, encontramos a Sarah assim que, saímos do automóvel. Masalom por sua vez me deu um beijo, desejou boas-vindas à Elisa e entrou nos deixando sozinhas. Porém, antes de ir, sussurrou em meu ouvido que me aguardava no nosso quarto depois que eu acomodasse minha amiga.

— Seja bem-vinda, senhora! — escuto minha cunhada dizer enquanto presto atenção ao bumbum do meu marido desfilar para fora da minha vista.

— Obrigada hum... — Elisa gagueja.

— Oh! Deixe-me fazer as apresentações — acordo das minhas divagações. — Sarah esta é Elisa, uma

amiga, e, Elisa esta é Sarah, minha cunhada — gesticulo de uma para outra enquanto articulo.

— Seus olhos são bastante familiares — Sarah observa estreitando os olhos. — Ou talvez seja impressão minha — reflete.

— Impressão com certeza, querida. Não tenho ninguém no país além da Savanah — explica Elisa.

— Acredito que me equivoquei, mas vamos entrar? — inquire e todas seguimos o caminho feito por Masalom há pouco.

Meus hormônios me lembravam a todo instante a intimação que recebi de meu marido e, enquanto estabelecia Elisa no quarto que lhe foi designado temporariamente até meu esposo e eu nos mudarmos, pensava nas safadezas que faríamos.

Sarah e Elisa pareciam amigas de longa data, minha cunhada tagarelava sobre termos que dar início aos preparativos para a cerimônia de coroação pois, a data já estava em cima. E assim que ambas se distraíram, deixei-as sozinhas, e, sorrateiramente sumi, indo em direção ao nosso quarto onde meu marido me esperava.

Ao abrir e fechar a porta, fui pega de surpresa e gritei de susto quando fui prensada nela. Minha boca foi reivindicada com afinco, o que deixou minhas pernas bambas e, senti a umidade entre as pernas aumentar. Suas mãos rasgaram minha saia longa e me ergueram para seu

quadril. Me escanchei nele sem pudor algum e coloquei os dedos entres seus cabelos trazendo sua cabeça mais para perto e assim praticamente fundindo nossas bocas.

— Hum! — gemi quando sua mão afastou minha calcinha e seus dedos encontraram meu centro pulsante e encharcado.

Masalom parecia faminto e nem aparentava ter me possuído de todas as maneiras esta manhã.

Nos devorávamos enquanto ele me levou para cama sem nunca libertar minha boca, eu já estava em chamas e o correspondia com loucura.

CAPÍTULO 04

MASALOM

A necessidade de possuir minha mulher só aumenta, nossa relação fica cada vez melhor com o passar do tempo e, desde aquela noite em que estávamos no Brasil e ela tomou a iniciativa, Savanah passou a ter mais atitude, ser mais desinibida e, seu lado sexual aflorou, trazendo consigo uma mulher sedutora e sexy, prova disto é a maneira como ela acaba de me pegar desprevenido e empurrar-me contra o colchão.

Abri um sorriso rendendo-me a ela que ficou de pé na cama, e diante de mim retirou a roupa que trajava com pressa jogando-a para longe. Logo em seguida minha garota plantou os joelhos no colchão e, me encarando com o lábio entre os dentes engatinhou em minha direção; sorrindo safada até que sentou-se em meu quadril, para ser mais exato, sobre minha ereção.

Minha Boneca cola nossas bocas e me beija com furor, seu quadril rebola sem cessar contra o meu evidente desejo por ela. Eu imediatamente correspondi ao seu fogo prendendo suas nádegas com as mãos, trabalhando também incessantemente com a língua em sua boquinha atrevida.

Ela gemia em minha boca puxando meus cabelos.

— Masalom... — profere impaciente e ofegante pelo nosso recente beijo, ao qual, ela acaba de quebrar.

— O que você quer, meu amor? — questiono abrindo o fecho do seu sutiã.

— Você! — responde sem titubear. — Quero que me faça sua de novo, e de novo, outra, e mais outra vez — sugere me fazendo gargalhar.

— Cumprirei seu desejo com o maior prazer, literalmente — afirmo e jogo seu sutiã para longe. — Te deixarei completamente satisfeita — articulo antes de erguer um pouco a cabeça e abocanhar seus seios.

— Hum, sim... oooh! — arfa totalmente entregue ao momento.

— Gosta disso, amor? — indago dando atenção ao seu outro mamilo.

— Muito, muito, Masalom... hum, você não tem ideia do quanto — murmura excitada ao extremo.

Inverti nossas posições colocando-a embaixo de mim e, separei suas pernas encarando minha mulher que, arfava em expectativa do prazer que posso lhe proporcionar. Passei os dedos por seu ventre e, circulei o umbigo com a ponta do indicador, traçando a linha de

pelinhos quase imperceptível que levava até o centro da sua necessidade a qual, provoquei levemente com os dedos. Ao me sentir espalhando seus sucos por ali ela resfolegou.

— Está tão molhadinha, esposa! — provoco chupando o símbolo do seu desejo que melava meus dedos e ela geme em resposta.

Baixei a cabeça e assoprei seu centro pulsante fazendo minha menina se contorcer, então lambi seus lábios vaginais e, escorreguei até seu canal onde me enterraria logo mais, por enquanto me contentei em enfiar a língua e lhe foder com ela sem pressa.

— Merda! — grita puxando meus cabelos entre os dedos e empurrando minha cabeça de encontro a sua vagina. — Não é o suficiente... — declara sem fôlego. — Preciso de mais.

Retirei minha língua de sua bocetinha palpitante recebendo dela um resmungo rouco em protesto, se não tivesse quase gozando com a visão do seu corpo deliciosamente exposto, provavelmente estaria a gargalhar do seu desespero.

— Calma, Boneca — sussurrei passando a língua nas partes internas de suas coxas. — Vou te dar tudo o que precisa, mas antes necessito provar cada pedacinho do seu corpo perfeito — condicionei de joelhos no colchão, e pus seu dedão do pé na boca.

Faço exatamente o que lhe falei e a beijo, lambo e mordisco desde seus dedos, pé, perna, coxa — sopro sua vagina e pressiono meu nariz entre suas dobras inalando seu cheiro exclusivo do qual nunca canso — e continuo meu caminho por seu abdômen e seios, aos quais, demorei-me um pouco mais; pescoço, lóbulo da orelha, beijo também sua testa e olho, em seguida faço atrito entre nossos narizes, antes de, finalmente, assaltar sua boca que pairava entreaberta.

Savanah se contorcia e arranhava minhas costas diante de sua necessidade. Segurei meu pênis e o guiei a sua entrada, mas não antes de torturá-la um pouco mais.

— Masalom! — balbuciou meu nome quase sem voz e, eu respondi afundando entre suas carnes macias e úmida que quase me fizeram gozar instantaneamente.

Me perdi nela durante horas...

O sol sumia no horizonte quando terminamos exaustos, mas não posso dizer que estávamos saciados. Seu cheiro sutil de pêssegos é meu ponto fraco e, por mais que tenhamos passado toda à tarde juntos basta apenas uma leve brisa surgir e, fazer sua fragrância entrar por minhas narinas que meu camarada se anima. Ignoro minhas partes baixas, por enquanto, e beijo seu ombro. Ela suspira se alinhando ao meu corpo.

Estava tranquilo como as semanas não ficava, era bom parar um pouco e ter para onde fugir, e o melhor, com quem fugir. Acaricio seu ventre e fico me perguntando como eles serão? Será que nossos filhos terão a doçura da mãe deles?

— Estou louca para saber os sexos. — Ela comenta como se adivinhasse meus pensamentos e cobre minha mão com a dela.

— Espero que sejam todos homens — exponho e ela vira em meus braços ficando de frente para mim.

Savanah me olha com as sobrancelhas erguidas formando um pequeno franzido na pele de sua testa.

— Por que todos homens? — questiona brincando com meus cabelos.

— Por que não terei que me preocupar até a eternidade com a segurança deles. Não que homens levem vantagens sobre as mulheres, mas eles têm mais força física. Por que também não terei que proteger sua honra, ou arranjar-lhes casamento — argumento pensando na dor de cabeça que teria caso alguma nascesse como a tia, mas sorrio com a ideia de minhas fadinhas com a cara da mãe correndo e aprontando por aí como a Sarah. — Contudo, se forem meninas serei o pai mais babão e ciumento que você já viu e vou mimá-las muito, você terá que ser a

chata da história — brinco recebendo um sorriso lindo em troca.

— Talvez sejam sortidos — reflete e depois faz uma careta bonitinha. — Sortidos não, ficou parecendo que estou falando de bombons — sorrio e ela me observa pensativa.

— O quê? — inquiro juntando nossos lábios rapidamente.

— Eu estou tão feliz, no início foi inevitável não me assustar com a notícia da gravidez e logo em seguida a quantidade de crianças, mas agora, agora estou um pouco mais calma pois, tenho você, a Elisa e a Sarah para me guiar e ajudar a criá-los, e pode parecer estranho, mas eu já os amo, independentemente de quais sexos serão — declara emocionada e eu limpo suas lágrimas. Ela sorri agradecida.

— Eu também já os amo, não há nada de estranho nisso, afinal... — viro seu corpo e vou beijando desde o seu queixo, o vale entre os seios... até seu ventre onde ela carrega os pedacinhos de nós dois. — Eles estão aqui! — completo e beijo sua barriga.

— Que lindo, meu amor! — funga acariciando minha cabeça na qual deitei ali.

Um silêncio confortável se estabeleceu, trazendo consigo a calmaria deliciosa que só ela tem o poder de trazer a meu corpo, alma e coração. O quebrei

apenas por lembrar de que, com tantas coisas na cabeça, esqueci de comentar com ela algo muito importante para o futuro que, pretendemos construir junto aos nossos filhos:

— Nossa casa ficou pronta, podemos nos mudar quando você quiser — revelo e ela para de afagar meus cabelos, no entanto, em instantes retorna a fazer.

— Sério, meu amor?! Por mim, o faria amanhã. Mas vamos aguardar você ter outra folga. Depois da sua coroação, talvez. Assim poderemos aproveitar um pouco mais nosso lar. Você anda muito ocupado com tudo — fala me deixando orgulhoso do quanto ela já amadureceu em tão pouco tempo.

— Concordo plenamente, minha rainha — elogio e pressiono os lábios em sua barriga, antes de, me ajustar ao seu lado e puxá-la de encontro ao meu corpo. — Depois do casamento iremos para nosso lar. Agora mudando um pouco de assunto, creio que devemos ir tomar um banho e descermos para o jantar, afinal, tenho que te alimentar direitinho agora que você tem que comer por si e mais três.

— Agora não, por favor, marido — protesta manhosa. — É tão bom ficar assim — murmura apertando-se contra mim.

— Eu também acho, mas você esqueceu que trouxe uma convidada, e que, provavelmente, esta quer fugir da doidinha da minha irmã? — questiono e ela

levanta com os olhos arregalados.

Os seus cabelos cor de mel, estão uma bagunça pelo nosso desempenho de agora há pouco, os seios à mostra, revelam que minhas mãos e boca fizeram um belo trabalho dando-lhes aquela cor rosa, quase vermelha, assim como, seus lábios inchados e vários outros lugares onde minhas mãos estiveram.

— A Elisa! — lembra levando a mão a boca, sorrio tranquilo diante do seu desespero. — Que bela anfitriã eu sou, e é tudo culpa sua — acusa correndo para o banheiro, mas volta rapidamente. — Anda, levanta! — ordena e eu que não sou louco de contrariá-la o faço ao meu tempo.

Calçava meus chinelos quando recebi um tapa no braço que me fez praguejar e erguer a cabeça; Savanah me olhava com a mão na cintura e a expressão impaciente.

— Vamos logo, Masalom já ficamos aqui a tarde inteira e você ainda fica enrolando — repreende-me.

Seguro sua cintura e olhando dentro dos seus olhos respondo paciente:

— Calma Boneca, você sabe que a Sarah a distraiu, além disso, alguns minutos a mais não farão diferença. Agora controle seus hormônios que, eu gosto e, sinto tesão, quando você fica brava e, se continuar assim... sair deste quarto vai ser praticamente impossível — beijo

seu nariz e passo por ela que me segue em instantes.

Tomamos uma ducha, e mesmo diante das negativas dela transamos embaixo do chuveiro, para só então, nos vestir apressados para o jantar. Savanah parecia realmente chateada por ter deixado a amiga sozinha por tanto tempo, porém, eu em nada me arrependi de mantê-la cativa só para mim durante toda tarde.

Ela colocava um véu, costume que já aderiu depois das conversas sobre tradições com a Sarah. Segundo ela, estava zelando por meu reinado. Eu por minha vez, estou só esperando ela terminar para descermos.

— Será que ela vai ficar magoada comigo? — pergunta de repente me fazendo suspirar e caminhar em sua direção.

— Claro que não, querida — afirmo erguendo seu queixo. — Você está fazendo tempestade em um copo d'água, vamos descer e você comprova por si mesma que a Elisa está muito bem instalada, e talvez, nem tenha se dado conta da sua ausência levando em consideração a personalidade da Sarah.

— Você tem razão, vamos — concorda e suspira aceitando a mão que lhe estendi.

Juntos seguimos para o salão e como eu havia previsto a Elisa já estava lá com minha irmã, ambas compenetradas em uma discussão que nem nos viram

chegar. Ouvi Savanah respirar aliviada ao meu lado.

— Boa noite! — cumprimentei obtendo a atenção delas para nós e, as duas me responderam uníssono. — Elisa, desculpe por ter prendido minha esposa por tanto tempo. Mas creio que a Sarah te recebeu e apresentou-lhe o palácio?! — digo puxando a cadeira da minha Boneca que se acomoda.

— Oh, não se preocupe! A sua irmã me disse que vocês estavam a muito tempo sem um período livre como casal — expressa.

— Ela está certa. Mas Savanah ficou apreensiva quanto a sua ausência — digo e recebo um beliscão na perna que pairava embaixo da mesa.

Olho para minha mulher que está vermelha de vergonha.

— Sarah já te mostrou o palácio, Elisa? — Ela questionou mudando de assunto.

— Oh, sim! — responde sorridente. — É tudo muito deslumbrante.

— Aconteceu algo, princesa? — inquiro a Sarah após nos servir. E ela que estranhamente não se manifestou desde a nossa chegada me encara. — Está quieta — observo.

— Nada, só estou um pouco cansada.

— Vá descansar então, querida. — Elisa fala

com carinho. — Foi um longo dia. Eu também estou exausta.

— Então vão as duas, que amanhã preciso de vocês — replica minha esposa misteriosa.

— Vamos sim — salienta a Sarah levantando. — Eu te deixo em seu quarto, Elisa.

— Ótimo, pois realmente não sei o caminho ainda — fala divertida. — Boa noite, querida! — vem até Savanah e beija maternalmente seu rosto.

— Boa noite, Elisa, Sarah! — Minha Boneca expõe.

— Alteza! — Me cumprimenta também.

— Só Masalom, por favor — expresso e ela sorri assentindo. — Tenha uma boa noite as duas — respondo e elas vão no momento em que meu telefone toca.

Olhei para minha mulher quando vi escrito no identificador de chamadas o nome do chefe da *Cosa Nostra*.

O telefone celular vibrava em minhas mãos enquanto eu buscava uma forma de atender aquela ligação longe da minha Boneca que me fita com curiosidade aparente. Estou sempre procurando omitir essa parte da minha vida, mas nem sempre consigo, pois, às vezes ela percebe que não estou bem em determinados momentos e

me questiona a respeito. Sempre dou voltas e respostas evasivas das quais ela acaba aceitando.

— Não vai atender? — inquire voltando sua total atenção ao aparelho em minhas mãos.

— Não, depois eu retorno — replico guardando-o de volta no bolso.

— Certo — responde apenas e passa a remexer a comida pensativa.

Me alimentei refletindo sobre o assunto do qual o chefe da máfia *Cosa Nostra* teria a tratar comigo, contudo, ainda assim assimilei o semblante fechado de Savanah. Ao terminar o jantar, subimos ao nosso quarto, ambos calados.

Deixei-a se organizando para deitar e fui ao escritório para retornar a ligação. Estava apreensivo e confesso que um pouco temeroso quando disquei para Pierre Martinez.

— Como vai, Masalom! — cumprimentou-me ao atender.

— Ótimo, mas não creio que este seja o motivo da sua ligação — respondo com o mesmo tom tranquilo no qual ele está usando.

— Não, você tem toda razão. Sabe aquele favor ao qual estava te devendo por ter me dado a cabeça de um traidor entre os meus? — pergunta e logo prossegue

pois, como eu, ele é direto e isso nos tornou tolerantes um para com o outro: — Tive informações valiosas e creio que aquele ataque que, sua esposa sofreu não tratou-se de um caso isolado, ou de um único homem que te odiava, mais sim de que a *Bravta*, a *Cosa Nostra*, a máfia Árabe entre outras grandes estão sob ataques de pequenas instituições que se nomeiam máfias esmagadoras da elite.

— Declaram-nos guerra? — indago pensativo.

— Exatamente. Eu já sei também que você e a *Bravta* estão aliando-se uma vez que, seu amigo assumirá o cargo em breve, o que estou sugerindo é que você me ajuda e eu retribuo.

— Com o quê exatamente? — questiono com um pé atrás, mas confesso, curioso.

— Tenho informações de que eles estão em treinamento para nos atacar daqui há vinte anos.

— Vinte anos? — pergunto descrente.

— Você está duvidando?! — suspira. — Eu também o faria se estivesse em seu lugar. Tenho provas nas quais te enviarei e em breve deverão chegar em suas mãos.

— Tudo bem, quando estiver com elas voltamos a conversar — replico e ele gargalha do outro lado. Tenho absoluta certeza que traga um daqueles seus cigarros antes de se pronunciar:

— Vejo que não me arrependerei deste trato, Vossa Alteza — ouço o tilintar de um copo. — Aprecio sua astúcia. Aguardo seu contato.

Desligo o celular e o jogo sobre a mesa para depois me servir de uma dose generosa de licor. Se realmente há máfias surgindo, e o pior, em busca de prestigio e hegemonia faz sentido que nos ataquem para ganharem visibilidade. O que me deixa confuso é o porquê de Pierre não se adiantar e atacá-los primeiro, ainda mais se vai demorar tanto para eles estarem a nossa altura.

Peguei o meu telefone e pousei o copo vazio sobre a mesa pronto para esquecer por alguns momentos o peso de uma máfia e me concentrar em minha mulher, nem que seja por essa noite apenas.

Caminhava para o quarto quando topo com um Horlom desleixado e bêbado.

— Bom te ver aqui irmão — diz com a voz um pouco embolada. — Tenho assuntos relevantes sobre uma ameaça...

— Amanhã conversamos, Horlom — interrompo-o. — Você está embriagado e é melhor ir tomar um banho e um cochilo — articulo abrindo a porta do seu quarto.

Ele assente antes de ir até a cama e se jogar contra o colchão. Suspiro impotente diante dessa situação

na qual ele se encontra e, faço o restante do meu caminho após ajustá-lo na cama, tirar seus sapatos e cobri-lo.

Ao entrar no quarto tirei toda minha roupa com a intenção de ir dormir junto da minha Boneca e esquecer o mundo fora dessas paredes, todavia, parecia que o meu dia perfeito estava fadado a terminar tempestuoso. Quando ocupei meu lado do colchão que, envolvi a cintura da Savanah, escutei seu choro e senti seu corpo tremer levemente preocupando-me ao extremo. Estiquei o braço e acendi o abajur.

— Qual o problema, meu amor? — indaguei porém, não obtive resposta. — Savanah qual o problema? — repito a questão carinhosamente.

Ela chora e nega com a cabeça.

— Me diga você! Qual o problema? — pergunta me deixando confuso.

— Como assim, esposa?

— Você acha que sou idiota, Masalom!? — Sua voz é calma apesar de rouca e rancorosa. — Acha que por que sou de origem humilde não sei o que se passa? Confiei quando me disse que estava cheio de obrigações, mas se é assim, por que nunca me diz nada, digo com detalhes, detalhes de como foi o seu dia e, o que fez, quando pergunto? Por que não atendeu aquela ligação? Foi por que a tonta da sua esposa nunca iria desconfiar que tem uma amante?

— Por quem me tomas, Savanah?! — expresso injustiçado e sento a libertando do meu aperto. — Essa não é a primeira vez que você sugere algo assim.

— Mas essa é a primeira vez que tenho razões para acreditar que estou certa — retruca baixinho.

— Tudo bem, se você acredita nisso — digo me levantando e visto minhas roupas antes de calçar minhas sandálias.

— O que você está fazendo? — pergunta fungando enquanto se senta recostada a cabeceira da cama.

— Estou indo dormir em outro quarto para te dar espaço, assim você poderá refletir sobre a acusação que acaba de fazer — informo.

— E da qual você nem ao menos tentou se defender — murmura limpando as lágrimas. — De onde venho há um ditado que diz: "Quem cala consente".

Bufo cansado e com a cabeça latejando de dor indo em direção a porta quando ouço:

— Não faz isso comigo Masalom, se tiver alguém me diga agora ou eu nunca vou te perdoar. — Ela chora alto. — Não suportaria.

Relutante continuo meu caminho e sigo para o quarto ao lado no qual estava vazio. No momento estou estressado e não teria paciência para lidar com uma

discussão e, menos ainda, para contar o que venho fazendo nessas últimas semanas, além disso, há uma parte de mim que prefere camuflar este eu para ela.

Olhei para cama e então suspirei deixando o quarto por saber que tentar dormir hoje para mim será impossível. Segui sem rumo pelos corredores quando escutei vozes abafadas, uma masculina e outra feminina as quais, curioso segui com o intuito de ver quem estava conversando durante aquela hora da noite.

Parei em frente ao quarto do meu irmão e bati avisando minha chegada antes de abrir a porta.

— ... e lute, não desista! — Elisa dizia ao meu irmão com a mão em seu ombro e ele assentia veementemente.

Ambos me olharam quando entrei.

— Boa noite, rapaz. Vá atrás da sua felicidade. — Ela beija o rosto dele e se volta para mim que permanecia na porta um tanto deslocado.

Elisa caminha em minha direção.

— Ele teve um pesadelo e eu ouvi seus gritos do meu quarto que fica ao lado, por isso vim ver o que se passava — cochicha para que apenas eu escute.

— Ouviu o que ele falava? — indago apreensivo com a possibilidade dele ter dito algo sobre a máfia.

— São problemas dele, sugiro que lhe pergunte diretamente. — Elisa passa por mim. — Ele precisa de apoio, boa noite — pisca-me um olho e sai.

Encarei Horlom que estava pensativo e distante.

— Curou-se do porre? — brinco indo até ele que olhava o céu pela janela.

— Não como gostaria neste momento — responde e volta sua atenção para mim quando ocupo a poltrona ao seu lado. — Assim que meu corpo estiver cem por cento vou fazer uma viagem por tempo indeterminado, contudo, espero que breve — avisa. — Mas, qualquer coisa é só me ligar e... Masalom?

O observava avaliativo.

— Sim? — questiono o incentivando a dar continuidade pois, estava ouvindo.

— Precisamos traçar uma estratégia quando voltar, um dos nossos confessou sob tortura que servia a uma máfia da qual iria esmagar todas as grandes e, pesquisando a respeito, o infeliz dizia a verdade, há uma grande junção de criminosos se aliando para nos atacar.

— Já fui informado, o capo da *Cosa Nostra* me contatou e quer me propor, acredito que uma aliança.

— Aliança? — balança a cabeça descrente. — Não acreditou nisso, não é mesmo?

— Sim e não. Ele me deve um favor, e está, antes de mais nada, se precavendo. Sabe que Davi assumirá a *Bravta* no lugar do seu pai, e principalmente, descobriu que somos amigos — saliento e ele assente.

— Isso muda as coisas realmente — murmura coçando o queixo reflexivo.

— Posso saber onde está indo? — questiono instantes depois.

— Ainda não. Nem eu mesmo tenho perspectivas de onde irei. Contudo se der certo...

— Se der certo... — incentivo ele a concluir a frase.

— Você verá. — Solta o ar pesadamente. — Mudando um pouco de assunto. Creio que ouvi você dizer que iria dormir.

— Sim realmente disse, entretanto, Savanah e eu discutimos e preferi dar uma volta para espairecer.

— O que fez dessa vez? — inquire estreitando os olhos em minha direção.

— Não entendo por sempre sou o culpado para você, não fiz nada além de calar-me. — Horlom revira os olhos e me olha com as sobrancelhas arqueadas, como se disse "Quer ser mais objetivo?" — Ela quer que lhe relate os meus dias.

— E você não o faz? — deduz e eu assinto. —

Volte lá e dívida com ela suas merdas, se ela te ama como já percebi que faz, não vai te julgar. Acredite que omitir só vai destruir a relação de vocês — aconselha com propriedade e uma maturidade que nunca tinha visto em seu olhar.

— Eu vou, só preciso que ela se acalme e eu também...

Ambos nos calamos. Estou contente por voltarmos a conversar mesmo que ele ainda me prive dos detalhes de sua vida pessoal. Me sinto um pouco perdido, chateado e imponente quanto a ajudá-lo. Será que é assim que minha Boneca se sente toda vez que desvio-me dos seus questionamentos?

— O casamento da Sarah, será quando? — Ele pergunta tirando-me dos meus devaneios.

— Em breve, estamos nos acertando quanto a isso ainda. Como sabe, a mãe dela reluta quanto ao presente que irei lhe entregar após a coroação.

— Manda aquela velha à merda! — dá de ombros me fazendo gargalhar. Sempre fizemos piadas quanto a nossa madrasta. — Velha rabugenta — ri também como há muito tempo não fazia.

— Vontade não falta — afirmo levantando e ele me segue. — Boa noite e boa viagem, irmão — abraço-lhe. — Que seus propósitos secretos se realizem — desejo seguindo até a porta.

— Allah há de permitir — replica confiante.

O deixei e regressei ao nosso quarto decidido a partir daquele momento me abrir com minha esposa. Dizer tudo o que se passar comigo mesmo que tema arruinar o que estamos construindo juntos.

Abri a porta, e, apesar do abajur ligado, o espaço está silencioso e ela deitada. Me aproximo e sento na beira do colchão perguntando-me como cheguei a tal ponto diante do que sinto por essa mulher que agora dorme serena. Não vou dizer que nunca irei traí-la pois, não posso adivinhar ou prever o futuro, todavia, posso afirmar que estarei fora de mim se o fizer. O que sinto por minha garota está além do que posso descrever, tanto que temo um dia assustá-la com as monstruosidades que prático, e assim, perdê-la.

Passei o dedo por seu nariz vermelho, sinal de que, lhe fiz chorar até a exaustão, e suspiro tirando a roupa que trajava para juntar-me a ela, adiando nossa conversa para amanhã.

Me inclinei para beijar seu ventre. Desejo uma noite tranquila e abençoada aos nossos filhos.

— Eles te desejam o mesmo — Savanah acorda e quando vejo seus olhos cheios de lágrimas. Trato de limpá-las.

— Para você também, meu amor — sorrio. — Eu nunca te traí, mas nós podemos deixar essa conversa

para amanhã? — inquiro deitando ao seu lado e puxo seu corpo para mim.

— Eu sei, você sempre foi sincero e me diria se o fizesse. E sim podemos conversar amanhã... — murmura caindo no sono.

Beijo a testa da minha esposa e desligo o abajur, agora sim, um pouco mais leve para dormir. Ajusto-a nos meus braços e ela ronrona se aconchegando em meu peito.

CAPÍTULO 05

SAVANAH

O calor em excesso que estava sentindo acabou por me despertar; na realidade, tal calor era proveniente do corpo do meu marido que, me acolhia entre os braços e mantinha uma de suas pernas por entre as minhas. Me desvencilhei dele e virei-me de frente, com o intuito de levantar, porém não foi isso que fiz pois, me permiti admirá-lo alguns instantes. Ainda era cedo e o sol não tinha raiado, talvez por isso ele dormia, afinal, Masalom sempre acorda cedo.

Na noite anterior chorei bastante, tive raiva quando ele saiu para atender aquela ligação longe de mim, comecei a pensar sobre esses últimos dias e fiquei destruída ao cogitar a possibilidade de estar sendo enganada, milhares de explicações mirabolantes surgiram e foram esmagando minha razão desenfreadamente, traição era sem dúvida a pior delas e a que mais se encaixava nas

suas ações.

Após derramar todas as minhas lágrimas, vi que nada daquilo tinha fundamento, afinal, ele já havia dito que seria sua única esposa, pois via o sofrimento da mãe ao ter que compartilhar o marido com outras mulheres, mas ainda assim, isso não me impediu de ficar chateada, uma vez que, ele está sempre me privando de sua vida. Masalom não me responde como deveria quando questiono como foi o seu dia, ele apenas muda de assunto, também não comenta nada sobre ele, ou o que está sentindo. Tomei uma decisão e para mim chega, não vou mais aceitar respostas pela metade, quero um esposo completo.

— Vai me dizer o que se passa nessa sua cabecinha ou pretende ficar me admirando por horas a fio? — indaga com seu timbre rouco e eu tomo um leve susto.

— Há quanto tempo está acordado? — inquiro jogando minha cabeça de volta no travesseiro.

— Desde que você se afastou — responde e

sorri de lado virando a cabeça em minha direção.

— Ansiava que acordasse com tempo para conversarmos, antes que, precisasse ir — explico e seu sorriso vai aos poucos se desfazendo dando espaço a um longo suspiro.

— Nunca te traí, Boneca — diz antes de mais nada e eu aquiesço. — Quer dizer, não depois que nos envolvemos, pois, quando te trouxe ao palácio ainda estive com outras, nos primeiros dias em que...

— Eu sei, você sempre foi sincero comigo — interrompo-o. Dói ouvir que ele esteve com outras antes de mim, mesmo que ainda não tivéssemos nada. — Fiquei confusa entende? Você nunca me diz nada, então, não me culpe se explicações irreais surgiram — comento olhando-o nos olhos.

Masalom quebrou nosso contato visual e, ergueu a camisa dele que eu usava por minhas coxas até tê-la acima do meu estômago. Estava sem nada por baixo da camisa. Observei seus movimentos em silêncio, sem nenhuma timidez por estar tão exposta diante dele, quando

estamos juntos fico mais desnuda do que vestida e acredito que acabei me acostumando.

— Não te culpei por nada, Savanah, apenas não tinha cabeça para me defender e, naquele momento, optei por sair e deixar que se acalmasse — revela se remexendo até ter sua cabeça deitada cuidadosamente em meu ventre.

— E agora, nós podemos conversar? — pergunto e levo minha mão direita aos seus cabelos.

— O que você quer saber? — indaga segundos depois.

— Tudo, quero que confie em mim como eu faço contigo — respondo sentindo seu cabelo entre meus dedos. — Minha mãe dizia que um casamento de sucesso é aquele onde se vive em conjunto, se compartilha momentos bons ou ruins enfim, que o casamento é para dividir o fardo de toda uma vida — falo e seus olhos procuram os meus antes dele sentar-se no colchão.

Deixei minhas mãos caírem em cima da minha barriga observando Masalom passar as mãos pelos

cabelos, antes de, levantar e colocar a cueca. Sentei também recostada a cabeceira da cama, esperando por alguma colocação dele a respeito do que falei.

— Você está certa, Boneca — articula minutos depois de um silêncio carregado se estabelecer. — Mas há de concordar comigo que o nosso casamento não foi e nem é comum.

— Por que você não me deixa entrar, só estou tentando crescer como me pediu, contudo, assim fica difícil realmente fazer dele uma coisa boa para ambos — digo exasperada.

— Eu só estou tentando te privar do meu verdadeiro eu, você não me conhece totalmente, Savanah, e isso não é algo ruim — expõe andando até a janela.

— Então me deixa te conhecer, por que eu te amo e quero saber tudo que lhe diz respeito — retruco suavemente.

— Será que ama mesmo? — murmura de modo quase inaudível mas, consigo ouvi-lo e foi como receber um tapa.

— Você dúvida de mim e dos meus sentimentos? — indago e não consigo prender as lágrimas que teimam em cair.

— Não Boneca, não foi isso que... o que eu quero dizer é que você ama a parte de mim que você conhece, eu nunca duvidei de você ou dos seus sentimentos — explica se virando para mim.

— Quando o amor acontece, não se ama pela metade. Ama-se o todo, Masalom. E o meu coração não te escolheu por acaso — fungo.

Ele se direciona a paisagem da janela outra vez.

— Receio que você repense seus sentimentos Savanah, receio que... tudo bem, quer saber o que fiz todos esses dias? Eu estrangulei um homem, cortei outro em pedacinhos, torturei outro até a morte, distribuí drogas e prostitutas, abri casinos, e tudo de ruim que você possa imaginar eu fiz — desabafa como se odiasse a si mesmo e confesso que me vejo assustada.

Levanto e rapidamente o alcanço envolvendo

minhas mãos por sua cintura. Masalom não retribuiu como sempre faz ele apenas permanece quieto.

— Não te mereço, não mereço nossos filhos, não mereço a confiança do meu povo — prossegue proferindo com amargura. — Mas, você trouxe de volta em mim, sentimentos já escassos quando sentia algo apenas por meus irmãos, você me trouxe um pouco de paz e harmonia, e eu me agarrei a isto, me agarrei a você e não posso te deixar ir...

— Eu não vou a lugar nenhum, e não diga que não merece ser amado, meu amor, nós já falamos sobre isso, e eu repito, todo mundo merece ser amado — digo ao interrompê-lo e circulo seu corpo parando diante dele.

— É quase como beber água, Boneca, tão comum quanto. Eu sou monstruoso, eu me tornei um ser desprezível. Mas não pense que estou reclamando, por que eu não estou. Esse sou... eu — murmura e àquela altura eu chorava. Droga de hormônios desenfreados...

— Não diz isso, por favor... só o fato de você se importar te faz humano — me agarro a ele o abraçando

com força.

— Mas não apaga o que eu fiz e faço — retruca envolvendo minha cintura com força e coloca o queixo sobre minha cabeça.

— Eu... não se aborreça comigo por favor, foi sem querer... Masalom, eu encontrei seus diários e... e eu li uma parte de um deles. Você era apenas um garoto, meu amor, você foi praticamente forçado a esta vida — confesso com o intuito de consolá-lo.

— Você encontrou meus diários? — questiona descrente ao me soltar do seu abraço.

— Sim encontrei, naquele dia em que passei mal e você me levou ao seu antigo quarto — explico limpando meu rosto.

— E você leu? — inquire em seguida.

— Sim a curiosidade foi mais forte que eu — brinco mas, ele não sorri pelo contrário ele se afasta e caminha a passos largos para o banheiro me deixando plantada no lugar.

Quando por alto entendo o que está acontecendo, corro atrás dele, todavia, a porta do banheiro estava trancada.

— Masalom! — chamo mas, não obtenho resposta. — Masalom! — chamo outra vez. — Desculpe, meu amor, eu não imaginava que ficaria bravo, estamos compartilhando lembra? — falo aflita, porém só ouço a água do chuveiro caindo. — Querido... — suspiro.

Resignada fui em direção a cama e me sentei afinal, só me restava aguardá-lo sair. Enquanto o tempo passa eu me repreendo mentalmente por ter dito sobre os diários naquele momento.

Foram longos minutos até ele sair do banheiro envolto em um roupão e sem me dar a oportunidade de dizer nada se encaminhar até o *closet*.

— Amor eu... — tento explicar como achei os diários, porém, ele não me dá ouvidos e, se veste apressado. — Masalom me ouve, por favor eu... — tento outra vez, no entanto, paro quando ele passa por mim para regressar ao quarto. — Meu amor?! — exclamo quando

este sai fechando a porta.

Levo a mão a boca para conter o soluço que rasga meu peito, mas é em vão.

— Merda! Como sou idiota! — esbravejo comigo mesma enquanto choro.

Volto até a cama e buscando uma maneira de aliviar minha barra por ter lido o que não devia e, deixo as lágrimas caírem livre. Instantes depois — o que pode ter sido minutos ou horas — levanto decidida a fazer minha higiene matinal.

Escovei os dentes e fui tomar banho sentindo falta das mãos do meu marido passeando pelo meu corpo enquanto o ensaboava, do sexo duro que fazemos quando temos tempo... suspiro frustrada com minhas atitudes descontroladas, onde já se viu estar chorando a instantes por ter deixado meu esposo com raiva e agora estar sorrindo enquanto penso nos nossos momentos íntimos?

Vou me secar e em seguida vou ao *closet* procurar o que vestir para ir ver a Elisa e conversar um pouco com minha cunhada. Sobre Masalom, percebo que

não há muito o que fazer, só posso esperar que ele me perdoe e entenda, quanto a suas acusações para consigo mesmo vou fazê-lo se enxergar de outra forma.

Visto um vestido longo branco e, após pentear meus cabelos coloco um véu na cabeça, hábito que adquiri com as aulas que estou tendo com a Sarah. E após me perfumar desço para tomar café junto a elas, visto que, o relógio no móvel perto da cama mostra que ainda está em tempo para tal momento.

No salão de refeições, as encontrei como tinha previsto que faria. Nosso café foi regrado a discussões sobre a coroação, coisas como, convidados e trajes. Enfim, a conversa estava boa e o tempo passou voando. Foi bom ver a Elisa sorrir com as maluquices da Sarah, no entanto, aquilo também me deixou exausta e eu deixei as duas, três horas após o almoço para ir tirar um cochilo.

Dormi das quinze horas da tarde até despertar na madrugada do dia seguinte com minha barriga reclamando de fome. O mais estranho era o frio e vazio que sentia quando abri os olhos e me deparei sozinha

naquela cama gigantesca. Masalom não veio dormir? Questiono em pensamentos e franzo o cenho.

Levanto preocupada e me apresso em colocar minha roupa do dia anterior para ir atrás de informações sobre meu marido. Atravessei os corredores largos e intimidadores, e ao passar pelo escritório dele percebi de relance que a porta estava entreaberta e por ter passado um pouco desta voltei alguns passos. Observei o interior da sala e como estava escuro resolvi entrar.

Percebi que Masalom dormia sobre alguns papéis que estavam sobre sua mesa quando acendi a fraca luz de um abajur. Ao lado do terno cinza chumbo jogado sobre a mesa de madeira lustrosa, ele está curvado, sua cabeça repousa sobre um dos braços, o cabelo totalmente bagunçado, a camisa branca amassada. Suspirei indo até ele e sacudi seu ombro levemente, com o intuito de acordá-lo para que, este fosse dormir no quarto confortavelmente.

— Meu amor, acorda! — falo quando ele vira a cabeça para o lado oposto a luz. — Masalom, vem,

levanta! Aqui é desconfortável — insisto e ele finalmente pisca aturdido, talvez por ter acordado depois de ficar tanto tempo de mau jeito.

Ele alonga o pescoço e olha para o relógio de pulso.

— Boneca? O que faz acordada a esta hora? — questiona esfregando os olhos.

— Senti fome, então percebi que não estava na cama e fiquei preocupada — respondo o fitando. — Você me perdoa pelos diários? — inquiro o que queria saber desde que ele saiu naquele rompante do quarto.

— Não há nada para perdoar, eu só, eu descrevo meus dias naqueles diários e, me envergonha o fato de alguém ter lido — expõe suspirando e, talvez isso explique sua pressa e o fato dele não ter me dirigido um olhar, naquele momento em que, o segui tentando me explicar. — Mas, você está certa mais uma vez, devemos compartilhar nossas vidas e como já havia prometido a algum tempo atrás, vou tentar ser um bom marido e um bom pai — replica juntando os papéis e levantando. —

Agora deixe-me alimentar minha esposa às duas da manhã — brinca vindo ao meu encontro.

Meu marido parece distraído enquanto caminhamos de mãos dadas em direção a cozinha. Caminhamos pelos corredores que quase não acabam mais, descemos as escadas largas, voltamos aos corredores, e nada dele falar algo.

— Eu não li tudo, foram só alguns trechos — exponho quando o silêncio dele me incomoda.

Meu marido me olha por alguns instantes e suspira olhando para frente outra vez.

— Não há nada com que deva se envergonhar, Masalom, eu é que não devia ter lido nada — continuo enquanto caminho sabendo que estamos a passos do nosso objetivo.

Quando chegamos a cozinha que tanto amo ele acende as luzes e como sempre fico encantada com o tamanho dela, um único salão enorme que é o sonho de qualquer pessoa que ame culinária, a maioria das paredes possuem armários recheados de utensílios, tudo banhado

em ouro, a luz que parte do enorme lustre de cristal que fica dependurado bem ao meio do teto oval faz o dourado de tudo refletir, é como um sonho! Um grande forno tipo aqueles utilizados antigamente para fazer pães, pizzas, ou assar carnes. Uma grande mesa do lado esquerdo, balcões, pias, fogões, geladeiras, tudo do lado direito.

Seguimos para as geladeiras e, quando Masalom abre uma delas eu vejo um bolo de chocolate que entre tudo que há ali me chama a atenção. Lambi os lábios em expectativa.

— Eu quero uma fatia deste bolo — expresso apontando e ele assente retirando o deleite da geladeira.

— Desculpe por minhas ações hoje mais cedo, Boneca, foi difícil saber que além de mim alguém conhecia meu interior, das minhas fraquezas e força, dos meus rancores — expressa cortando o bolo e o depositando em um prato que ele pegou em um dos armários.

— Eu entendo, agora pelo menos eu o faço — sorrio para ele que anui e me entrega o bolo.

— Além disso, teve algo que me incomodou — diz enquanto caminhamos juntos até a mesa.

— O que? — inquiro ao sentar em uma das cadeiras, ele também o faz e fica me observando comer.

— Aquele abraço que me deu de repente quando deixamos o quarto foi logo após ter lido os diários não foi? — pergunta e eu aquiesço antes de lamber o chocolate do canto da minha boca. — Foi o que pensei — concluiu cabisbaixo.

— O que quer dizer com "foi o que pensei"? — questiono dando ênfase ao trecho fazendo o sinal de aspas com os dedos.

— O que diz sentir por mim pode ser consequência do que relatei nos diários — expõe e eu reflito qual seria sua intenção, o que ele realmente quer me dizer e confesso que em nada me agrada minhas teorias.

— Isso de novo, Masalom? Não te amo por pena muito menos por causa do seu passado, te amo por que suas ações me levaram a isso. Não coloque falsos

pensamentos em sua cabeça e, por favor, não faça isso conosco.

— Isso o quê? — inquere observando-me com uma ruga sutil entre as sobrancelhas.

— Tentar a todo custo buscar motivos para duvidar dos meus sentimentos — explico exasperada pela dificuldade que ele tem para compreender que eu o amo.

— Eu não... — tenta argumentar, mas cala-se quando procuro sua mão em cima da mesa.

— Posso te pedir algo muito importante para mim? — indago receosa com o que pretendo propor.

— Pode, Savanah. — concorda levando minha mão aos lábios.

— Sei que é pedir muito mais eu vou fazer mesmo assim, sinto que precisamos disso — falo e ele ergue a sobrancelhas me incentivando a prosseguir. — Masalom a partir de manhã eu quero ser seu diário, quero que me conte tudo o que for demais para você, quero que confie a mim seus desejos e medos mais profundos — exponho objetiva e ele solta um longo suspiro antes de

colocar uma das mãos sobre a minha.

— Não sei se vou conseguir fazer isto, mas eu posso tentar. Os diários me acompanham desde criança e vai ser difícil abandoná-los assim tão rápido — replica passando o polegar no dorso da minha mão.

— Não precisa ser imediatamente, comece aos poucos me diga apenas até onde sente-se à vontade para falar, quanto aos diários não precisam ser abandonados contanto que me deixe saber o mesmo que eles.

Ele anui pensativo.

— Só mais uma coisa... não quero que fuja a cada desentendimento que tivermos, me sinto muito mal quando discutimos e prefiro dialogar assim que acontecer — peço ao pousar o garfo sob o prato.

Ele concorda com a cabeça novamente e aponta o queixo para o prato onde havia apenas farelos e um pouco de chocolate.

— Quer outra fatia ou podemos ir deitar? — indaga esticando o braço para limpar os resquício de

chocolate da minha boca com o polegar.

— Podemos ir, estou satisfeita.

Ele levantou e colocou o bolo de volta na geladeira e o prato em uma das pias enquanto eu o observava de longe ainda sentada. Em seguida veio em minha direção e eu me ergui da cadeira. Regressamos ao quarto comigo sendo guiada por seu braço que pairava em meu ombro.

— Estou ansiosa para que chegue logo amanhã e tenhamos conhecimento dos sexos de nossos bebês — exponho lembrando que ele tinha marcado o exame ultrassom onde saberemos os sexos dos bebês, isso se eles cooperarem.

Masalom sorri para mim e o seu sorriso tem o poder de varrer o peso na minha consciência e coração, saber que chegamos a um consenso para nosso desentendimento também.

— Não mais que eu — revela enquanto abre a porta do quarto para entrarmos.

Fomos direto ao banheiro onde tomamos uma

ducha, escovamos os dentes e voltamos ao quarto. Empurrei as cobertas do meu lado da cama e vi meu marido fazer o mesmo, deitei feliz e fiquei radiante quando ele rodeou minha cintura com o braço e levou-me para perto do seu corpo quente e másculo. Diante daquele dia de tantas conversas sobre passado acabei lembrando do nosso primeiro beijo depois deste gesto tão característico.

Naquele dia acordei com uma grande mão espalmada em minha barriga em um gesto possessivo, minhas costas estavam como agora, recostada a um peitoral duro e definido, em outras palavras, uma parede sólida de músculos, havia também pernas extremamente rígidas e grossas por entre as minhas. Todo aquele corpo recostado ao meu teve o poder de fazer meu corpo inteiro estremecer.

Arrepios eclodiram quando senti sua respiração na minha nuca e um calor no qual eu nunca tinha sentido brotou em meu ventre, aquele foi meu primeiro contato com um homem na vida, seu calor e

cheiro eram novidades e recordo como se fosse hoje, a forma como meu coração palpitava descontrolado e a surpresa pela descoberta da sensação do meu sexo pulsando enquanto líquidos extremamente quentes escorrerem de dentro pra fora dele, minha respiração acelerada como se tivesse corrido uma maratona, o seu membro rígido contra minha bunda.

Lembro que dei um jeito de me erguer e lhe olhar prendendo a respiração enquanto tentava ver se ele estava acordado. E para meu desespero nossos olhares se cruzaram me deixando abalada até o último fio de cabelo. Ele estava definitivamente acordado, e olhava para mim com uma intensidade sobrenatural.

Nos encaramos em silêncio e eu deveria estar apavorada por me encontrar tão próxima a um homem, ou melhor, aquele que via como um assassino de forma tão vulnerável, porém por incrível que pareça não estava, havia sim aquela sensação de perigo, nervosismo e aflição, no entanto, também tinha um clima harmonioso e de excitação que pairava entre nós.

Ele ergueu uma das mãos os olhos ainda nos meus me avaliando e então com o dorso da mão ele acariciou o meu rosto com tamanha gentileza e afeto que só me restou fechar os olhos apreciado a carícia. Meu lado racional gritava para me afastar e correr, mas meu lado sentimental aquele ao qual atendi fielmente me instruiu a aceitar o toque de bom grado talvez por que desde a Elisa não soube o que era um toque de afeto.

Estava tão perdida em minhas conclusões que só senti sua proximidade pouco comum para mim quando a respiração quente do mesmo bateu contra o meu rosto. Meu coração quase saltou do peito de nervosismo, meu interior trava uma batalha, uma vez que minha mente mandou afastar-me, mas meu corpo me pediu para fazer o contrário e me aproximar mais.

Eram tantas perguntas, tantas dúvidas. Pareceu uma eternidade o que deve ter sido apenas alguns segundos que antecederam seus movimentos extremamente calculados de toques sutis aos quais eu nunca vou esquecer, sua boca beijando minha bochecha

demoradamente, meu nariz, meu pescoço, mordiscando minha orelha, e sucessivamente nossos lábios pressionados em uma união única.

Sua boca era quente e convidativa ao movimentar-se contra a minha, lentamente, como se tivesse receio de machucar-me. Perdida naquelas sensações desconhecidas, mergulhada em seu aroma masculino, levei segundos até assimilar que uma de suas mãos foram em direção as minhas costas subindo e descendo em um rastro de fogo e a outra que estava no meu rosto subiram por minha nuca e adentaram meus cabelos me levando de encontro ao seu corpo másculo, tais movimento me levaram a ficar sobre ele e ter minhas próprias mãos tateando aquele peitoral irresistível.

Então como se para me enlouquecer ele passou a língua por entre meus lábios, implorando por passagem no entanto, eu congelei como uma estátua de gelo ao perceber que não sabia o que fazer, afinal, aquele era o meu primeiro beijo...

— Ouviu o que disse, Savanah? — questiona

afastando minhas lembranças. Virei em seus braços e me acomodei confortavelmente naquela posição para só então erguer minha mão até sua bochecha. — Estava revivendo nosso primeiro beijo em minha memória — explico acariciando seu rosto. — Sobre o que você estava falando?

— Nada importante, deixa para lá — sorriu dando um tapa erótico e brincalhão em minha nádega no qual me faz gemer. — Aquele seu beijo me deixou duro, pena que você correu aos prantos para o banheiro — comenta olhando o fundo dos meus olhos.

— Eu não sabia o que fazer, e quando vi você rir de mim fiquei com vergonha, magoada, e frustrada por não ter sido como imaginava, por você ter debochado ao invés de me instruir — exponho e suspiro em seguida. — Te xinguei horrores no banheiro, não queria sair dali para não ter que te encarar.

— Sua inocência ainda me surpreende às vezes — comenta e seu rosto se enterra em meu pescoço o cheirando. — Na verdade eu fiquei encantado contigo,

estava quase te fodendo, tamanho era meu desejo e não pude conter o riso quando declarou que aquele era seu primeiro beijo, seu nervosismo era tão aparente. Sua meiguice e pureza me desnortearam, naquela hora pensei: Se um beijo causou nela tanto pavor imagine se eu lhe pegasse da maneira como meu membro ansiava. Foi por meus pensamentos sujos que ri não por sua inexperiência — explica mordendo o lóbulo da minha orelha.

— Hum, como... poderia saber que este foi o motivo do riso? — inquiri entre arfadas pois cada investida de sua língua e dentes em minha pele acendiam chamas em minha vagina.

— Não sei... — responde voltando a pôr a cabeça no travesseiro. — Agora vamos descansar por que temos um compromisso amanhã cedo — diz simplesmente como se não tivesse incendiado meu corpo de desejo.

Estreito os olhos em sua direção enquanto levo a mão até minha buceta onde melo os dedos com meu suco e os elevo diante do rosto dele que sorri de lado.

— Não vai me deixar neste estado vai? —

questiono irritada e ele sacode os ombros em descaso. — Masalom... — imploro necessitada e faço a festa quando este puxa meu pulso e coloca meus dedos lambuzados na boca.

— Vou. Dormir excitada é seu castigo por ter lido os diários sem meu consentimento.

— Mas eu achei que... tivéssemos resolvido isso — retruco praticamente suplicando para que faça sexo comigo.

— Não senhora, decidi aceitar suas decisões, contudo, não vi nada neste acordo que me beneficiasse — contradiz o cafajeste.

— E dormir de pau duro te beneficia onde? — questiono exasperada e o safado gargalha. — Isso não se faz com a mãe de seus filhos — murmuro virando as costas para ele.

— Está tarde Boneca, você precisa dormir. — Se remexe no colchão. — Amanhã faço amor contigo a noite inteira, prometo. — Nos cobre e eu suspiro vencida quando o meu corpo relaxa e sou outra vez acolhida nos

braços do meu marido. — Boa noite, linda.

— Boa noite, amor — desejo e agora posso fechar os olhos e mergulhar no mundo dos sonhos sem aquela sensação de que falta algo para que realmente durma em paz.

CAPÍTULO 06

MASALOM

No alto, logo pela manhã a nossa maior estrela nos agracia com sua presença imponente, e por consequência, a temperatura sobe e o calor dar o ar da graça, pois, no verão, época do ano em que nos encontramos as temperaturas são altíssimas. O engraçado é que no inverno a mudança climática é brusca e o frio aparece, tudo devido as grandes amplitudes térmicas do deserto.

Estamos a caminho de Riad. A nossa capital é uma cidade construída em meio a imensidão de areia chamada deserto. Hoje a visibilidade está um pouco comprometida por consequência da tempestade de areia que passou por aqui esta madrugada, contudo, ainda assim, é possível ver um dos marcos da cidade de Riad, o arranha-céus Kingdom Centre. Um edifício com 41 andares e 302 metros de altura.

A médica de Savanah nos aguardava naquelas redondezas, mandei buscar a mulher na Itália pois, ela é considerada a mais renomada ginecologista e obstetra do mundo e, minha Boneca merece ser acompanhada pela

melhor. Ordenei a um dos meus homens, para acomodar a doutora em um hotel da cidade e, ele disse tê-la hospedado ela no Al Faisaliah Hotel, pedi também que, conseguisse tudo que ela necessitasse para atender minha garota ali mesmo.

Minha mulher dorme com a cabeça em meu peito neste momento, acredito que cansada por ter interrompido o sono esta noite. Ela estava dormindo bastante ultimamente. Confesso que também dormiria caso tivesse uma forma confortável para fazer isso, afinal, o trânsito está caótico e eu estou ficando impaciente com aquela lentidão, ou quem sabe, é a minha ansiedade por chegar logo ao nosso destino se deva ao fato de que não estou conseguindo controlar minha ânsia por saber os sexos dos nossos filhos.

Inalo o aroma delicioso que parte dos cabelos de Savanah e levo a mão a sua barriga, na qual, já se pode ver e sentir o contorno de um meio círculo. Minha menina estava na décima nona semana e, talvez nem consigamos ver se serão meninas ou meninos, mas espero que sim, não quero ter que esperar mais. Inclusive planejei levar minha esposa para nossa casa na volta, e assim, irmos nós mesmos ajustando o quarto deles. Mas isso só será possível se descobrirmos os sexos.

Quando enfim o veículo parou, o motorista veio me avisar que chegamos, agradeci e disse que sairíamos em alguns minutos. Beijei o topo da cabeça da

minha Boneca e levei uma das mãos até sua bochecha para acordá-la. Chamei seu nome algumas vezes até obter um murmúrio preguiçoso em resposta.

— Chegamos, amor — expliquei e ela piscou as pestanas lentamente. — Vou colocar seu véu enquanto você desperta completamente — falei puxando o tecido dobrado do banco e coloquei em sua cabeça.

Ela se espreguiçou e saiu do meu colo sentando no banco do carro. Abri a porta e o vento quente bateu contra meu rosto que estava habituado a temperatura vinda do ar condicionado do carro. Ignorando o calor ajudei minha esposa a descer do automóvel. Com ela de pé ao meu lado, sustentei seu corpo pela cintura e juntos entramos no Al Faisaliah Hotel onde a maioria dos hóspedes são turistas.

Pedi informações a recepcionista sobre o número do quarto onde a médica estava e, ela fez questão de nos levar até a porta do cômodo. Bati na porta e uma senhora de meia idade, baixinha e trajada com roupas tipicamente europeias a abriu nos lançando um sorriso simpático.

— Altezas... — fez uma breve reverência. — Entrem por favor — disse em inglês e minha garota me olhou confusa.

— Obrigada. Minha esposa é brasileira e só fala o português vou precisar traduzir o que a senhora

disser para ela entender — explico para a médica que sorri compreensiva e assente. — Ela pediu que entrássemos, Boneca — falo para Savanah e ela concorda.

Entramos na sala ampla e moderna, dali da entrada pude ver uma porta do outro lado que provavelmente leva a um quarto, em uma das laterais dois sofás estão em paralelo, próximo a um deles uma pequena mesa de vidro que ostenta um vaso, e do outro lado, uma poltrona sobre um grande tapete preto com detalhes em verde virada para as duas janelas de vidro com vista para a cidade.

— Como vou me consultar com alguém que não fala minha língua? — minha esposa cochicha em meu ouvido quando a mulher está distraída fechando a porta.

— Serei seu tradutor particular — respondo ao lhe lançar uma piscadela que a faz rir abanando a cabeça em negação.

O som do salto da médica se faz presente quando ela caminha indo em direção a um dos sofás que ornamenta o espaço.

— Sente-se alteza, quero que exponha as suas dúvidas e as da sua esposa para que assim eu possa esclarecê-las, e, é claro, ficar por dentro de tudo — explana apontando o sofá paralelo ao que ela estava a ponto de sentar.

Savanah olhava entre mim e a mulher tentando

decifrar o que conversávamos. Apontei para o sofá e sua face se iluminou em compreensão. Nos encaminhamos para ele e nos acomodamos, só então a mulher permitiu-se sentar.

— Dra. Alessia Pellegrini não é? — inqueri para ter certeza de que era aquele seu nome e ela aquiesceu cruzando as pernas me olhando com atenção. — Savanah tem andado um pouco sonolenta, no início quase todas as suas manhãs eram no banheiro vomitando mas, isso já não é mais um problema — replico ao procurar a mão da minha esposa e colocá-la emaranhada a minha sobre minha perna.

Nos entreolhamos e ela sorriu levemente.

— Ela está um pouco emocional também, anda um pouco carente e isso resulta em muito sexo, e, seu apetite está se intensificando, o que eu acredito ser uma boa coisa... creio que seja só isso — concluo e a tal Alessia sorri encantada nos fitando com carinho.

— Você é observador — comenta pensativa. — Não é comum um homem ser tão atento as fases da gravidez de sua mulher.

— Na verdade, eu acho que estou mais ansioso que ela, por isso anoto cada pequena coisa em um caderno — revelo e passo a mão no rosto para aplacar a coceira incomoda que a minha barba crescendo causava. — Então isso tudo que acabo de relatar é comum?

— Sim é, temos apenas que ajustar essa questão alimentícia, e sobre o enjoo, poderia até passar algo que ajudasse, contudo, pelo tempo de gestação ele já irá desaparecer naturalmente. E, de resto está tudo na mais perfeita ordem — informa gesticulando. — Questione a ela se tem alguma preocupação ou pergunta — pede procurando algo com o olhar e em seguida levanta. — Vou pegar minha maleta enquanto fala com ela e depois podemos seguir para a próxima etapa.

— Certo — concordo observando ela ir em direção a porta que agora confirmei ser um quarto.

— O que vocês falavam? — minha Boneca indaga baixinho e eu não evito gargalhar por tal gesto. Volto minha atenção para ela.

— Pode falar normalmente, Savanah. Mesmo que ela ouça não irá entender — digo e ergo nossas mãos até meus lábios para beijar a dela vendo minha esposa anuir. — Ela me pediu para atualizá-la sobre sua gestação e eu respondi contando um pouco de como vem se sentindo desde que soubemos da gravidez.

— E é normal todos esses sintomas? — questiona passando a mão livre por meus cabelos.

— Sim, só sua alimentação que ela disse ter que ajustar — articulo fitando o fundo de seus olhos cor de mel. — E por fim, a doutora mandou te perguntar se você quer saber algo — explico e ao vê-la parar para

refletir com os lábios franzidos não resisto roubar um selinho dela rapidamente.

— Para Masalom! — murmura enquanto procura ver se a médica tinha nos visto e ao perceber que não se voltou em minha direção outra vez. — Eu só preciso saber se eles estão bem, depois no palácio você me diz tudo o que ela falar.

— Tudo bem se você prefere assim — concordo e outra vez nós ouvimos os saltos da Alessia batucar no piso nos avisando que ela estava voltando.

Quando a médica reapareceu no nosso campo de visão com sua saia longa cinza e uma blusa de mangas longas portava uma maleta na qual, depositou na mesa de vidro que ostenta um vaso. Retirou do um bloco de notas dali e caminhou em nossa direção com um tecido branco. Ela entregou o tecido a Savanah que lhe lançou um sorriso tímido.

— Vamos a ultrassom? — inquiriu animada. — E então alteza, sua esposa tem alguma dúvida? — perguntou regressando até a mesa onde começou a vasculhar sua maleta.

— Vamos sim, estou aguardando este momento há dias, e não, ela não tem nenhuma — respondo as duas questões de uma só vez.

— Se é assim pode levá-la para se vestir e assim que ela estiver pronta me chame por favor —

aponta para o tecido que minha Boneca segurava enquanto explicava. — Pedi que o rapaz no qual designou a me ajudar para estabelecer o aparelho e equipamentos no quarto, então, pode levá-la para se trocar lá — prossegue e aponta a porta do cômodo ao qual ela tinha estado a pouco.

— Certo, obrigado — respondi a ponto de comemorar por aquele momento enfim ter chegado e apertei a mão da minha mulher que me encarou no mesmo instante.

— O quê? — indagou confusa.

— Você tem que vir comigo até o quarto pois, vamos fazer a ultrassom para saber o sexo — anuncio em êxtase e, ela ri da minha pressa quando nos colocamos de pé e eu praticamente arrasto em direção ao local indicado pela doutora.

Coloco Savanah para dentro do quarto e fecho a porta.

— Masalom nós aguardamos até agora, para de ser bobo que uns minutos a mais uns minutos a menos não vão fazer diferença — diz com seu jeitinho delicado.

— Eu sei que não, todavia, estou agitado — passo as mãos pelos cabelos e ela puxa o véu antes de dobrar e colocá-lo sobre a cama. Savanah quebra a distância que nos separava me abraçando.

— Eu te amo — sussurra e se afasta um pouco para me olhar. — E estou tão ansiosa quanto você, mas tento ser paciente e aproveitar cada instante, sem pressa.

— Você tem razão, vou procurar controlar essa aflição da impaciência em meu peito — concordo e abaixo um pouco o pescoço para deixar um beijo em seus lábios.

Minha Boneca coloca a mão na minha bochecha após o beijo sutil que não passava de um toque e em seguida vira de costas.

— Me ajuda a abrir o zíper? — pede olhando para mim por cima do ombro.

Procurei o tal zíper e logo que o achei o puxei para baixo desnudando a parte superior do seu troco. Não pude evitar dar uma mordida na pele macia do seu ombro. Ouvi sua respiração alterar-se. Afetada ela se afastou e se desfez totalmente do vestido. Savanah se troca enquanto averiguo o cômodo e vejo a tal máquina do lado direito da cama.

— Pronto, feito, marido — replicou brincalhona quando estava pronta e eu assenti.

— Vou chamar a médica — falei e alcancei a porta, mas não antes de vê-la morder o lábio inferior e afagar a barriga.

Saí do cômodo e encontrei a senhora no

mesmo lugar que havíamos deixado.

— Doutora?! Já pode vir — chamei e ela sorriu ao aquiescer.

— Certo, só um instante — disse guardando suas coisas e em seguida veio até o quarto passando por mim.

Acompanhei seus passos logo atrás. A médica foi direto até a máquina e ocupou uma cadeira que tinha ali enquanto eu passei o braço na cintura de Savanah.

— Traga ela e peça que se deite, por favor. — A doutora pediu concentrada.

— Vem Boneca! — guiei Savanah que respirou fundo antes de nos aproximarmos.

Auxiliei-a a deitar e ambos olhamos para médica que colocava os óculos dos quais não fazia ideia de onde ela tinha tirado.

— Vamos começar, papai — informa levantado a veste de minha Boneca que a fitava com atenção. — Que tal ouvirmos os batimentos cardíacos? — sugere e eu assinto afoito.

O som preenche o espaço instantes depois e, minha Boneca sorrir em minha direção no mesmo momento em que, uma lágrima escorre por sua face.

Ouvimos aquele pulsar rápido com atenção.

Com a barriga exposta deixei de observar o

que Alessia fazia e circulei a máquina para poder segurar a mão da minha Boneca. Quando voltei a digitalizar os movimentos da médica, percebi que ela já olhava com atenção a tela enquanto passava um objeto na barriga de Savanah.

— Eles estão se desenvolvendo muito bem, o tamanho do crânio está normal, do fêmur... Osso do nariz presente... Não há sinal de polidactilia, ou síndrome de down... — comenta concentrada na tela. — Não há nada com que devamos nos preocupar. Os três estão bem.

Olhei para Savanah sorrindo de orelha a orelha.

— E os sexos, doutora vamos conseguir ver hoje? — indago apertando a mão da minha esposa aguardando uma resposta.

— Vamos ver... — apertou a barriga da minha mulher, repetiu o processo algumas vezes. — Olha só! Um deles mudou de posição — anunciou.

Quase dou um grito de alegria, mas me controlo.

— E então, menino ou menina? — inquiro fitando minha mulher que sorria em minha direção mesmo que não estivesse compreendendo nada do que falávamos...

A doutora sorriu devido a minha impaciência

e circulou o objeto no abdômen avantajado da minha mulher.

— Temos aqui uma menina — disse apontando a tela de imagem preta e branca, mas para ser sincero não via nada além de uma imagem distorcida... O que realmente fez minha alegria foram suas palavras.

— Uma menina! Allah, minha fadinha — exclamei emocionado. — E os outros? — questionei empolgado, apertando a mão de Savanah entre as minhas, para conter parte da euforia que se instalou em meu corpo.

— Hum... — murmurou compenetrada. Afagou o ventre dela outa vez. — Outra garotinha aqui — afirmou depois de alguns instantes fazendo meu peito encher de orgulho, terei duas filhas, duas fadinhas. — E vigiando as duas de perto tem um homenzinho — brinca ao concluir e ajusta os óculos sob o nariz.

Feliz da vida, me curvei para beijar os lábios da minha garota que me encarava buscando entender o que estava acontecendo. Decidi ali que só contaria a ela a novidade quando estivéssemos na nossa casa. Queria festejar só nós dois, naquele quarto, onde provavelmente fizemos nossos trigêmeos.

— Obrigada, amor — sussurrei no ouvido da minha mulher antes de voltar a minha posição ereta. — E agora doutora o que vem a seguir? — inquiri chamando a atenção da médica.

Ela que fazia anotações parou e começou a me explicar como minha esposa deve se alimentar e, os cuidados que devemos tomar para a gravidez ir até a data correta para o parto cesariano que, ela marcou depois de confirmar a idade gestacional.

— Pode deixar que eu vou cuidar direitinho da minha garota — prometo a médica quando ela me entrega a dieta que formulou para Savanah.

— Sei que sim, alteza — sorri e levanta me passando alguns papéis toalhas, em seguida aponta para a barriga de minha mulher — Vou deixá-los a sós, assim você ajuda sua esposa a se vestir — avisa e pega suas coisas saindo do ambiente em direção a porta.

No instante em que ela saiu, olhei para minha Boneca que continuava deitada, inocente ao que dizíamos. Ela me lançou um sorriso torto.

— Vem, amor! Você já pode se vestir e em seguida estamos liberados para ir embora — explico ajudando ela a levantar. Entrego a ela as toalhas.

— Tudo bem, mas e o sexo dos nossos filhos? — indaga curiosa limpando a barriga desnuda.

— Você disse que só queria saber o que ocorreu na consulta no em casa — lembro cobrindo suas mãos com as minhas enquanto me aproximo lentamente. — Então, só te direi o que quer saber quando chegarmos, não no palácio, mas na nossa casa que é para onde pretendo

levá-la — continuo e quando concluo estou a centímetros da sua boca.

Minha menina me olhava com desejo, raiva e paixão quando uni nossas bocas. Mesmo chateada o misto de sentimentos não impediram que ela retribuísse com a mesma fome que eu mesmo deposito naquele gesto. Agarrei sua cintura e como se ganhassem vida própria minhas mãos afagaram sua pele antes de descer em direção ao seu bumbum. Savanah gemeu contra meus lábios. Apertava as suas nádegas pressionando seu sexo contra minha protuberância evidente, enquanto brincava sua língua. Ela, por sua vez, puxava meus cabelos entre os dedos. Sabia que a gravidez estava deixando seu apetite sexual exponencialmente maior e procurei nos separar, uma vez que, não estávamos em um local apropriado para drenar tais desejos fervorosos.

— Ah, Masalom — ralhou quando me afastei. — Eu preciso de você — implorou dengosa e logo um bico de choro, a coisa mais excitante que já vi, que fique claro, se formou em seus lábios.

— Se não tivesse uma senhora lá fora, não hesitaria em te jogar naquela cama e saciar o meu desejo em possuir seu corpo que estou sentindo neste momento — expresso sincero e ela querendo foder com meu juízo, sorri de forma maliciosa, me encarando profundamente com seus olhinhos brilhantes.

— Então vamos para casa e você poderá cumprir suas promessas, esposo — brinca com os botões da minha camisa mordendo o lábio inferior.

— Alaah, mulher! Vamos logo antes que eu perca minha sanidade e a pobre Alessia seja obrigada a ouvir gemidos — tiro suas mãos da minha camisa. — Precisa se vestir, deixe — me ajudá-la — digo auxiliando-a a colocar a roupa que trajava antes da ultrassom e ao ajustar o véu em sua cabeça a levo dali.

A Dra. Pellegrini estava no sofá bebericando um chá e, quando nos viu sorriu.

— Vou acompanhá-los até a porta — ofereceu pousando a xícara na mesinha e se ergueu indo abrir a porta.

— Obrigado — agradeci e ela anuiu entregando-me um papel.

— Não há o que agradecer, alteza. Aí está nova data em que precisaremos ver como anda a gravidez — aponta para o papel. — Qualquer coisa que afligi-los antes dela, estarei à disposição.

— Até breve, Doutora — despeço-me assentindo e envolvo os ombros de Savanah nos direcionando até o elevador.

— Masalom, por favor... Quero saber o sexo dos meus filhos. — Minha Boneca implora assim que,

entramos no elevador e as portas se fecham.

— Nossos filhos — corrijo enquanto ela revira os olhos. — Você vai saber daqui há algumas horas. Não foi você mesma quem disse que devemos deixar a pressa de lado e aproveitar mais o presente? — indago irônico com as sobrancelhas arqueadas.

— Sim, mas... — Ela bufa, sem argumentos para ir contra suas próprias palavras e deita a cabeça em meu peito.

Envolvi seu corpo em meus braços e ela suspirou, ficamos em silêncio até o elevador parar e abrir as portas. Soltei Savanah e segurei sua mão puxando-a em direção ao automóvel que, estava no estacionamento logo em frente ao hotel. Abri a porta para que ela se acomodasse e, disse ao motorista para onde ir antes de entrar também. Nem precisei puxar minha garota para meu colo por que, ela se encarregou de subir nele colocando as pernas uma de cada lado do meu quadril e o melhor, sentando no meu pênis.

Savanah olhava em minha face quando levei meu rosto ao seu pescoço inalando seu aroma delicioso. Senti sua pele arrepiar quando, puxei o véu e retirei o seu cabelo do caminho que levava até seu ouvido onde sussurrei:

— Minha esposa anda muito carente, acho que preciso dar-lhe um pouco de carinho.

— Ela concorda plenamente — responde da mesma forma, em um sussurro próximo ao meu ouvido.

— Hum, concorda é? — sorrio apertando o botão que sobe o vidro que nos dar privacidade.

— Sim... — balbucia excitada.

Voltei minha inteira atenção a ela e enquanto mordia levemente a pele sensível de seu pescoço, coloquei a mão dentro do seu vestido, uma vez que, ele era longo e daria um trabalho desnecessário subi-lo. Por cima do tecido da calcinha minúscula que ela usa, pressionei o clitóris dela que, resfolegou encostando a testa em meu ombro.

— Gosta disso, amor? — questionei movimentando os dedos com empenho.

— Sim, oh, eu gosto muito disso — murmurou rebolando na minha ereção em busca de fricção para matar uma necessidade de ter meu pênis enfiado, até o talo, em sua bocetinha convidativa e pulsante.

Respirando de forma ofegante Savanah ergueu a cabeça e recostou sua testa na minha. Afastei sua calcinha e pude sentir o quão molhadinha ela estava.

— Hum que delícia, esposa — revelei antes de deslizar facilmente dois dedos em seu canal e roubar seus lábios engolindo seus gemidos.

Enlouquecida minha Boneca transava com

meus dedos sem nenhum pudor. Sua respiração era rápida contra meu rosto quando enfim, deixei sua boca e soquei meus dedos dentro dela com mais intensidade. Circulei seu clitóris com o polegar e, senti suas pernas tremerem enquanto suas carnes passaram a apertar meus dedos. Tudo isso foi aumentando gradativamente e logo seus gritos passaram a ser altos.

— Masalom, eu... merda! — articula com incoerência e leva as mãos aos meus cabelos os puxando.

— Deixa vir, querida — ordeno olhando em seus olhos e em seguida, ela cola nossas bocas enquanto puxa minha cabeça a seu encontro pelos cabelos. Neste instante, ela chegou ao orgasmo e seu corpo ficou tenso, antes de convulsionar de prazer. Ofegante Savanah separou nossos lábios e ficou me encarando com seus olhos cor de mel nebulosos.

Logo ela aconchegou-se em meu corpo e dormiu com um sorriso satisfeito no rosto, no qual, me fez sorrir também. Tirei o cabelo dela da sua face corada e beijei sua bochecha.

— Linda! — exclamei pra mim mesmo. — É garotão, teremos trabalho quando vocês vierem ao mundo. Será nós dois para cuidar de três lindas mulheres — digo fazendo carinho no ventre de Savanah.

Pensativo imaginei meu futuro... Cuidar de três mulheres me deixariam de cabelo branco antes da

hora, no entanto, eu nunca pude imaginar o futuro onde minha felicidade fosse tão grande antes de minha Boneca, antes da chance que ela está me dando, antes da nossa família.

Foi perdido em pensamentos que quando menos esperei, o veículo parou avisando nossa chegada. Abri a porta e deixei o carro com Savanah nos braços. O motorista aguardava pacientemente atrás do volante quando, segui até ele para dar-lhe as instruções do que ele faria a seguir:

— Tire o resto do dia de folga e não se preocupe em vir nos buscar amanhã, pois, vamos voltar no meu carro que está na garagem — falo a ele que assente agradecendo, e manobra o automóvel antes de fazer o trajeto de volta.

Caminhei com minha mulher ainda dormindo, e dei um jeito de digitar o código que abriria a porta para nossa entrada. Feito isso, adentrei em casa.

Dentro daquela que será nossa casa em algumas semanas, subi as escadas e, no nosso quarto coloquei ela no centro colchão. Minha esposa reclamou ainda dormindo, mas em instantes ronronava se aconchegando no conforto da cama. Balancei a cabeça me divertindo com a cena e beijei sua testa antes de, aproveitar seu descanso para ir trabalhar um pouco no escritório.

Descia as escadas quando a companhia tocou. Franzi o cenho sem saber quem poderia ser já que, estamos afastados de tudo, e, mais ainda por que ninguém sabia que estávamos ali ou sabiam? Não. Acho que deve ser o motorista que retornou para tirar alguma dúvida ou algo assim.

Corri para ir ver de quem se trata no sistema de câmeras. Vi pelas telas meus seguranças agitados e o chefe deles atravessar a área de lazer onde ficava a piscina correndo. Fiquei em alerta no mesmo instante. Sabia que o chefe estava vindo ao meu encontro. Procurei o celular no bolso e enviei uma mensagem avisando que estou na sala de segurança. Por puro instinto coloquei a mão sobre minha arma, na qual, levo no coldre abaixo da camisa. Não desviava os olhos das câmeras nem um instante, procurava algo suspeito voltando as fitas de vídeo e para minha surpresa um homem mascarado desceu apressado de um carro exatamente a dez minutos atrás deixando um pacote diante do portão.

Olhei para a porta quando ouvi passos. Mustafá entrou no cômodo com uma expressão de descontentamento.

— Pegaram os invasores? — questiono.

— Não, infelizmente eles escaparam. Estava aqui quando vi o carro suspeito vindo em alta velocidade. Rapidamente avisei aos seguranças, mas eles foram mais

rápidos. Já chequei e não há mais ninguém além dos dois que estavam no carro. Eles não passaram do portão, simplesmente tocaram a companhia e deixaram este pacote aqui: — me passou o artefato. Peguei o envelope e analisei. — São papéis — disse.

Assenti assistindo ao que aconteceu pelas televisões, tudo aconteceu como Mustafá narrou e ao final depois de deixar o pacote o carro saiu em alta velocidade fazendo a poeira cobrir estrada a fora.

— Filho da puta! — rosnei para quem quer que fosse a deixar aquilo. Aquilo não me cheirava bem.

Deixei a sala de segurança levando comigo os papéis direto para o escritório. Joguei todos sob a mesa e sentei em minha cadeira para analisá-los. Tinha uma carta entre eles e resolvi começar por ela. Havia um abridor de cartas em minha mesa e eu a utilizei para abrir o envelope. Puxei o papel bem dobrado dali de dentro e o desdobrei.

01 de fevereiro de 2017, Roma na Itália.

Caro Masalom!

Venho por meio desta carta, pedir desculpas pelo susto que provavelmente dei-lhe ao mandar um dos meus homens ficar de olho na sua rotina e entregá-lo esses papéis desta maneira, entenda que precisava ter certeza de que eles seriam entregues em suas mãos.

Na última conversa que tivemos por telefone, deixei claro que te enviaria provas sobre as novas máfias que estão surgindo para que assim não restasse dúvidas de sua parte e nós pudéssemos conversar sobre uma aliança.

Tudo teria sido mais fácil se pudesse usar a tecnologia para isso tudo, acontece que estavam invadindo e rastreando cada passo meu, e em cada um dos meus meios de comunicação, mas não se preocupe, isso foi depois da nossa conversa e claro agora que você recebeu esta entrega tudo deverá estar na mais perfeita ordem. Peço que avalie tudo e me ligue quando o fizer. Contudo, me diga a palavra "Acordo"... Antes de mais nada, que imediatamente saberei com quem estou falando, e, caso ainda esteja grampeado responderei "Valeu", assim, você desliga imediatamente que procurarei outra forma de nos falarmos.

Sei que deve estar curioso a respeito desta aliança, pois bem, vou explicar com mais clareza. Soube que será papai de trigêmeos, aliás parabéns pelo feito. Suponho que entre esses bebês esteja uma menina, e, se assim for, sugiro um elo mais forte entre nossas famílias, um casamento. Como sabe, tenho um filho de dois anos e seria uma honra ter sua filha como nora.

Pense, pois essa é a única maneira de unirmos força sem que um desconfie do outro a cada palavra trocado. Seria a solução ideal e todos sairíamos ganhando quanto a isto. Me contate.

Atenciosamente, Pierre Martinez.

Terminei de ler a carta pensando naquela proposta descabida, não sei se teria sangue frio ao ponto de dar a mão de uma das minhas fadinhas, que ainda nem vieram ao mundo, a um garoto de dois anos, o quão maluquice isso poderia ser? Sem contar que Savanah nunca mais ia querer olhar na minha cara, e se acaso assim fosse ela teria toda razão para isso.

Alcancei os papéis e me dispus a avaliar aquilo, procurando uma outra solução da qual não fosse necessário uma aliança entre a *Cosa Nostra* e a máfia Árabe. No entanto, eu sabia que não encontraria, uma vez que para Pierre, procurar-me com essa sugestão... a coisa devia ser pior do que eu imaginava. E logo percebi que realmente era, estávamos encurralados e em vinte anos viraríamos pó, caso não uníssemos forças.

Minha cabeça borbulhou enquanto eu procurava uma outra saída, qualquer que fosse. Salan teria alguma? Ou Horlom quem sabe? A única resposta que encontrei foi uma bela dor de cabeça. Disposto a esquecer aquele emaranhado de fios soltos decidi ir tomar um comprimido para dor e ir ver se minha Boneca acordou.

Encontrei em minha gaveta uma cartela de advil e engoli um sem água mesmo. Depois organizei aqueles papéis que recebi e guardei em meu cofre, abaixo do piso de madeira, do qual seria impossível alguém além

de mim encontrar. Com tudo em ordem, fui ao quarto que mandei reformar para meus filhos em busca de umas compras que tinha feito. Com as sacolas em mãos, segui para nosso quarto onde deixei minha garota dormindo e me surpreendi quando não achei ninguém ali.

A ausência da minha esposa no ambiente só poderia significar uma coisa agora que, sua fase de enjoo estava passando e ela não corria a todo instante para o banheiro, era quase certo que lhe encontraria na cozinha. Com a intenção de ir prestigiar o show que é minha Boneca cozinhando. Me livrei da camisa, calça e cueca que vestia e os substitui por uma calça moletom antes de sair a sua procura com as sacolas em mãos.

E como suspeitava, ali estava ela, cantarolando uma música trajada com uma das minhas camisas. Os cabelos amarrados tinham apenas alguns fios soltos deixando visível seu perfil.

Adentro o ambiente e sem que ela perceba. Sento no banco próximo ao balcão onde deposito sem fazer ruídos a sacola e, paro para assistir sua desenvoltura.

O cheiro que exala cada vez que ela abre a tampa de uma das panelas me faz salivar, isso sem acrescentar meu desejo evidente que cresce toda vez que ela se estica para pegar algo no armário e a camisa sobe revelando a polpa de sua bunda. Porém, minha distância

ante a tamanha tentação, fica insuportável no momento em que ela se inclina para pegar algum legume na geladeira e seu traseiro fica completamente à amostra.

A passos rápidos a alcanço e agarro sua cintura fazendo-a derrubar tudo que segurava. Viro seu corpo para mim, e, abocanho sua boca engolindo suas repreensões no mesmo instante que a ergo do chão e colocando-a sobre o balcão.

Savanah para de se debater e suas mãos passeiam impacientes pelo meu corpo enquanto suas pernas envolvem minha bunda.

— Masalom... preciso... apagar... o fogo — expressa suspirando contra minha boca.

— Acho que você terá muito trabalho para cumprir esta tarefa — empurro meu sexo contra sua vagina e ela gargalha antes de me empurrar.

— Esse, depois nós apagamos — segura meu pênis para frisar sua declaração. — Por que agora eu estou falando do fogo no sentido real da palavra — aponta para o fogão e eu assinto.

Me apresso indo até lá apagá-los. Em seguida retornei à minha posição anterior que consiste em estar entre suas pernas. Rasgo sua calcinha cor de vinho tinto sobre seu olhar atento. Estímulo o seu clitóris, e ela joga a cabeça para trás, me dando espaço para mordiscá-lo. Excitada Savanah abaixa a única peça de roupa que eu

vestia e meu pau salta livre.

Arfo entredentes quando minha Boneca afaga minhas bolas e estimula meu membro. Naquele ritmo torturante sabia que não duraria muito e por isso, afastei suas mãos guiando meu comprimento até sua entrada encharcada.

— Hum, Masalom — geme quando afundo em suas carnes.

Nossos murmúrios de prazer enche o cômodo na medida em que, ficamos mais desejosos e dependentes do ápice que se fórmula a cada estocada minha, e por fim, nos saciamos temporariamente.

Após o sexo gostoso que fizemos, nós nos alimentamos com a deliciosa refeição que ela havia preparado. Minha mulher ainda queria fazer uma arrumação na cozinha, mas deixou para lá quando eu disse que não era necessário, uma vez que, alguém faria depois.

— Então agora você pode me dizer o que ocorreu na consulta ou vai continuar com o suspense? — questiona.

— Vou contar — respondo quando ela cruza os braços sobre o peito. — Vamos conversar na sala? — peço estendendo minha mão para ela em convite.

Savanah aceita o meu pedido e coloca sua mão sobre a minha. Puxando-a até as sacolas esquecidas

no balcão e com elas em mãos, lancei um sorriso animado para ela sobre o ombro. Minha Boneca me seguiu em silêncio e logo chegamos ao cômodo desejado. Coloquei as sacolas no tapete. Joguei as almofadas do sofá no chão e me sentei em cima de uma colocando-a junto comigo.

— Masalom, diz logo — murmura impaciente.

Ajusto-a entre minhas pernas e recosto suas costas em meu peito. Seu cabelo preso revela também o seu pescoço no qual deixei um beijo.

— Não achei aquele momento no hotel, propício para te dizer os sexos dos nossos filhos — começo ao escorar o queixo em seu ombro e ir abrindo os botões da minha camisa que ela usa para deixar sua barriga visível. — Resolvi então, aproveitar que no nosso caso a situação foi inversa e, invés de você me fazer uma surpresa para contar sobre os sexos, eu que soube antes lhe faria uma — inalo seu cheiro gostoso enquanto afasto o tecido da camisa para longe.

— Não tinha pensado dessa maneira. Só nós dois mesmo... eu sou a mãe, eu quem os tenho na barriga e é você que sabe tudo sobre eles — brinca relaxando o corpo em meus braços.

— Você logo saberá também — sussurro no ouvido dela e estico o braço para pegar as sacolas. Coloquei elas no colo de Savanah.

— O que é? — questionou confusa.

— Abre — pedi suavemente alisando seu ventre. — Pode ir tirando cada coisa por vez que eu te explico — mordisco a orelha da minha esposa que encolhe o corpo arrepiada.

Minha Boneca puxa um sapatinho rosa que tinha comprado. Certa vez passei diante de uma vitrine e mesmo sem saber se teria uma menininha o comprei, pensei que uma das minha fadinhas iria adorar. Na verdade, todos os objetos das sacolas eram sapatinhos, não resisti e comprei seis deles.

Em cada sapatinho tinha os nomes dos bebês, não por achar que iria esquecer quem é quem, como sugeriu a tonta da minha irmã, e sim, por que gostei da forma como eles escreviam os nomes ali, era quase uma obra de arte. Eles tinham encomendas para montar todo enxoval de bebês e eu fiquei encantado com as peças que me mostraram, assim, resolvi trazer aqueles para mostrar a Savanah e se ela concordasse comigo mandaríamos fazer os nossos lá.

— Uau! Que lindo! — exclamou encantada avaliando a peça meticulosamente. — Incrível. Quando comprou ele? — inquiriu ainda observando o pequeno sapato.

— Há algum tempo — respondi sem saber ao certo. — Está vendo o nome gravado? — apontei tirando a mão do seu ventre mas logo tornei a colocá-la.

— Sim, está escrito Rubi, parece bordado em fios de ouro — comenta ao concordar.

— Rubi foi o nome que você tirou entre os seis que escolhemos para dar aos nossos filhos e adivinha? Nós teremos uma menina com esse nome — exponho e ela vira o tronco para olhar em meu rosto.

— Uma menina? — indaga assustada, mas emocionada com a notícia. Ela cobre minhas mãos com a sua que estava livre.

— Sim, nossa fadinha. Tire mais um — peço e ela morde os lábios antes de voltar a posição anterior e enfiar a mão na sacola puxando outro saquinho com o par de sapatos.

— Thomas — lê e me olha especulativa.

— Nosso filho, Thomas — concordo e ela sorrir em meio a uma lágrima solitária que desliza pelo seu rosto.

— Um menino — sussurra, olhando para nossas mãos unidas em sua barriga.

— E agora nosso último bebê — murmuro e ela anui puxando outro par de sapatos.

— Albert? — pergunta olhando em minha direção e eu nego. — Oh, não teremos um Albert? — suspira tirando outro enquanto eu gargalho por causa da decepção estampada em seu rosto.

— Em outra gravidez, quem sabe? — brinco balançando as sobrancelhas e ela rir me mostrando o que tinha tirado depois do Albert.

— Safira! Sim nossa Safira, minha segunda fadinha — afirmo após ler o nome ali descrito.

— Rubi, Thomas e Safira — repete e vira seu corpo em meus braços enlaçando assim meu pescoço. — Perfeito. Nosso trio mais que perfeito — anuncia olhando o fundo dos meus olhos.

Ajudei ela a se sentar de frente para mim, com as pernas abertas, encaixadas a minha cintura. Então afastei minha camisa dos seus ombros e a tirei arrastando-a ao longo dos braços de Savanah.

— Nossa família, meu amor — complementei a colocação dela e enquanto nos olhávamos abri o fecho do sutiã nos livrando dele também.

— Eu te amo, Masalom — articula e cola nossos lábios bruscamente.

O beijo que ela me dava era cheio de sentimentos e emoções. Savanah me mostrava através daquele beijo como todo o amor que sentia por mim era fervoroso, forte, intenso. Ali eu acreditei que mesmo sendo um mafioso sem coração ela me ama e amaria de qualquer forma. Por que o que temos é intenso demais.

CAPÍTULO 07

SAVANAH

Despertei com o cheiro de algo queimado, ou melhor, estava mais para torrado. Me espreguicei e, com o braço tateando o lado oposto do colchão procurei por meu marido, mas ele não estava ali. Aquele cheiro estava me incomodando, lembrava-me a todo instante do momento em que quase morri, da agonia que passei sem saber o que fazer enquanto tudo pegava fogo, e eu, querendo apenas salvar meus bebês e depois da explosão seguida do impacto do homem caindo sobre mim... Balanço a cabeça para dispersar aquelas recordações terríveis e sento já colocando meus pés no chão para ir atrás do que diabos estava causando aquele cheiro.

Amarrando meus cabelos e ainda tonta de sono, levantei e fui caminhando guiada pelo odor terrível. A cada passo ficava pior. Só então, um pouco mais tarde, foi que percebi que toda aquela fumaça vinha da cozinha.

Masalom estava ali praguejando enquanto tentava controlar, sem sucesso, a situação quando entrei no cômodo.

— O que aconteceu aqui? Por que essa fumaça, marido? — indaguei seguindo até ele para ajudá-lo.

— Eu estava tentando fazer o café, mas fracassei terrivelmente — explica e eu prendo o riso assentindo. — Volta para o quarto, Boneca. A fumaça pode ser prejudicial a sua saúde e dos bebês — pede jogando uma frigideira em chamas na pia para logo em seguida ligar a torneira jogando água dentro.

Eu juro que tentei não rir da situação, no entanto, a gargalhada que prendia explodiu solta.

— Meu Deus, meu amor, isso eram ovos? — questionei segurando a barriga que começou a doer por consequência do riso. A frigideira ostentava os ovos pretos como carvão boiando na água.

Masalom fez uma careta para o objeto em suas mãos e o largou após dar um longo suspiro.

— Eram, aliás tudo era comestível antes de conseguir queimar tudo — caminhou até a mesa e puxou uma cadeira sentando-se com uma expressão frustrada. — Você faz parecer fácil. Achei que conseguiria — revela dando de ombros.

Caminhei até ele e sentei em seu colo, recebendo um beijo no ombro. Eu usava apenas uma *lingerie* vermelha sangue, a parte de baixo consiste em uma calcinha de renda e a de cima acomoda muito bem meus seios uma vez que possuí um bojo por baixo da renda. Ontem após me revelar o sexo dos nossos filhos, Masalom me levou para o quarto, isso depois de iniciarmos algo na sala. E ambos fomos dormir apenas quando já era madrugada.

— Por que não me acordou? Eu poderia ter feito o nosso café, você sabe que amo isso — digo virando no colo dele e quando estou de frente a ele brinco com seus cabelos.

— Achei que conseguiria — responde simplesmente beijando minha face delicadamente.

Masalom se afastou e ficou observando meu rosto. Fiz o mesmo com ele. Percebi que entre suas sobrancelhas há uma linha de expressão profunda, isso só acontece quando ele reflete muito sobre algum problema. Seus olhos também demostram que ele não havia dormido como eu pensava que tivesse feito.

— O que significa essa linha de expressão bem aqui entre suas sobrancelhas? — inquiro massageando o ponto após um pequeno silêncio de nós dois.

— Eu... — bufa puxando minha mão até os lábios e deixa um beijo na palma desta. — Eu acho que precisamos conversar, Boneca — articula seriamente o que me preocupa...

— Claro. Pode falar — concordo após refletir um pouco sobre o que seria, ou melhor, se eu tinha feito algo errado.

— Não agora, vamos comer algo antes — condicionou e eu anuí levantando.

— Tudo bem, eu vou preparar algo — explico

seguindo para geladeira. Procurei por leite, peguei algumas frutas e como ele tinha tentado fritar ovos peguei também para agradá-lo. — Foi bonitinho você tentar me preparar o café — expresso depositando as coisas no balcão.

— Bonitinho?! — repete sarcástico e eu sorrio assentindo. — Nunca consegui fazer nada disso. Se morasse sozinho em uma ilha onde não houvesse nenhum restaurante ou lanchonete com certeza morreria de fome. Minha mãe bem que tentou me ensinar algo, mas não obteve sucesso — recorda enquanto levantava e seguia para o armário pegar xícaras. — O bastardo do meu irmão cozinha tão bem quanto você, já eu, sou um desastre, como acaba de perceber.

— Quando tivermos um tempinho posso continuar a te ensinar — sugiro quebrando os ovos em uma frigideira que peguei.

— Eu iria adorar ter você cozinhando dessa maneira — aponta para o meu corpo. — A centímetros de mim. Porém, não garanto que aprenderei nada. — Ele

abria as gavetas procurando os talheres enquanto falava com um sorriso malicioso no rosto.

Olho para meu corpo trajado em uma *lingerie* que pouco faz para cobri-lo. Dou de ombro para minhas vestes e continuo minha tarefa de fritar ovos.

— Então está combinado, marido. Qualquer dia desses te ajudarei a se tornar um chef de cozinha — concluo colocando os ovos em um prato que peguei junto a frigideira.

— Ah, claro — revira os olhos descrente.

Terminei de preparar tudo e levei para a mesa. Logo me juntei a ele para comermos.

— Sabe, sei que isso é bacon por que, vi a imagem junto ao nome em uma revista, mas nunca tinha tido a oportunidade de provar. É feito de quê? — indago degustando um pedaço.

— De porco — responde.

— Hum é muito bom. Sarah me disse certa vez, que vocês não comem carne de alguns animais... —

comento tentando recordar se ela havia citado porco.

— Ah isso. Sim, o porco não é bem-vindo em nossas mesas — explica comendo. — Mas, como sabe eu convivi com estrangeiros boa parte da minha vida. Fui cursar minha graduação na Inglaterra o que foi ainda mais influente nos meus hábitos e convicções.

— Você nunca me disse que tinha ido morar fora — aponto bebericando o leite que ele colocou em minha xícara.

— Não? Achei que tivesse comentado — dá de ombros. — Foi uma parte boa da minha vida. Tenho amigos com quem mantenho contato até hoje, várias histórias hilárias. Eu aproveitei bastante o distanciamento do meu pai — diz pensativo.

— Aposto que teve muitas mulheres também — comento sem querer e ele me encara sorrindo.

— Ciúmes, Boneca? — indaga esticando o braço sobre a mesa e escova minha bochecha com as costas dos dedos. — Eu tive algumas, mas só uma recebeu o título de minha namorada. Não que gostasse dela mais

que qualquer outra, e sim por que ela era insistente. Keithy é o nome dela. Mas aquela loucura que chamei de namoro só serviu para que eu percebesse que duas pessoas autoritárias juntas não tem como dar muito certo, brigávamos de segundo em segundo diante das nossas opiniões conflitantes. Então não há motivos para sentir ciúmes.

— Hum — murmurei chateada olhando com interesse o líquido em minha xícara.

— Ah Savanah, você me fascina. — Ele articula sorrindo. — Tão linda, encantadora e ao mesmo tempo tão menina. Você é o que nunca encontrei nelas, Boneca.

— Certeza? — questiono erguendo o olhar até o dele insegura e Masalom gargalha.

— Você ainda dúvida? — retruca levantando.

— Não sei. E se de repente uma delas aparecer e você ver que não gosta de mim da mesma forma que gosto de você? E se... — Sou calada por seu dedo indicador que pressiona em meus lábios.

— Isso não vai acontecer. Você me tem nas mãos, Boneca — fala afastando os dedos e me ergue da cadeira fazendo com que eu ficasse de pé. Ele abraça minha cintura e sussurra em meu ouvido: — Eu te amo.

— Eu também, marido. — Me agarro a ele sentindo seu cheiro já tão familiar.

— Você diz isso agora, daqui a pouco irá querer me matar quando souber o que tenho a te dizer — expressa apoiando o queixo em minha cabeça.

— É tão grave assim? — inquiro sem dar muita importância.

— Vamos sentar no sofá da sala — chama procurando minha mão e se afastando de mim me leva até a sala. — E sim, é uma notícia não muito agradável.

Agora dando à devida atenção as suas palavras, assenti seguindo-o em silêncio. Na sala, ele sentou no sofá e puxou meu quadril para que sentasse em de frente a ele em seu colo. Naquela posição permanecemos até que resolvi quebrar o silêncio, pois, observando o rosto de Masalom vi que ele procurava uma

maneira de tocar no assunto.

— Pode falar, marido. Seja o que for, eu vou procurar te apoiar — articulo e ele resfolega.

— É sobre uma das nossas meninas — respira fundo colocando uma mecha do meu cabelo atrás da orelha.

— Certo — concordo para incentivá-lo a continuar.

— Vou começar do início — anuo. — A algumas semanas soube que há novas organizações criminosas organizadas surgindo — franzi o cenho, confusa.

— E o que isso tem a ver com a Rubi ou Safira? — acariciei minha barriga já levemente redonda.

— Chegarei lá, vou resumir o relato. Tudo bem? — questiona cobrindo minhas mãos com as suas. Balancei a cabeça em afirmação — Ontem recebi uma carta do chefe da maior e mais influente máfia do mundo. Nela ele me propôs uma aliança. Esta será uma espécie de acordo em união das nossas famílias. Assim poderemos

unir forças contra os nossos inimigos.

— Então simplesmente aceite — falo sem entender muito.

— Eu já o fiz. Hoje cedo liguei para ele e aceitei a aliança.

— Então não vejo motivos para esse assunto ser tão sério, já que, você deveria comemorar por ter uma grande aliada — dou de ombros tentando levantar, contudo ele não permite.

— Ainda não terminei, a parte onde você vai querer me estrangular está chegando — declara e eu volto a sentar ouvindo-o. — Não se altere, pode fazer mal aos nossos filhos — articula enquanto estreito os olhos em sua direção. — O acordo consiste em casar uma das nossas meninas com o seu filho de dois anos, isso quando ela fizer dezessete.

Escuto incrédula e depois desato a rir da piada mal arquitetada. Eu gargalhava segurando a barriga. Ria tanto que cheguei a lacrimejar.

— Essa foi boa! — expresso escorando a

testa em seu ombro para respirar um pouco. Quando volto a erguer a cabeça e vejo o semblante sério de Masalom, começo a suar frio. — Era uma piada não era? — meu riso morre.

— Eu tentei encontrar uma outra solução, porém, não consegui — murmura passando os dedos pelos cabelos. — Mas, eu deixei claro que se minha garotinha não quisesse casar com o menino, ela teria o poder de escolher. Nem que isso seja um desastre. Ela vai ter o poder de decisão.

— Meu D-deus! Não era uma b-brincadeira? — gaguejo levantando.

Masalom parecia preocupado com o que via em meu rosto e levantou-se também se aproximando.

— Savanah não fique assim, merda! Está me assustando — disse vindo em minha direção quando me afastei dele cambaleando.

— Você deu a nossa filha a uma criança de dois anos... Elas ainda nem nasceram. Você fez isso como se estivesse vendendo uma mercadoria. Elas são suas

filhas — murmuro trêmula e levo a mão a barriga quando uma lágrima traça caminho pelo meu rosto. — Esqueça quando disse que você seria um bom pai. Você é igualzinho ao homem que tanto odiou, você e seu pai são iguais.

O rosto dele se contorceu em uma carranca assustadora quando terminei de falar. Todavia, não olhei mais em seu rosto por que nesse momento fiquei um pouco tonta e me apoiei no sofá. Masalom veio em minha direção tentar me ajudar, mas eu me esquivei, não o queria por perto.

— Não se aproxime — puxo uma respiração e de relance vejo ele se afastar como se tivesse levado um soco no estômago. Mas eu estava muito pior para me importar com o que ele estava pensando. Minha bebê foi um objeto de troca. Isso é demais para mim.

— Eu vou chamar a Dra. Pellegrini para te ver. Você está pálida. — Ele diz pegando o celular.

— Não precisa. Vou ficar bem, só preciso deitar um pouco e esquecer o que acabei de ouvir —

sussurro e vou me apoiando nas paredes e móveis em direção a escada.

— Deixe-me ajudá-la — pede, mas eu nego.

— Eu só quero que me deixe sozinha, Masalom — articulo subindo vagarosamente, sentindo sua presença atrás de mim para me segurar caso caísse, o que não aconteceu graças a Deus.

Cruzei a porta do quarto e já bati a porta fechada impedindo sua entrada, uma vez que ainda o sentia atrás de mim. Soltei um longo suspiro. Não sei dizer se sentia raiva, decepção, frustração ou vontade de bater nele para descontar o misto de sensações conflitantes que sentia.

Balançando levemente a cabeça para colocar meus pensamentos em ordem, andei até a cama e, me desfiz da *lingerie* que usava. Deitei no colchão e fiquei observando o teto quieta, mas com os pensamentos a mil por hora. É certo que precisávamos conversar, eu mesma o pedi por isso caso houvesse uma discussão entre nós.

Revendo agora calmamente o que disse e

escutei, admito que, mais uma vez fui infantil. Ele disse que em todo caso, nossa filha poderia escolher com quem casaria e eu não dei ouvidos. Estava furiosa demais com ele, que também, tem sua parcela de culpa ao tomar uma decisão dessa sozinho, sem me consultar. Mas o que acabo de me arrepender ao extremo por ter dito é a comparação que fiz entre ele e o pai. Coitado do meu marido. Eu o acertei onde mais dói, fui injusta.

Preciso pedir perdão a Masalom. Mas vou deixar para fazer isto depois, por que agora eu estou com as pálpebras quase fechando. Vou tirar um cochilo. Dormi apenas três horas esta noite, não é de se espantar que esteja quase desmaiando de sono. Fechei os olhos e apaguei instantes depois.

As cortinas estavam fechadas quando despertei. O quarto estava sombreado o que me não me deixa saber se é dia ou noite. Me espreguiço após ter alguns sonhos desordenados dos quais não consigo lembrar justamente por este motivo. O frio vindo do ar condicionado tornava o cômodo gélido e, o cobertor

fofinho que cobria minha pele nua, não me proporciona vontade alguma de deixar todo aquele conforto aquecido.

Me aconcheguei mais, passando uma das mãos para debaixo do meu travesseiro e, foi quando virei de lado que vi Masalom me observando da poltrona bebericando algo. Me assustei por que não esperava sua presença ali, já que, havia deixado a porta trancada.

Desviei o olhar do seu e me arrastei até ter as costas recostada contra cabeceira da cama. Sentada cobri meus seios com o cobertor agora recordando que não tinha sido eu, a me cobrir, ligar o ar condicionado ou, fechar as cortinas impedindo a passagem dos raios de sol.

— Hum eu... —sussurro colocando parte do cabelo atrás da orelha enquanto segurava o cobertor com uma das mãos. — Acho que temos que ter uma conversa — ergo o rosto para olhá-lo e o vejo assentir.

Ele pousou o copo na mesinha de vidro ao lado da poltrona e levantou vindo em minha direção.

— Posso me sentar, ou prefere que, continue a manter distância? — questionou apontando o lado livre do

colchão.

— Me desculpe por isso, eu estava nervosa. Não pensei antes de falar — mordo o lábio inferior envergonhada e baixo o olhar para o cobertor. — Não o quero longe — murmuro quando de repente se formou um bolo em minha garganta, trazendo consigo a vontade de chorar.

Masalom permanece em silêncio o que faz minha angústia aumentar, porém me forço a continuar:

— Perdão pela comparação que fiz eu... eu me arrependo amargamente, sei que você repudia o caráter do seu pai, o que ele representa para você como progenitor. — Não seguro a lágrima que cai dos meus olhos marejados. — Perdão, amor. Me perdoa — fito os seus olhos engolindo o peso que se formou em meu peito.

Ele senta-se ao meu lado e foca em um ponto qualquer à nossa frente.

— Não há o que perdoar, Savanah. Eu realmente não sei se vou conseguir ser diferente dele se foi esse o exemplo que tive — vira a cabeça e nossos

olhares se encontram.

— Não diga bobagens, por favor. Você já é um bom pai, mesmo tendo te ferido com minhas palavras, como sei que fiz, você priorizou meu bem-estar e o dos seus filhos — abandonei a coberta e usei a mão para segurar seu rosto que, outra vez tentou virar para frente desviando seu olhar do meu. — Você queria chamar a médica para me ver quando viu que estava nervosa. Subiu as escadas atrás de mim para que se ao acaso caísse pudesse me segurar. E por último, veio comprovar se estava bem quando não ouviu barulho nenhum aqui no quarto. — Ele me encarou surpreso no instante em que proferi a última observação. — Está vendo! Estou certa, não estou?! E sabe por que você fez isso? Por que estava pensando em nossos filhos, colocando eles antes mesmo de você — articulo olhando-o intensamente.

Tinha que fazê-lo esquecer a bobagem que disse a ele. Aquilo era minha culpa. Afastei a coberta jogando-a do outro lado e fiquei de joelhos. Passei os braços por seu pescoço e o abracei apertado.

— Me perdoa por isso, é tudo culpa minha — sussurro com os lacrimejando. Meu marido passa o seu braço musculoso por minha cintura e eu entendo que é a sua maneira de me dizer que está tudo bem. Ele tem problemas para demonstrar seus sentimentos em palavras e quase sempre usa atos. — Obrigado.

— Deveria ter pedido sua opinião antes de aceitar o acordo com Pierre Martinez — declara fazendo carícias na pele das minhas costas.

— Deveria sim, teria evitado tudo isso e principalmente... Masalom e se ela não se apaixonar por ele. E se ela decidir que não o quer como esposo o que acontece? — indaguei curiosa.

— Provavelmente seremos cada um por si e os resultados vão ser desastrosos. Apenas os... "Melhores" sobreviverão. Tudo estará nas mãos daquela que o garoto escolher para si — revela com um longo suspiro.

— E quando ele fará essa escolha? Elas ainda nem nasceram — murmuro querendo entender.

— Não sei, mas por enquanto desejo que seja apenas quando a data que temos para conclusão do acordo estiver próxima — grunhi e, assim como eu, percebo agora que, ele não gosta da ideia, mas como um bom líder está pensando no futuro do seu povo.

— Eu discordo. — Me desvencilho dos seus braços para encará-lo. — Esse garoto tem que conviver conosco o tanto quanto puder, datas comemorativas, viagens e finais de semana. Ele e nossa filha precisam desenvolver um laço. Assim como fizemos — falo reflexiva. — Tem mais, quando ela tiver idade suficiente para entender o que é ter um compromisso devemos alertá-la de tudo isso. Não quero que venha a nos odiar.

— Talvez tenha razão, assim ele crescerá sabendo que deve respeitá-la. Vou impor isso na aliança — brinca com uma das mechas do meu cabelo. — Vamos esquecer um pouco esse assunto. São dezessete anos até lá — pede me empurrando levemente pelos ombros para que me deite.

Ele estava vestido com uma camisa branca de

mangas que se encontra aberta revelando seu abdômen e tórax; uma calça jeans preta, justa que moldava suas pernas volumosas e torneadas. Enquanto eu encontrava-me totalmente despida sob seu olhar apreciador.

— Precisamos voltar ao palácio em breve Tenho uma reunião — anuncia ao depositar a cabeça em minha barriga.

Masalom ajusta seu corpo no colchão. E ambos compartilhamos a calmaria que sempre vem após uma grande tempestade. Em silêncio levo as mãos aos seus cabelos acariciando-os, brincando com eles. Já meu marido sorri de olhos fechados e, vez ou outra, deixa um beijinho estalado em meu ventre, me fazendo rir baixinho pelas cócegas que eles causam.

CAPÍTULO 08

MASALOM

Acabamos de chegar ao palácio e faltam poucos minutos para o início de uma reunião que marquei com os homens, cujas funções, são relevantes dentro da máfia. Deixei Savanah dormindo no nosso quarto. Seu sono parece não ter fim, deveria chamá-la de ursinha ao invés de Boneca já que ela está praticamente hibernando. Sorrio sozinho diante das bobagens que acabo de pensar.

Prestando a devida atenção ao trânsito, relembro como fiquei magoado ao ouvi da sua boca que sou igual aquele que levava o título de meu pai, o homem que nunca agiu como o tal. Para mim Forlam Amir Farid não passa de um senhor cuja existência neste mundo transformou minha vida em um inferno. Sua morte foi, e é, um motivo de comemorações, agradeço todo dia por me ver livre do velho.

Não me julgue por odiar o cara que roubou minha alma. Também não ache que após sua morte vou me regenerar e virar um santo. Agora a máfia faz parte de quem eu sou, cresci ali e lá permanecerei até o fim dos meus dias, sou um assassino e não me orgulho disto, mas ninguém muda, a menos que se esforce para tal e, já aviso, eu não estou disposto a fazer este esforço, e, principalmente nem posso, afinal sou o chefe da porra toda.

Confesso que ser parecido com o progenitor que tive é um dos meus maiores receios. Temo fracassar como pai. Mas o que realmente vem arrancando minha sanidade é o fato de que Thomas será o meu herdeiro. Porra, como farei do meu filho o chefe da máfia sem que me odeie? Eu fiz tudo que estava ao meu alcance para não envolver Horlom nesta vida e veja só! Não houve êxito da minha parte.

Não há outra solução quando se é da família de mafiosos, só nos resta ser frios e extremamente calculistas. Veja Davi, meu amigo, estudou anos para

salvar vidas e agora vai ser obrigado a fazer o contrário. Esta vida é fodida mesmo. Vou ligar para ele mais tarde para saber como está lidando com isso, aliás. Ainda não tive tempo para tal. Preciso falar com Horlom também. Merda, o que diabos meu irmão está aprontando? Essa viagem de última hora, é no mínimo estranha, mais estranha que ela, só mesmo aquela parte da conversa que presenciei entre ele e Elisa.

Além de todas estas merdas, ainda tem um infeliz acordo com o pai do meu futuro genro. Genro... Balanço minha cabeça ironicamente. Um garoto de dois anos que nem faz ideia do que seja casamento é a porra do meu genro.

Savanah ficou uma fera comigo ao saber da maldita aliança, não que eu possa reclamar, sabia que sua reação seria mais ou menos aquela. O que ela não sabe é que nunca entregarei minha filha de mão beijada para um mafioso mirim. Vou criar uma mulher de pulso firme, Rubi não acatará merda nenhuma que ela não queira, minha filha não irá abaixar a cabeça diante de ninguém. O seu

noivo que se prepare para conquistar minha pequena leoa. E se no fim, ela decidir que ele não é a melhor opção, que se dane. Que venha a matança estarei armado até os dentes, foi para isso que fui criado ou não? Já se ela resolver casar com o pentelho, melhor ainda que terei a Cosa Nostra como aliada. Mais um telefonema que terei que dar. Pierre Martinez estará por dentro das minhas condições antes de assinarmos este maldito acordo.

Essas pequenas organizações criminosas brincaram com quem não deviam ao planejarem aquele ataque mal formulado. Não se engane, eu sei que sou meloso como o inferno com minha Boneca, mas é só com ela e com a família que realmente considero. O resto conhece exatamente do que sou capaz. Não vou sossegar até ter nas mãos o maldito responsável por aquele incêndio no hangar.

Suspirei ao ver nossa sede e estacionei o veículo que dirigia no estacionamento. A sede da Máfia Árabe fica no sub-solo de uma oficina. O bastardo do meu pai era inteligente ao extremo, quem desconfiaria de uma

grande quantidade de carros e motos em uma oficina? Quem questionaria a presença de um membro da realeza no local? Quem desconfiaria de homens de porte físico avantajados ali? Eu não o faria. E se alguém fizer há respostas perfeitas para se dar explicações.

Entrei no estabelecimento localizado a quilômetros de Riad. Além de toda estrutura para manter seguras nossas identidades, a oficina fica em um local distante da cidade. E por isso movimento do estabelecimento é praticamente limitado aos meus homens. Liam estava a postos como sempre consertando alguns problemas em um dos carros ali estacionado.

Assim que ouviu meus passos, ele procurou para ver quem entrava e ao olhar em minha direção meneou a cabeça levemente. O cumprimentei com o mesmo gesto, e, segui para o discreto elevador dentro do armário repleto de ferramentas. Quando as portas se abriram no verdadeiro sentido daquela oficina a imensidão do oponente espaço que tínhamos ali ficou visível aos meus olhos.

Nada modesto, meu avô construiu um palácio subterrâneo extremamente moderno. Cada um de nós, integrantes de grande importância para a máfia temos nossos próprios quartos aqui, mas não é só isso, há desde uma boate particular, um escritório onde nos reunimos para tratar de assuntos sérios, até masmorras e salas de tortura. Tudo ricamente detalhado e planejado seja para dar ou tirar o conforto de alguns dos nossos.

Cruzei o primeiro salão que temos acesso após a entrada, este consiste em um espaço dedicado a interações informais. O local é ornamentado por poltronas do lado direito, por ali também eletrônicos são o que não faltam, e do esquerdo há mesas que funcionam como uma espécie de restaurante aberto vinte e quatro horas por dia. Em cores escuras a força do lugar fica destacada nas paredes, tudo másculo. Passando por ali, tinha um corredor largo onde havia os primeiros quartos que por consequência era dos cargos mais altos, o meu ficava ali por exemplo. Ao todo, são quatro de cada lado, o que torna o corredor um tanto extenso. Tudo muito bem iluminado por lustres, e ali, diferente do primeiro espaço,

as cores claras das paredes ajudam na iluminação. No salão seguinte é a boate.

Desviei pelo corredor esquerdo para tornar meu caminho mais curto e por consequência não tive que passar pela boate. O próximo corredor era destinado a interação da cúpula, onde do lado fica o escritório que mencionei e do direito biblioteca e salas de monitoramento. Se tivesse ido pelo lado direito, quando desviei da boate, passaria por banheiros e logo no final, as masmorras e salas de tortura cujo acesso poderia ser feito também no meio do deserto e é por lá que traidores e os demais engraçadinhos são trazidos.

Abri a porta do escritório e como esperado sentados nas confortáveis cadeiras da grande mesa de vidro todos os quatorze integrantes com funções importantes me aguardavam debatendo assuntos irrelevantes.

— Boa noite! — proferi para que aqueles que não me viram entrar soubessem da minha presença.

— Boa noite, chefe — Zoalioan respondeu-me

seriamente enquanto circulei a mesa para assumir minha cadeira na cabeceira.

— Já que percebo que todos estamos aqui, podemos dar início ao assunto que me levou a marcar esta reunião — articulo ao sentar-me e olhar ligeiramente para cada indivíduo sentado à mesa.

— Horlom ainda não chegou, chefe — Salan salienta apontando com o queixo para a cadeira vazia a minha esquerda.

— Horlom está em uma viajem sob minha ordem — minto. — O colocarei por dentro do assunto apenas quando ele retornar — completo e boa parte deles assentem enquanto a outra se mantêm em silêncio. — Como estava dizendo anteriormente, os chamei aqui para que fiquem sabendo de alguns assuntos. Na última viagem que fiz com minha esposa sofremos um atentado como muitos de vocês sabem. Há algum tempo atrás, recebi um telefonema de Pierre Martinez. Ele me disse que novas organizações estão surgindo e que para ganharem status objetivaram nos atingir.

— Ele pode estar apenas blefando, chefe — Baramethy desdenhou.

— É impressão minha ou acaba de subestimar minha inteligência, Baramethy? — indago dirigindo um olhar duro em sua direção e ele se remexe na cadeira.

— Não, chefe. Estou apenas querendo entender o propósito de Pierre.

— Acho bom tomar cuidado com o que diz, meu caro. Não serei tão compreensivo se houver uma próxima vez — esclareço ainda olhando-o nos olhos e continuo de onde havia parado — Pierre me enviou provas de que dizia a verdade.

Ao passar o olhar por todos para deixar claro meu ponto sobre desrespeito profiro minhas próximas palavras:

— Estou fazendo um pequeno resumo para que compreendam melhor o que está escrito no dossiê que ele mandou. Prosseguindo, diante da gravidade do assunto, ele sugeriu unirmos forças. E nesta aliança, o casamento entre seu herdeiro James Martinez e minha filha seriam a

garantia de que, tanto eu, quanto ele, iremos zelar da aliança.

— E isso já é definitivo. Não entendo nosso propósito aqui se você tomou todas as decisões sem nos consultar — outra vez sou interrompido por Baramethy.

Apoiei o cotovelo na mesa. Estava cansado das ironias daquele velho maldito.

— Não é definitivo por que tenho alguns termos para colocar no contrato. E um deles é que minha filha não será obrigada a aceitar o noivado...

— Claro o nosso chefe não daria a mão de uma bastardinha para cumprir um acordo. O Forlam, com certeza, não mediria esforços para selar está aliança caso ainda fosse vivo. — O velho estava pedindo para morrer e o bom é que ao chamar minha filha de bastarda ele acaba de conseguir o que almejava.

— Sabe, Baramethy, a palavra chefe que usou de forma irônica é exatamente o que sou agora. Meu pai já foi tarde e se gostava tanto da forma como ele tomava decisões, farei questão de te dar a passagem só de ida

para fazê-lo companhia no inferno — vou dizendo enquanto pego minha arma em meu coldre. Em seguida, acerto uma bala bem no meio da testa do velho que declina para trás com o impacto e, logo cai sobre a mesa de olhos arregalados, no mesmo instante em que, alguns feixes de sangue respingaram na parede atrás do corpo agora sem vida, na superfície da mesa e, até em mim e nos que estavam sentados perto dele.

Acostumado as minhas condutas, Salan sorriu discretamente. Ele sabia que aguardava apenas um deslize de Baramethy para acertar-lhe aquela bala na cabeça. Foi esse maldito velho, o responsável por minhas cicatrizes. Ele era o imbecil que meu pai colocou à frente do meu treinamento, e, talvez por isso ele nunca me respeitou como deveria.

— E que isso sirva de lição para vocês. Não hesitarei em fazer o mesmo com qualquer um. Ninguém irá dirigir seu sarcasmo em minha direção sem sofrer as consequências. Agora finalizando esta reunião... Quero que leiam o dossiê que lhes enviarei com atenção e

sugiram novas soluções além da aliança, e, em um próximo encontro, dependendo de onde partir a melhor ideia, este assumirá o cargo de Baramethy.

Deixei a sala e segui para o quarto que me pertence neste lugar. Ao entrar no cômodo confortável, retirei o terno e o joguei sobre o colchão. Em seguida caminhei até a poltrona e me servi de uma dose de whisky. O espaço em que me encontro é bem iluminado, pintado com cores claras. Os únicos móveis que decoram o ambiente é minha cama enorme que ostenta uma capa vermelha sangue cuja cor reflete a da poltrona em que estou sentado. Além dela, só a mesa baixa que uso para colocar minhas bebidas e alguns copos e o armário repleto de roupas minhas.

Pousei o copo na mesa após ingerir metade do líquido que derramei nele e estiquei uma das pernas para retirar o celular do bolso da calça social cinza que estou usando. Minha intenção é dar um dos primeiros telefonemas que preciso antes de voltar ao palácio e me juntar a minha mulher na nossa cama. Procuro o número

de Davi nos contatos e efetuo a chamada.

— Masalom! Ao que devo a honra de sua ligação, cara— atendeu animado demais o que significa que ele andou ingerindo uma dose superior do que eu recomendo de álcool.

— Não posso mais ligar para saber como vai meu segundo melhor amigo? — questiono e ele gargalha.

— Segundo? Suponho que o primeiro seja Horlom — brinca e limpa a garganta. — Em todo caso, você não poderia ter escolhido pior momento para ligar, escroto — reclama e eu consigo discerni uma pequena frase indecente dita por uma mulher.

— Você não presta, cara — comento. — Eu realmente preocupado contigo e você farreando.

— A vida é curta demais para ficarmos afundados na melancolia. Não é mesmo? Dane-se mundo! — berra e eu afasto o celular da orelha antes que fique surdo.

— Se está tudo bem então vou te deixar... curtir — balanço a cabeça em negação e apoio minha

cabeça no encosto da poltrona. — Te ligo para vermos melhor aquele assunto, aliás acho que temos condições a estabelecer.

— Não mesmo, nem vem. Já está tudo certo — murmura e eu suspiro cansado de tantos problemas. Por hoje já deu, minha cota está no limite.

— Nos falamos depois, Davi — desligo e só depois de batucar um pouco o celular na palma de uma das mãos pensativo é que resolvo beber o restante da bebida que deixei no copo. Derramei um pouco mais do líquido âmbar da garrafa logo depois e levantei afrouxando a gravata indo até o banheiro lavar o rosto.

Naquele cômodo, fiz a segunda ligação. Coloquei a chamada no viva-voz e enquanto Horlom não atendia procurei uma toalha pelas gavetas para enxugar minha face.

— Que bom que se adiantou e me ligou primeiro irmão. — Sua voz triste enche o ambiente. Ao encontrar a bendita toalha me recostei na bancada da pia.

— Iria me ligar? — indago passando o tecido

pelo rosto úmido.

— Sim, tinha que avisá-lo que esta viagem será mais longa do que imaginei — suspira cansado. — Nada está saindo como o planejado.

— Talvez se você não fizesse tanto mistério poderia te ajudar a fazer o que quer que seja — articulo ao bufar frustrado.

— É um assunto meu. Só eu posso corrigir meus erros, irmão. Mas obrigado mesmo assim, sei que posso contar com você.

— Sempre — completei para que se houvesse qualquer dúvida da sua parte sobre isso essa fosse abolida.

— Eu sei. É, eu estou dirigindo agora. Depois eu te ligo pode ser?

— Certo. Mande notícias — peço ao pegar o telefone da bancada e voltar ao quarto.

— Mandarei — afirma e encera a chamada.

Agora falta só um telefonema e este vou dar

enquanto regresso ao palácio. Alcancei meu terno e o coloquei antes de deixar o cômodo e fechar a porta atrás de mim. Após trancá-la com a senha que apenas Savanah, Horlom e eu temos, atravesso todo o caminho até o elevador que me levará à superfície. Já na oficina, me despeço do Liam que ainda estava mexendo no mesmo carro desde que entrei no local. E, no estacionamento, destravei meu automóvel com o intuito de dirigir até o palácio.

Enquanto guiava o veículo para fora dali, liguei para Pierre e aguardei.

— Como vai, Masalom? — atende cordialmente.

— Bem, Pierre. Liguei para tratarmos do nosso acordo, pretendo adicionar algumas cláusulas ao contrato — explico prestando atenção ao caminho mal iluminado a princípio.

— E quais seriam?

— Nada além do limite — garanto jogando o telefone no banco do carona. — Uma delas deverá dar a

minha filha a escolha de querer ou não casar-se com seu filho.

— Ora como isto não está fora dos limites? Se ela não aceitar, tudo volta ao início e esse acordo de nada valerá. Não posso depositar minhas fichas em algo que pode ou não vir acontecer, não funciona assim, ou temos, ou não temos um acordo — articula exasperado.

— Eu concordo plenamente, mas não há aliança caso não aceite meus termos, aliás, não estar em minha filha o poder de escolha. Será seu filho o responsável por fazê-la aceitar ou não o casamento. Ficará com a tarefa de conquistá-la. E por fim, você com certeza, não depositária seu futuro apenas em um casamento como se ele fosse a solução final. Meu caro, não sou idiota. Sei muito bem que assim como eu você já está atrás de resoluções viáveis para o nosso pequeno problema.

A linha fica muda por alguns instantes o que significa que ele está pensando no que acabo de dizer.

— Certo. Tenho certeza de que um Martinez

consegue domar qualquer mulher — concorda e eu sorrio vitorioso. — No entanto, agora sou eu quem tenho uma cláusula a creditar — deixo meu sorriso morrer. A porra do homem é duro de convencer.

— Estou ouvindo — articulo pronto para trazer de volta a porra toda ao meu favor.

— James terá autoridade quanto a sua filha.

— Uma porra que vai. Isso daria na mesma que dar de vez a mão dela a ele — comento frustrado.

— Não exatamente. Meu filho poderá decidir, por exemplo, se ela vai ou não a algum lugar. Agora é minha vez de te dizer que eu não sou um idiota. Se sua filha tiver contato com outros homens, longe das vistas do meu filho, poderá facilmente se envolver sentimentalmente com algum. Não iremos correr o risco. Não mais do que já estou correndo com essa aliança.

Bufo tentando encontrar uma alternativa que seja boa para ambas as partes.

— Não concordo com a ideia de seu filho transformar a minha menina em uma espécie de

prisioneira. Então faremos da seguinte forma. Me comprometo a não permitir que ela vá a qualquer lugar desacompanhada.

— Ótimo, assim está bom para mim, contanto que James concorde e confie neste ou nesta acompanhante.

— Feito. Só mais uma coisa, quero que seu filho esteja presente na vida dela desde o primeiro momento.

— Essa era exatamente minha próxima condição. Estamos de acordo — declara.

— Sendo assim, nos vemos pessoalmente em breve para ajustarmos os termos definitivamente. Formular as questões que implicaram na principal razão deste acordo e a maneira como procederemos quanto a esta união.

— Quando suas filhas tiverem cinco meses de vida levarei meu garoto para que ele escolha sua mulher — completa no instante em que me vejo diante do palácio.

— Até lá, manteremos contato — profiro por fim, e, encerro a chamada ao pegar meu celular e deixar o

carro.

Subi a escada sem me importar com o veículo, pois sabia que logo alguém o colocaria na garagem por mim. Não comi nada desde que saí, então resolvi passar na cozinha para fazer um lanche antes de ir até meu antigo quarto de brinquedos fazer uma visita rápida ao meu atual diário.

Comi duas ou três esfihas recém assadas com um pouco de suco de uva que tinha na geladeira e quando estava satisfeito segui pelos corredores em busca de escrever um pouco em um dos meus diários, eles merecem saber que enfim me vi livre de Baramethy. Ou talvez não. Paro abruptamente o lugar ao lembrar do pedido que minha Boneca me fez:

" Masalom a partir de manhã eu quero ser o seu diário, quero que me conte tudo o que for demais para você, quero que confie a mim seus desejos e medos mais profundos."

Suspiro dando meia volta, e, ao invés de ir ao meu antigo quarto de brinquedos, sigo para o meu atual

quarto onde está minha esposa. É uma decisão difícil de tomar, mas acho que chegou a hora de deixar aqueles diários no passado e seguir em frente sem eles.

Nosso quarto estava iluminado apenas pelo abajur em cima do móvel ao lado da cama quando entrei ali. Savanah ocupava um pequeno espaço do colchão encolhida devido ao ar gelado. Caminhei até ela e a cobri com o edredom que esta largado ao seu lado. Minha mulher sorriu levemente se aconchegando ao tecido e eu por vê-la aquecida.

Resolvi ir ao banheiro onde me desfiz das minhas roupas e tomei um longo banho. Me sentindo mais leve, regressei ao quarto e, após ter uma pequena conversa com os trigêmeos, me deitei junto a ela que, logo tratou de se enroscar ao meu corpo.

CAPÍTULO 09

SAVANAH

Outra vez ao acordar, havia apenas pequenas pistas de que Masalom dormiu ao meu lado. O seu cheiro no travesseiro, nos lençóis, por todo o cômodo na verdade, ou a pequena bagunça que ele sempre deixa nos locais onde passa antes de sair. Eu, por minha vez, estou com uma preguiça de levantar fora do comum. Mas mais do que ela, há a uma fome descomunal que faz meu estômago roncar alto com frequência. Me arrastei até a cabeceira da cama me espreguiçando, e, só instantes depois respirei fundo pronta para deixar o conforto dos cobertores quentinhos.

Ao colocar os pés no chão, vi de relance um pedaço de papel em cima do móvel ao lado da cama. Abafei um bocejo com uma das mãos e estiquei o outro braço para pegá-lo. E ao desdobrá-lo esfreguei os olhos antes de ler.

Bom dia, Boneca.

Precisei sair bem mais cedo do que costumo fazer por que, quero estar de volta logo. Por volta do meio dia esteja pronta para sairmos. Ontem não tive tempo de te mostrar o quarto dos nossos filhos e quero fazer hoje. Por fim, podemos usar algum tempo para compramos algumas coisas para eles.

Sempre seu, Masalom.

Sorri feito uma boba para o papel e suspirei contente com aquele convite. Será a primeira vez que sairemos juntos com o propósito de comprar algo para nossos filhos. Eles já têm as pulseiras que a tia doidinha deles confeccionou e os sapatinhos que Masalom comprou, mas eu ainda não tive a oportunidade de encontrar nada.

Consulto as horas no relógio do móvel onde estava o bilhete e percebo que tenho quatro horas até o horário estipulado, sendo que, uma delas usarei para me arrumar como ele sugeriu. Nas três horas restantes vou fazer uma visita ao quarto de Elisa já que ainda não fui

ver como ela está se estabelecendo aqui. Quero ver a Sarah também. A coitada da minha cunhada está bastante triste com esse casamento arranjado.

Levanto decidida a cumprir com este cronograma traçado de última hora para o dia de hoje e, vou ao banheiro fazer minha higiene matinal e tomar um banho rápido. Ao entrar no cômodo sorri e balancei a cabeça de forma negativa para a desorganização do meu marido. Ignorando as roupas jogadas pelo chão e os cosméticos abertos largados sobre a bancada da pia procurei o creme de dental e a minha escova.

Após escovar meus dentes, tomei banho e fui até o *closet* procurar uma roupa. Optei por uma saia longa, como tenho usado quase sempre, desde que a Sarah me falou um pouco mais da cultura do país, e preferi não usar o véu já que ainda não ia sair do palácio.

Não vejo a hora de irmos morar definitivamente na nossa casa e assim poder usar o que quiser. Acho que além de querer dar liberdade aos nossos filhos, era essa a intenção de meu marido ao sugerir que

fossemos morar longe do palácio, e, de certa maneira longe de tudo, ele queria acima de qualquer coisa que me sentisse livre para ser eu mesma, realmente em casa. A mansão já tem um pouquinho de nossa história e eu me sinto muito bem lá.

Com esses pensamentos, fui em direção ao quarto que Elisa está. Caminhei pelos corredores bem mais familiarizada, já conseguia ir aonde bem entendesse sem precisar de um guia e perceber isto me fez sorri. Passei por algumas mulheres conversando enquanto limpavam o chão. Parei diante da porta do cômodo em que minha amiga está instalada e bati com o punho fechado contra madeira.

— Só um instante. Estou indo — gritou lá de dentro e logo ouvi a chave girando na fechadura antes de abrir revelando-a. — Savanah, querida! Entre, entre — exclamou sorridente afastando-se um pouco para me dar espaço para passar.

— Olá, Elisa. Vim saber como você está — articulo ao dar alguns passos para dentro do quarto.

Ela fechou a porta e procurou minha mão. Segurando-a levou até sua cama. Nos sentamos ali e ela colocou uma das pernas dobradas em cima do colchão para ficar virada em minha direção.

— Eu estou muito bem. Feliz como a muito tempo não ficava, minha filha — diz sorridente. — Você foi meu anjo da guarda, minha linda. E eu que achei que iria protege-la — balança a cabeça rindo.

— E você fez. Não sei o que seria de mim se não tivesse te conhecido, sua história me deu ânimo para tentar vencer tudo o que estar ali representava — sorrio para ela ao proferir com sinceridade.

— Imagina. Eu fico muito contente que tenha achado um bom homem naquele lugar apesar do peso que o olhar sombrio dele tem, eu consigo ver que te ama de verdade. Quando ele olha em sua direção seus olhos ganham um brilho apaixonado e isso é reflexo do que vejo nos seus também — expressa me surpreendendo.

— Eu o amo, muito. Ele é especial — sussurro e abaixo o olhar envergonhada.

— Sei que sim, afinal só um homem assim conseguiria alcançar seu coração puro. Mas me conta e esses bebês? Vocês foram rápidos hein? — brinca e eu sinto meu rosto arder de vergonha. — Bom na verdade considerando onde estamos não é uma novidade — comenta pensativa.

— Como assim? — indago confusa.

— É comum o homem não se precaver. Eles buscam por herdeiros — explica e eu franzo o cenho reflexiva. — Vocês se casaram há algum tempo ou é recente? — muda de assunto.

— Há algum tempo, praticamente depois que ele me tirou do clube... quer dizer depois que me comprou — consegui corrigi meu deslize a tempo.

— E os bebês, já sabem os sexos? — inquere levando uma das mãos até minha barriga.

— Sim e os nomes também — sorrio olhando a sua mão espalmada em meu ventre. — Serão duas meninas e um menino. Thomas, Safira e Rubi.

— Que nomes lindos!! É maravilhosa a

sensação de tê-los crescendo dentro de nós, não é? Quando nascem eles tornam-se um pedacinho nosso em outro ser que, iremos sempre querer manter a salvo — divaga e pouco a pouco vai ficando emocionada.

— Vamos encontrar seu filho Elisa, aliás, precisamos de todas as informações que puder dar sobre ele para passarmos ao detetive que Masalom contratou — coloco minha mão sobre a dela e consolo-a.

— Eu não tenho muita coisa, só seu nome, data de nascimento, e claro lembranças de suas características físicas quando menino — murmura triste.

— Já é um começo. Vamos encontrá-lo — afirmo esperançosa. — Qual o nome dele?

— Davi, esse é seu nome. Davi Macedo. Hoje ele é um homem de 27 anos, moreno, cabelos lisos e pretos como os meus, ele tinha lábios cheios, bem desenhados. Sua boca era algo que sempre chamava atenção — sorri e respira fundo afastando uma lágrima dos olhos. — Já os olhos são castanho-escuro. Meu filho era doce, estava sempre preocupado com o bem-estar dos

outros, um menino alegre, sorridente... Mas não acho que seus sentimentos vá ajudar a encontrá-lo. Desculpe acabei me empolgando — confessa suspirando.

— Imagina, é muito bom ouvir como você ver seu filho, me imagino vendo os meus assim daqui a pouco — limpo o restante das lágrimas de seu rosto. — Vou pedir para Masalom enviar o detetive para conversar com você. Talvez ele queira te perguntar algo a mais.

Ela assente tirando a mão da minha barriga e colocando as duas unidas no colo ergue o olhar para mim.

— Bom, você está mesmo bem aqui? — questiono girando o dedo no ar para mostrar que me referia ao quarto.

— Sim estou amando. Gostei muito da sua cunhada também, ela me lembra um pouco o Davi até — gargalha. — Espirituosa, cheia de vida.

— Isso por que você só conheceu ela agora, Sarah está muito menos alegre. Está passando por um período difícil — articulo — Ela é maluquinha.

— Ela me contou sobre o casamento. Fiquei

com muita pena da menina sabe? A maioria das moças que conheci, sabia que mais cedo ou mais tarde seriam entregues a um homem a quem deveriam se casar. Mas a Sarah, pobrezinha, apesar de também ter essa certeza, conheceu outra maneira de ver o mundo e nutria esperanças de poder ser livre, de ter o poder de escolha.

— Ela gosta de Davi... olha só! Agora que me toquei que o nome dele é igual ao do seu filho — sorri pela a coincidência.

— Ela me falou um pouco sobre isso também — revela pensativa.

— Então Sarah gostou muito mesmo de você também. Foi difícil para ela se abrir comigo sobre sua paixão pelo médico. Eu particularmente só o vi duas ou três vezes e foi por um curto período. Espero que ele ao menos mereça o amor dela. Como médico ele me pareceu responsável e simpático — digo levantando. — Bem eu vou passar no quarto dela agora por que daqui a pouco sairei com Masalom para compramos as primeiras coisinhas para os bebês. Outra hora venho para

conversarmos mais, Elisa.

— Aproveita mesmo é um momento muito especial, principalmente na companhia de seu companheiro — pisca o olho para mim. — Vou abrir a porta para você — ergueu-se e juntas caminhamos até a porta na qual ela abriu e eu saí.

— Obrigada. Eu estou amando tê-la por perto, Elisa — expressei e ela me abraçou.

— E eu estou amando estar aqui — beijou meu rosto. — Agora vai lá ou vai se atrasar.

Assenti e segui em direção ao quarto da Sarah rezando para que ela estivesse por lá. Estava no último corredor que faltava quando me vi diante de um rapaz que nunca tinha visto por ali. Ele por sua vez sorriu em minha direção.

— Você deve ser a esposa do primo Masalom, suponho — expressa me fazendo parar para escutá-lo muito constrangida.

— Sim sou eu — murmuro olhando o corredor atrás dele com vontade de sair correndo.

— Sou Ibrahim, prazer! Sarah me falou bastante sobre você e eu a reconheci pelas características físicas citadas por ela e por algumas imagens que vi nos jornais — explica e eu murmuro algo em entendimento. — Você parece estar com pressa eu vou indo, aliás, se estiver indo ver minha prima, me faz um favor?

— Oh claro, se puder ajudar — afirmei olhando-o realmente pela primeira vez. Ele deve ter entre quinze e dezesseis anos, tem algumas espinhas no rosto, mas é bonito e muito bem vestido, seus cabelos e peles são claras e seus olhos azuis.

— Rasga por favor aquelas fotos que ela guarda em baixo do colchão?! Eu serei eternamente grato — pisca para mim e gargalhando segue seu caminho me deixando ali plantada sem entender nada.

Sorri para aquela conversa meio sem sentido e tracei o restante do corredor que faltava para chegar ao quarto da Sarah. Quando cheguei diante da porta ela se escancarou.

— Opa! — exclamou Sarah que quase chocou

seu corpo com o meu. — Por Allah cunhada, quase trombei contigo. Que milagre você por aqui, nunca vem me visitar — brincou abrindo a porta. — Vamos, entre mulher! Vai ficar aí parada me olhando como se eu fosse um fantasma.

Entrei no cômodo rindo das bobagens ditas por ela.

— Se você estava de saída, posso voltar outra hora — digo observando-a fechar a porta com a chave.

— Que nada! — abana as mãos. — Só estava indo matar um certo primo alemão de araque que andou mexendo nas minhas coisas.

— Eu acho que encontrei com ele... Mas se ele é alemão por que fala português? — questiono confusa olhando ela se jogar na cama.

— Por isso eu disse de araque. A mãe dele, é irmã da mãe de Masalom e Horlom, nos nem somos primos de verdade aliás, bom deixa eu continuar minha explicação. Como ia dizendo a mãe dele é brasileira e o pai alemão. A mãe dele teve um caso com o pai dele

enquanto estava de visita ao Brasil. Ibrahim foi criado um ano em cada país.

— Isso com certeza explica ele falar português — murmurei para mim mesma.

— Acredita que foi justamente dele que roubei aquele filme que vimos? Olha só como esse meu primo postiço me dar dor de cabeça. Se ele mantivesse aquelas porcarias mais bem guardadas, não estaria a ponto de me casar com o homem invisível. Acredita que ele só vai vir se apresentar dois meses antes do casamento? — bufa e eu estou levemente tonta diante de tantas informações.

— Calma! Assim você vai me deixar doida. Deixe-me ver se entendi — peço rindo. — Então o garoto não é seu primo, mas ambos consideram-se assim. — Ela assente e eu prossigo: — E você ficou sabendo que só irá conhecer seu noivo dois meses antes do casamento...

— Sim, onde já se viu isso? — Me interrompeu e eu estreitei meu olhar em sua direção em forma de repreensão. — Desculpe continue. É que estou

revoltada — resfolega chateada.

Aproximei-me da cama e sentei no sofá cinza que tinha ali apoiando meu braço em uma das duas grandes almofadas.

— Então, e sobre o filme não diria que seu primo tem culpa na verdade, você foi quem andou bisbilhotando as coisas dele. E depois disso, nós duas fomos responsáveis por esquecer o DVD dentro do aparelho, e, em seguida a culpa foi minha por não ter conseguido inventar nada sobre isso para seu irmão.

Ela apoia o cotovelo no colchão e olha para mim apoiando a cabeça na mão.

— Você tem razão e eu não me arrependo de ter visto o filme. Li alguns trechos que me assustaram em uma revista e precisava ter consciência do que representava aquilo tudo — balança a mão livre diante do rosto.

— Eu também não me arrependo — profiro olhando para minha sandália pensativa — Masalom já disse ao menos o que será este presente? — indago

instantes depois.

— Não. E se está me perguntando é por que também não te disse — responde jogando a cabeça no colchão. Olhei fixamente para ele e me lembrei do pedido meio estranho de seu primo sobre rasgar as fotos que ela esconde em baixo do colchão.

— Sarah, Ibrahim me disse que esconde algumas fotos em baixo do colchão. A que ele se referia? — pergunto e ela rolou os olhos sentado e levantado a beirada do dito cujo puxou uma pasta de lá.

— Senta aqui que te mostro. Não temos segredos mesmo — dando de ombros.

Me apressei em ir até a cama e curiosa me sentar nela como ela pediu. Sarah abriu a pasta e jogou um monte de fotos em cima da cama. Peguei uma delas e vi um menino de óculos escuros na praia junto a Horlom e Masalom. Fui olhando as outras e este mesmo rapaz aparecia em todas, ora mais velho, ora mais novo, e por fim, reconheci o Davi atual em uma delas feita no meu casamento.

— Uau! — foi só o que consegui dizer diante daquilo.

— Eu sei, é doentio. Mas eu gosto de vê-lo, e se não tenho o real, guardo fotos dele — brinca dando de ombros.

— Não é doentio. Você realmente ama este cara, Sarah. — Seguro sua mão e sorrio para ela compreensiva. — Talvez se falarmos com seu irmão ele esquece esse negócio de te casar. Quer que fale com ele? — sugiro realmente mal por ela.

— Não, está tudo bem, sério. Além disso, casando ou não, Davi nunca será meu mesmo. Então que diferença isso faz? — expressa guardando as fotos de volta na pasta.

— A diferença de que não estará amarrada a alguém que não ama — respondo e quando ela guarda a pasta de volta onde estava puxo-lhe para um abraço.

— Eu acho que posso tentar gostar deste homem sabe? Quem sabe não esqueço de vez Davi — articula retribuindo meu abraço e se afasta. — Além disso

não serei uma tia solteirona no futuro. O que já é um ponto positivo nesse casamento — brinca passando as mãos por meu ventre.

— Besta! — gargalho batendo levemente em seu braço e de relance vi o relógio em seu móvel perto da cabeceira. Virei minha cabeça para ele interessada em ver as horas e ao ver que ia dar duas horas saltei da cama praguejando.

— Ainda dizem que eu sou doida. O que foi? — Sarah pergunta me olhando com interesse.

— Droga! Fiquei de me arrumar para sair com Masalom as doze horas e já são uma e quarenta e cinco — explico seguindo apressada para a saída.

— Então vai logo que como ele é pontual já deve estar criando raízes de tanto te esperar! — gritou enquanto eu corria feito uma maluca pelo corredor.

O percurso foi feito em dois ou três minutos e eu confesso que foi quase como correr uma maratona. Ofegante alcanço a maçaneta e giro entrando no nosso quarto. Procurei por meu marido e o encontrei sentado em

sua poltrona tomando um gole de uma de suas bebidas perdido em pensamentos, tão concentrado quem nem percebeu minha presença.

Me permiti respirar fundo algumas vezes em busca de acalmar minha respiração e coração acelerado. Com tudo em ordem outra vez, caminhei até ele e, só quando parei em sua frente foi que, seus olhos ergueram-se encontrando os meus.

— Desculpe, marido acabei perdendo a hora. Fui ver a Elisa e depois a Sarah e o resultado foi que nem percebi o tempo passar — peço e ele assente colocando uma mão em cada lado da minha cintura.

Sentei em seu colo de frente para ele e suspirei em apreço ao ouvir seu coração retumbando em meu ouvido. Com a cabeça encostada em seu peito aproveitei um pouco da sensação de estar em seus braços e então me ajustei em seu colo se afastando um pouco para poder ver seu rosto.

— Você parece distante — observo acariciando seus cabelos. — Ficou chateado comigo, não

é? — indago brincando com seus fios sedosos entre meus dedos.

— Não estou chateado com você, Boneca. Na verdade, nem eu mesmo, vi o tempo passar. Estou remoendo algumas soluções para os problemas que tenho apenas. — fala sorrindo levemente e leva a mão a minha barriga afagando-a por cima da blusa que uso.

— Quer conversar? Falar ajuda. Me diz quais são os seus problemas, dividir torna-os mais leves.

— Gosto de manter tudo só para mim, sempre foi assim, Boneca. Usava um ser inanimado para desabafar. Mas tudo bem, vou tentar falar para você, aliás já estou tentando me desfazer dos diários como me pediu — profere levantando um pouco a blusa que uso até ter exposta minha barriga.

— Você não pode se desfazer deles de uma hora para outra, se isso está te deixando assim desta maneira. Vá com calma. Eles foram seus companheiros, como você mesmo acaba de dizer, e eu entendo que vai demorar a se acostumar a viver sem eles — desço a mão

de seus cabelos e acaricio sua bochecha.

— Você seria uma boa psicóloga, Boneca. Isso depois de uma excelente chef de cozinha — expressa me encarando e volta seus olhos para minha barriga. — No início achei que eles não fossem crescer mais e agora, eles parecem crescer cada dia mais — franze o cenho passando o dedão pela pele exposta do meu ventre.

— Eles estão crescendo e eu estou virando uma bola de neve — brinco cobrindo a mão dele com a minha, neste instante sentimos um chute. Já havia sentido vibrações, mas este é o primeiro sinal concreto de que eles estavam ali, vivos e saudáveis.

Masalom me olhou com os olhos arregalados em surpresa acho que reflexo do meu próprio.

— Sentiu isso? Quer dizer, claro que sentiu afinal eles estão dentro de você. — Se enrola todo com as palavras e eu acabo rindo. — Eu acho que alguém não gostou da sua observação — pisca o olho para mim.

— Talvez — sorri olhando para nossas mãos unidas como se estivéssemos os protegendo antes mesmo

deles nascerem.

— Meus problemas tem um período de tempo longo até virem à tona. O principal deles agora é o casamento da minha irmã. Não gostei das atitudes do seu pretendente — começa a se abrir repentinamente após algum tempo de silêncio que partiu de nos dois.

— Então não faça isso com ela. Sarah não quer casar ainda, hoje mesmo tirei a prova disto — falo observando o fundo dos seus olhos escuros.

— Eu poderia fazer isto se ela me prometesse não ir contra as tradições, mas não é uma solução Savanah. A mãe dela estava negociando isto com o meu pai antes dele falecer e agora está exigindo uma atitude minha, além disso, está no tempo de casá-la, e por fim, eu estou tentando de uma maneira torta fazê-la feliz e é isso que me preocupa.

— Entendi, então o que te preocupa é estar tentando fazer o certo e acabar errando — deduzo pensativa.

— Exatamente, eu sei o que ela quer, mas não

sei se este querer a fará feliz — franze o cenho.

— Nossa que mistério — brinco deitando a cabeça outra vez em seu peito.

— Não é mistério, depois da cerimônia de coroação te conto tudo se me prometer manter segredo, afinal, nem tudo é questão só da Sarah, tem as do noivo dela também.

— Eu não direi nada. Quero que confie em mim sempre — articulo com sinceridade, sou amiga da Sarah mas Masalom é o meu marido e é a ele que devo mais cumplicidade. — Hum, ainda iremos fazer compras? — questiono mudando de assunto.

— Se uma certa Boneca ainda quiser ir, sim — responde abaixando minha blusa. — Mas vai ter que ser rápido por que já passou das duas — condiciona e eu me remexo arrumando uma posição para que possa levantar sem cair e, só então me ergo saindo do seu colo.

— Então vamos, marido. Fiquei tão animada quando li seu bilhete — confesso passando as mãos por minha saia amassada.

Masalom levantou também passando a mão pelos seus cabelos despenteados por meus dedos. E então parou a mão no ar quando, minha barriga resolveu me lembrar de que eu não tinha sanado minha fome de hoje mais cedo e, que agora ela voltou ainda mais intensa. Ele estreitou os olhos em minha direção.

— Me diga que você se alimentou hoje, Savanah? — pediu e eu mordi os lábios desviando o olhar do seu para o chão.

— Não — murmurei e o ouvi resfolegar.

— Merda, Boneca, por isso está sempre doente. Você tem que priorizar sua alimentação.

— Eu sei, apenas me distraí e não lembrei de comer — articulo envergonhada.

— Também não precisa agir como se eu fosse seu pai e estivesse lhe repreendendo, Savanah, estou preocupado com você e quero que cuide bem da sua saúde e por consequência das dos nossos filhos. Agora vamos descer para que possa comer algo antes de sairmos — chama circulando minha cintura com o braço.

Assenti passando meu braço por seu quadril também e saímos daquela forma pelos corredores após nos separarmos alguns instantes para passar pela porta.

— O que nós vamos comprar? — pergunto curiosa enquanto descemos as escadas.

— Tudo, mas por hora podemos dar preferência aos móveis do quarto. Depois compramos roupas e calçados essas coisas simples. O que acha?

— Gostei, assim quando comprarmos as coisinhas deles, já vamos ter onde colocar — respondo sorrindo para ele que me lança um sorriso torto.

Ao chegarmos na cozinha Masalom me empanturrou de comida alegando que me queria com reservas de energia durante nosso passeio. Em seguida saímos em direção a Riad com ele dirigindo.

— Coloca alguma música para ouvirmos — peço deitando a cabeça no encosto do banco. De olhos fechados esperei por uma resposta e uma música barulhenta encheu meus ouvidos. — O que é isso? — questionei ao fazer uma careta e abrir os olhos para ver

seu rosto. Meu marido sorria concentrado na estrada a frente.

— Horlom e meus primos. Eles não são tão ruins... — Me olha de relance.

— Não cantam mal só gritam demais — reclamo e ele gargalha trazendo a mão a minha perna.

Estava gostando do início desse período em que estaríamos juntos, vendo aquilo que usaríamos no espaço dos nossos bebês. Relaxei o quanto pude no resto do caminho ouvindo Horlom e seus primos cantarem alto demais, mas apesar de que o estilo não é do meu gosto, eles têm talento.

Logo Masalom parava no estacionamento de um shopping. Saí do carro com sua ajuda e algum tempo depois percorremos o lugar atrás de lojas de móveis infantis.

Eu estava nas nuvens por poder dar aos meus filhos aquilo que não pude ter. Acho que deixei meu marido com uma dívida grande, já que, tudo bonitinho que eu via comprava, mas o que me tranquilizou é que ele

poderia ser muito mais consumista que eu, e ele mesmo se encarregou de comprar os móveis que achou bonito. Masalom tinha bom gosto e eu sempre concordava com suas escolhas, pois elas me agradavam também. Por fim, para quem combinou comigo de focar nos móveis ele comprou brinquedos, roupas, sapatos, fraldas, bichos de pelúcia gigantes, mamadeiras até chupetas ele comprou. Eu apenas ria das suas loucuras e explicações do por que levar isso ou aquilo.

— Chega, Masalom, você vai falir desse jeito — reclamo quando ele insistiu que queria uma piscina de bolinhas para colocar em um quarto de brinquedos que ele disse ter em nossa casa.

— Comprar este shopping inteiro não faria nem cócegas em uma das minhas contas bancárias, Boneca. E eu quero brincar com meus filhos nesta maldita piscina de bolinhas — diz chateado e eu balanço a cabeça em negação.

— Você parece que nem teve infância agindo desta maneira, meu amor — brinco e pela primeira vez

desde que chegamos o sorriso sumiu de seu rosto. Percebi que havia dito bobagens. É claro que ele não teve infância, coitado, pensar assim, me dá um aperto no peito. — Desculpe eu só queria fazer uma piada e acabei dizendo besteira. Vamos levar a piscina de bolinhas se você quer tanto.

Fechei o pouco espaço que tinha entre nós e o abracei, mas logo me afastei quando recordei de que não se demostrava afeto em público na Arábia Saudita segundo a Sarah.

— Você tem razão, acho que me empolguei — articula olhando a montanha de compras que fizemos em um dos cantos da loja em que estávamos, isso por que já passamos em duas outras.

— Nós dois passamos um pouquinho do limite. Já pensou se viermos mais duas vezes aqui não teremos espaço para colocar nada mais dentro do quarto — brinco e ele volta a sorri aliviando um pouco o peso em meu coração.

— Mais uma vez tenho que concordar —

expressa. — Vamos embora? — sugere erguendo as sobrancelhas.

— Vamos — concordo respirando fundo e ia seguindo para fora da loja quando ele exclamou:

— Não espera! Temos que passar na loja onde comprei aqueles sapatinhos para mandar eles confeccionarem o enxoval deles e então poderemos ir.

E foi o que fizemos passamos na tal loja e mais uma vez me vi encantada com tudo. Após escolhermos cores e detalhes que queríamos nos três enxovais que Masalom mandou fazer, regressamos ao palácio já de noite.

CAPÍTULO 10

MASALOM

Não canso de olhar minha mulher. Com cinco meses de gravidez ela está ainda mais bonita e seu sorriso encantador direcionado a mim sempre que possível me deixa maravilhado. Sua barriga está enorme o que significa dizer que nossos filhos estão há alguns meses de nascer. A última vez que fomos ver a Dra. Pellegrini ela marcou o parto cesariano e eu não vejo a hora deste dia chegar.

Definitivamente sou oficialmente o novo rei árabe, a cerimônia de coroação terminou e agora estamos em uma comemoração no palácio, restrita a poucas pessoas. Estava chegando a hora de entregar a Sarah o seu presente, o mesmo que propus ao seu noivo tempos atrás e este aceitou. Espero que minha princesa encontre seu caminho neste meio tempo e principalmente que seu noivo também ache o seu.

Savanah vinha em minha direção acompanhada de Elisa que devo confessar estar sendo de grande ajuda para nós dois. Eu tenho plena consciência de que minha Boneca me pedirá para subirmos. Ela está sempre reclamando de dor nos pés e nas costas e eu fico louco de preocupação.

— Masalom?! — proclamou meu nome manhosa e fez aquele biquinho irresistível para mim quando ambas pararam em minha frente.

— Sim, meu amor? — sorri para ela que suspirou.

— Eu não aguento mais ficar de pé — declarou como havia previsto. — Podemos subir? — indagou dirigindo a mim olhos piões.

— Sim, querida. Elisa você poderia, por favor, pedir a Sarah que vá até nossos aposentos assim que possível? — peço para a senhora que sorri maternalmente para nós dois assentindo.

— Claro que sim. Vimos ela agora a pouco indo lá fora. Vou atrás dela para passar o recado —

piscou já afastando-se.

— Obrigado— murmurei voltando minha atenção a Savanah. — Vamos? — questionei e ela abriu um largo sorriso.

— Por favor — articulou seguindo na frente pois, já estava por dentro de todas as nossas tradições, inclusive a de que não devemos demonstrar afeto em público.

Fui logo atrás, e, distante o bastante de todos, a surpreendi pegando-a nos braços.

— Já te disse como estou orgulhoso de você? — inqueri beijando sua cabeça.

— A respeito do quê? — pergunta confusa suspirando em satisfação ao depositar a cabeça em meu peito.

— Sobre a forma como vem aplicando-se em aprender nossa cultura por mim. Você está amadurecendo depois da gravidez e é sempre bom poder ter você ao meu lado escutando e aconselhando.

— Obrigado. E eu que estou feliz por você estar aos poucos confiando em mim para dividir seus problemas — articula e eu assinto, realmente estava cada vez mais fácil me abrir com ela. — Masalom? — chama enquanto abro a porta do nosso quarto com ela ainda nos braços.

— Sim? — murmurei fechando a porta com o pé e logo segui com ela até a cama.

— Quando iremos para nossa casa? — indaga e respira fundo apreciando a maciez do colchão contra suas costas quando deposito-a ali.

— Amanhã mesmo se você quiser — respondo sua pergunta tirando seus sapatos.

— Sério? Que bom! — profere contente. — Não vejo a hora de nos mudarmos... Hum isso é delicioso. Você sabe como me mimar — geme quando começo uma massagem em seu pé direito. — Por que você pediu para Elisa mandar a Sarah vir até aqui? — questiona ajustando os travesseiros atrás das costas.

Pousei seu pé no colchão e me levantei indo

até a gaveta do móvel, próximo a cama para pegar o envelope que guardei ali.

— Vou dar isso a ela — estendo o envelope para minha Boneca que franze o cenho e o pega curiosa.

— O que tem aqui dentro?

Caminhei até onde estava antes e outra vez me sentei trazendo seu pé para meu colo.

— O presente que prometi a minha irmã antes do seu casamento — explico e ela instantaneamente volta seu olhar arregalado para mim. — São alguns cartões de créditos, senhas de bancos onde abri contas, e documentos falsos.

— Não entendo, por que a Sarah irá precisar de contas ou documentos falsos... — murmura olhando o envelope em seu colo.

— Por que seu presente é a liberdade de viver onde e, como, ela quiser durante um ano. Não poderia aprisionar minha irmã a um casamento sem dar a ela a oportunidade de conhecer o mundo como ela sempre sonhou.

Me arrasto até sentar ao seu lado e logo ela deita a cabeça em meu ombro.

— Oh meu Deus! Sarah vai ficar tão feliz — grita abraçando forte minha cintura.

Naquele instante Sarah avisa sua chegada com algumas batidas na porta e entra logo em seguida.

— Quanta animação cunhada. Ouvi seu grito lá fora. Por que eu ficaria feliz — questiona caminhando até a cama onde estamos e se deita aos nossos pés.

Sarah apoiou a cabeça na mão e com o cotovelo no colchão respirou fundo. Savanah pegou o envelope no colo e esticou para ela.

— Por isso! — articulou balançando-o em frente ao rosto de minha irmã.

— O que é isso? — indagou pegando-o e diferente de Savanah que, esperou uma resposta minha, ela rasgou o envelope e o virou no colchão sacudindo até que todo o material que ele guardava estivesse no colchão.

— São suas senhas, cartões de crédito e os documentos falsos — explico da mesma forma que fiz com Savanah enquanto ela analisava tudo minuciosamente.

— E por que isso? Por que preciso usar documentos falsos? — Ela me encara com seus olhos azuis questionadores.

— Por que como sabe, não pode ter dinheiro em seu nome e você irá precisar ter dinheiro para usar seu presente. E conhecendo você, como conheço, sei que vai aprontar bastante onde quer que vá, então quando retornar para casa seu nome continuará intacto — expresso trocando um sorriso cúmplice com minha mulher que balançou a cabeça rindo.

— Se já não estava entendendo antes, agora estou perdidinha aqui, meu filho — bufa jogando a cabeça no colchão.

— Estou te dando seu presente, princesa. Você pode viajar para onde quiser por um ano. E preciso salientar que a contagem começa a partir de agora — falo levantando para ir tomar um banho e tirar esta roupa que,

já está me sufocando, quando minha irmã crava as unhas em meus braços.

— Eu, você... isso é sério? — gagueja toda desajeitada ao pular da cama.

— Claro que sim, princesa, sabe que eu não minto — olho para sua mão em meu braço. — Agora você já pode ir fazer suas malas e soltar o meu braço? — indago ao erguer minhas sobrancelhas.

— Por Allah! Então isso é mesmo verdade?! Eu... — grita se jogando em meu pescoço. — Obrigada, obrigada. Você é o melhor irmão do mundo!

Savanah sorria nos olhando de onde estava sentada. Sorri para ela e abracei minha irmã.

— Vá realizar seus sonhos, Sarah. Curta da maneira que quiser, este é o seu tempo, porém, retorne na data estipulada ou terá problemas— articulo quando ela se afasta pulando como um coelho.

— Você disse que meu tempo já está correndo, não é? — pergunta juntando os papéis de volta no envelope com pressa.

— Sim... — balbucio com medo do que vem por aí.

— Pois o cadê meu avião, meu querido irmão?! Não estou vendo nenhum — coloca a mão na cintura e eu resfolego. Por que ela tem que ser tão maluca e irracional?

— Primeiro, eu pensei que fosse planejar sua rota, segund...

— Mas eu já sei para onde eu vou. Eu vou para a França. Não, não melhor não! A França é para casais apaixonados e eu quero agitação. Já sei! Eu vou voltar ao Brasil! — Me interrompeu e começou a tagarelar consigo mesma fazendo Savanah abafar uma gargalhada com a mão.

Rolei os olhos e suspirei ao vê-la dançando enquanto falava sozinha.

— Sarah estou começando a me arrepender de soltar suas correntes.

— Não faça, Masalonzinho! Estou muito feliz e eu preciso comemorar! Também não quero perder um

segundo do meu tempo, só isso. — Me olhou ao colocar a mão em cima do coração.

— Certo, mas você já pensou que precisa fazer as malas, se despedir e tudo mais antes de partir? Não se pode sair por aí sem nada Sarah.

— Veja bem, meu irmão. Você disse — que eu ouvi e nem adianta voltar atrás — que meu presente é uma viajem onde eu posso ir aonde eu quiser e viver como eu quiser — fala como se estivesse explicando a uma criança. — Não foi isso que ele disse cunhadinha?

— Foi sim Sarah. Exatamente assim — Savanah concorda sorridente.

— Sim foi isso que disse. Mas o que isso tem a ver com você fazer as malas e planejar sua viajem como qualquer ser normalmente faria? — cruzo o braço contra o peito esperando uma resposta após perguntar destacando a passagem "como qualquer ser normal".

— Por que chega de ser prisioneira, Masalom. Não vou planejar nada pois, quero que tudo aconteça sem ter um final definido. E sobre as malas... Acha mesmo que

vou andar pelo mundo usando minhas vestes normais? Não meu bem, serei uma perfeita brasileira, ou uma perfeita francesa, ou russa. Minhas roupas irão depender do país em que irei visitar.

— Mas há um final definido, Sarah — bufo impaciente. — Você terá que retornar a Arábia Saudita no final deste prazo, conhecer seu noivo e, se casar com ele — lembro e ela rola os olhos.

— Vocês homens não entendem nada. Deixa para lá, eu vou buscar apenas uma coisinha em meu quarto e enquanto isso, prepare meu voo, por favor — pede e sai dançando antes que eu possa dizer qualquer coisa.

— Pode isso? — suspiro sentando no colchão outra vez onde minha mulher se contorcia de tanto rir.

— Eu falei que ela ia ficar feliz. Meu Deus, como estou aliviada em ver a alegria dela voltado com força total — expressa se arrastando até onde estou para me dar um beijo doce na bochecha.

— Pensando dessa forma, você tem razão — brinco colocando-a deitada outra vez.

Com minha mulher em baixo de mim, encosto nossos lábios sentindo a maciez dos seus me levarem a uma outra dimensão. É bom ter ela suspirando com os dedos entre meu cabelo o puxando. É bom sentir nossos filhos crescerem em sua barriga redonda. É bom ter seus seios agora maiores em minhas mãos e, é bom ouvir seus gemidos desejosos quando seus homônimos despertam uma mulher devassa.

Savanah tateava meu abdômen atrás do meu pênis ereto enquanto me beijava com fome desmedida.

— Boneca, você está sempre atrás de sexo — brinco me afastando. — Não posso te dar o que deseja agora por que vou arrumar tudo para que Sarah parta em segurança esta tarde — sussurro em seu ouvido. — Mas depois que tudo estiver resolvido, prometo sanar seu desejo desenfreado.

— E isso não pode esperar nem um pouquinho? — insiste tentando desabotoar minha camisa.

Seguro suas mãos e ela bufa frustrada. Sorrio tirando o cabelo que caiu em seu rosto.

— Você viu que não. Sarah irá matar *a nós dois* caso sua partida não esteja pronta até o fim do dia — beijo sua testa e levanto saindo de cima dela.

— Tudo bem. Mas antes de você ir, será que pode pegar para mim uma porção de morangos? Seus lábios estão com gosto de morangos e, eu estou desejando muito morango com chocolate — faz biquinho.

Assinto pensativo.

— E esse seu desejo não pode esperar até mais tarde? — indago tendo algumas ideias sobre aplacá-lo junto a sua excitação.

— Bom, talvez — morde os lábios estreitando os olhos em minha direção. — O que você tem em mente para mais tarde? — indaga mordendo o lábio inferior enquanto me olha maliciosa.

— Eu tenho muita coisa em mente — pisco indo em direção ao banheiro.

Não disse a ela, mas eu mandei ajustar os móveis que compramos no quarto dos nossos filhos meses atrás. Vou levá-la lá hoje para mostrar como ficou o

trabalho e amanhã fazemos a mudança. Chega de esperar para termos nossa vida longe deste palácio.

Tomei um banho e me vesti antes de passar pelo quarto e ver Savanah dormindo. Ajustei-a contra os travesseiros a colocando em uma posição confortável e fui para o escritório. Liguei para Zylan e o mandei preparar o voo da Sarah para às cinco.

Custou bem pouco para a mãe dela vir protestar sua ida ao Brasil. Dispensei a minha madrasta que, se calou no instante em que eu argumentei sobre o noivo de Sarah não se importar com sua ida a onde quer que fosse. A primeira batalha foi ganha a segunda será convencer a mulher deixá-la casar com um estrangeiro. Aproveitando que estou no escritório vou pôr em dia alguns papéis que preciso ler e assinar.

Passei algum tempo lendo e relendo documentos antes de rubricar ou não. Quando olhei o relógio de pulso faltavam duas horas até minha irmã ter que partir. Deixei o escritório e fui até seu quarto ver se ela estava pronta, mas não havia ninguém ali.

Suspirei e segui para meu quarto esperando encontrar ao menos Savanah e depois iria à procura de Sarah já que, o tempo está apertado. Logo do corredor, pude ouvir risos e vozes. Sarah, Savanah e Elisa estavam ali sentadas em nossa cama conversando animadas. Bati na porta aberta só para elas saberem da minha presença.

— Boa tarde. Sarah seu voo está esperando por você. Posso te levar ao aeroporto — articulo quando elas param de falar para ver quem estava batendo.

— Beleza, estou pronta e as meninas vão comigo até o aeroporto queremos nos despedir com calma — diz e eu assinto.

— Bem, pois então vamos — chamo entrando para ajudar minha mulher a se erguer. Vi apenas dois envelopes nas mãos da minha irmã e uma mala pequena em cima da cama. — Sarah você tem certeza que aí tem tudo que precisa?

— Sim tenho — troca um olhar cumplice com Savanah e Elisa que sorriem piscando para ela.

Por que tenho a impressão de que elas estão

aprontando?

— Se você diz — balbucio enlaçando minha mão a da minha Boneca e juntos seguimos para fora, após as outras duas mulheres seguirem na frente.

Elas foram todo o caminho de carro tagarelando. Eu, por minha vez, me concentrei em dirigir perdido em meus próprios pensamentos. Só espero estar fazendo a coisa certa. Que a minha princesinha seja feliz durante este ano e depois em seu casamento, assim como estou feliz ao lado de Savanah.

O caminho que era longe, entretanto tornou-se perto, diante do clima de despedida dentro do carro. Quando todos descemos para Sarah embarcar minha Boneca desatou a chorar.

— Savanah, eu volto para ver o nascimento dos meus sobrinhos. — Minha irmã abraçou-a. — Estou indo viver o que sempre quis. Não chore, mulher! Fique feliz por mim.

— Eu estou feliz, mas vou sentir saudades — funga e, sorri em meio ao choro quando Sarah cochicha

algo em seu ouvido.

Ambas gargalharam e então Savanah veio em minha direção. A Recebi em meus braços e enxuguei suas lágrimas.

— Cuida dela, irmão — beijou minha bochecha. — Obrigado pelo presente. Foi o melhor que já recebi e olha que eu ainda nem usufrui dele.

— Faça uma boa viagem, princesa — sorri para minha irmã e pousei a mão na barriga da minha esposa.

— Elisa, se cuida e presta atenção naquele sheik que anda te cercando. Se fosse dez anos mais velha ele estaria na minha lista pretendente. Dizem que ele é um homem honesto, generoso, amoroso e que não tem nenhuma esposa — abraça Elisa que ria negando com a cabeça. — É sério, mulher! O homem é homem com H maiúsculo e eu vi vocês dois conversando. Até mais, Elisa.

— Se cuida, querida. Manda notícias.

— Pode deixar — afirma pegando a mala das

mãos da senhora e tocou o ventre de Savanah bem abaixo da minha mão. — Tia Sarah volta assim que saírem daí para brincar muito com vocês — expressa e se afasta.

Sarah vira as costas e segue para o avião acompanhada de perto por Zylan que, também está responsável por fazer sua segurança de longe, sem que ela perceba durante todo o ano. Ela acena um tchau antes de sair das nossas vistas.

Savanah que outra vez chorava agarrada à minha camisa, acena de volta.

— Ela volta logo Savanah faltam três meses para o nascimento dos bebês e ela prometeu que estará aqui — sussurrei em seu ouvido e ela assentiu um pouco mais conformada. — Elisa seria um problema para você, caso retornasse ao palácio junto a um motorista? — questiono.

— Não de forma alguma — articula negando.

— Ótimo. Vou te levar até o carro — gesticulo e deixo Savanah um instante para mandar Elisa de volta junto a Zoalioan.

— Elisa, preciso que faça suas malas pois, amanhã nos iremos nos mudar para nossa casa e você vem conosco — expresso caminhando ao seu lado.

— Oh sim, claro! Savanah deve estar feliz com a novidade. Ela estava ansiosa por isto.

— Ele está, e eu também — respondo cumprimentando Zoalioan com a cabeça. — Preciso que leve Elisa ao palácio — digo a ele que concorda abrindo a porta para ela entrar. — Até amanhã, Elisa.

— Até amanhã, querido.

Com a partida deles, regressei até onde havia deixado minha esposa e ela me observava com os olhos vermelhos e estreitados em uma indagação silenciosa que por deduzir do que se tratava, já respondi abrindo a porta do veículo ao seu lado.

— Vamos para nossa casa. Tenho algumas promessas a cumprir por lá — pisco pedindo sua mão para auxiliá-la a entrar no automóvel.

Após ajudá-la com o cinto de segurança, fechei a porta e dei a volta para assumir o banco de

motorista ao lado do seu.

— Mas, não iríamos nos mudar amanhã? — indaga enquanto dou a partida.

— Ainda vamos. Mas antes iremos dormir lá.

— Dormir... sei — murmura e eu não posso evitar gargalhar. — Para de rir, seu bobo, toda vez que você me leva para nossa casa dormir é o que menos fazemos.

— Nossa casa. Gostei dessa frase — expresso levando uma das mãos a sua perna, observando seu rosto corado rapidamente antes de voltar para a estrada.

Ela ficou em silêncio, mas tinha um sorriso nos lábios. Estávamos na metade do caminho quando ela resolveu falar.

— Masalom, hum... eu não sei como vai reagir a isso, mas... bom, Sarah me entregou uma carta — gaguejou mordiscando o lábio inferior.

— Uma carta. Onde está? — indago sem saber ao certo a finalidade dela.

— Está em minha bolsa, ali no banco de trás — responde virando de lado no banco para me olhar e segura a mão que ainda mantenho em sua perna.

— É do seu pai. Ela me disse que ele deixou com ela dias antes de falecer — fala insegura.

— Nem mesmo depois de morto ele me deixa em paz — murmuro ao suspirar.

— Você não vai ler? — questiona se aproximando para mexer em meus cabelos.

— Vou. Pode ser algo sobre a máfia ou coisa assim.

Naquele momento estávamos diante do portão da nossa residência. Busquei o controle do portão. Ao estarmos na garagem desliguei o carro e, estiquei o braço para pegar a bolsa dela no banco de trás.

— Vamos acabar logo com isso. Procura para mim — digo entregando-a.

Savanah me olhou e se ajeitou no banco. Com a bolsa no colo ela vasculhou e logo puxou a tal carta.

— Aqui está — expressou ao me entregar.

Peguei a mesma de suas mãos, e, respirando fundo rasguei o envelope em busca do papel.

Masalom,

Optei por deixar este recado pois sei que estou partindo. Gostaria de te explicar algumas coisas. Como sabe, fui eu quem te mandou ao clube escolher uma mulher para si, claro que você conseguiria uma cedo ou tarde, você é um homem bonito e cheio de atributos, mas eu fiz isso cumprindo a promessa que fiz a sua mãe. Antes de falecer ela me pediu para proteger você. Eu sei que não fui o pai que você queria e merecia ter, mas eu fiz tudo dentro dos meus limites pensando em vocês. Sua mãe também me fez prometer que não iria deixar nossos filhos sozinhos quando eu também fosse partir.

Foi por isto que te obriguei a casar rapidamente. Queria ver você junto da moça para ter a certeza que estava fazendo o certo e, naquele dia em que ambos visitaram meus aposentos tive a certeza de que, você gostava dela, então com aquele sequestro tive a

certeza de que estava fazendo o certo. Se ela for para você uma pequena parte do que a sua mãe foi para mim, meu filho, você enfim poderá ser feliz.

E Masalom.

Eu tentei fazer o mesmo por Horlom mas, meu tempo está acabando e estou muito fraco para conseguir ir até o fim com meus propósitos. A moça loira, que por certo, você já deve ter visto em algum momento, é a mesma que ele comentava ainda criança. O garoto ficou encantado por ela durante aquela viajem que fiz com ele para Portugal e, eu mandei um dos meus homens buscá-la. Temo que ele tenha entendido tudo errado, meu filho, preciso que ajude seu irmão a encontrar um rumo. Sei que o fará, não por mim, mas por ele. Bem para finalizar, se cuide, construa a sua família, seja um pai melhor do que fui para você e eu confio que fará um bom trabalho em seu reinado. E por mais que não tenha demostrado eu te amo, meu filho.

Seu pai, Forlam Amir Farid.

— Merda! Então é isso! — soco o volante e

Savanah que chorava pelas palavras da carta se assusta. Procuro manter a calma depois disso e respiro fundo passando as mãos pelo rosto. — Desculpe, Boneca. Vamos entrar preciso ligar para Horlom.

Ela assente limpando o rosto e se desfaz do cinto. Me apresso em sair para ir ajudá-la a descer, mas ela já está me esperando fora do carro quando alcanço o outro lado.

— Por que precisa falar com seu irmão? — indaga quando enrolo meu braço em sua cintura.

— Há alguns meses, a moça loira, a quem o velho se referiu na carta, fugiu junto a um dos meus homens. E creio que seja deles que Horlom está em busca nesta sua viajem repentina — explico e ela arregala os olhos.

— Brena fugiu? — questiona para si mesma incrédula.

— Sim, isso explica a forma como meu irmão estava agindo. Eu só temo que ele faça algo imprudente e que, se arrependa mais tarde, o que não faria sentido, já

que ele me disse que iria consertar seus erros. Realmente não sei o que está acontecendo ao certo — digo mais para mim mesmo do que para ela.

— Então vamos entrar para você falar com ele. Ela me confessou no nosso jantar de noivado que o amava, mas que já não conseguia mais ficar no clube.

Entramos em casa e eu sentei Savanah no sofá antes de pegar meu celular e sentar ao seu lado para discar o número de Horlom. Fiz isso diversas vezes e nada dele atender. A última vez que falei com ele, foi meses atrás quando estive em reunião com meus homens e sua voz não me agradou em nada.

— Deixa um recado — Savanah sugere.

— Você tem razão — assenti discando outra vez e ao cair na caixa postal disse para ele me ligar assim que o ouvisse, já que, o assunto era importante, como de fato é.

— Acha que ele vai fazer algo com os dois ou algo assim? — Minha Boneca pergunta me observando guardar o celular em cima da mesa de centro.

— Talvez, não sei. Horlom estava frio antes de partir, mas ele também estava mais esperançoso sobre algo quando nos despedimos. É difícil prever o que está acontecendo.

— Então vamos esperar ele ligar e se ele não fizer você ver o que faz. Não adianta você ficar preocupado sem ao menos saber o que está acontecendo.

— Eu não estou procurando com ele. Horlom já sabe se defender muito bem. O que me preocupa é o que aconteceu — suspiro colocando uma almofada em meu colo e puxo sua cabeça para ela deitar ali.

— Mudando de assunto. Quem é o tal Sheik que a Sarah disse estar atrás da Elisa? E o filho dela, você não tem nenhuma pista?

Savanah geme diante meus carinhos e seu couro cabeludo e coloca as pernas no sofá deitando-se de lado.

— Farid, é um senhor de cinquenta e oito anos. Como minha irmã disse, ele é um bom homem. E não. Ainda não sabemos nada sobre o filho da Elisa. O

detetive disse que encontrou a mulher que ficou com ele e que esta está em um manicômio.

— Oh meu Deus.

— Vamos encontrá-lo, mas temos que ter paciência.

Ficamos ali no sofá por alguns minutos e então fomos até a cozinha comer alguma coisa, já que Horlom não retornou a ligação. Estou considerando mandar meus homens atrás dele nem que seja no Alasca.

CAPÍTULO 11

SAVANAH

Não gosto de ver meu marido preocupado, e ele está desde que leu a carta que seu pai deixou com a Sarah. Meu Deus e por falar naquela maluquinha da minha cunhada, espero que ela aproveite bastante sua viajem. Ela estava radiante com mil e uma ideias na cabeça para colocar em prática, disse que iria fazer uma lista enquanto estava no avião inclusive. Sarah levou apenas suas milhares de fotografias de Davi, o envelope que Masalom lhe deu, algumas das minhas roupas e outras coisas pessoais e só. Segundo ela irá comprar suas roupas de acordo com o país que irá visitar. Sentirei sua falta, mas estou torcendo muito por ela também.

Sorri me afastando do corpo nu de Masalom que dormia tranquilo. Optei por não acordá-lo, já que ele quase não dormiu na noite anterior e o dia de ontem foi cheio. Amarrei meus cabelos no topo da cabeça e suspirei

ao lembrar das nossas brincadeiras com morangos e chocolate durante a noite. Coloquei meus pés descalços no chão frio e, procurei minhas sandálias com eles antes de, levantar me espreguiçando. Caminhei em direção ao banheiro e ali fiz minha higiene matinal com direito a uma ducha rápida, e, segui para o *closet* me enxugando com a toalha branca e felpuda que tinha ali no banheiro.

Sabia que ele logo acordaria e iria aproveitar este tempo que ele ainda dormia para fazer nosso café. Enfim vamos vir morar aqui, e isso, merece uma comemoração. Como se concordassem comigo meus pequenos chutam minha barriga como um verdadeiro time de futebol faz. Levei a mão até meu ventre enquanto procurava uma roupa confortável com a outra mão. Encontrei uma calcinha e um vestido longo e florido. Se não fôssemos receber ninguém, vestiria apenas uma das camisas dele mas, como faremos a mudança hoje preciso estar composta.

Vestida, desci as escadas com cuidado, já que, minha barriga parece pesar toneladas e segui para a

cozinha quando passei pela porta do quarto das crianças e resolvi parar diante dela para ver se estava fechada. Girei a maçaneta e como ela abriu empurrei a porta, o quarto está fantástico, enorme e luxuoso. Me surpreendi ao ver os três berços que compramos lado a lado em paralelo. As paredes atrás deles, ostenta a cor que escolhemos para cada um, de acordo com o enxoval. Do lado direito há uma poltrona e do lado esquerdo tem um tapete repleto de almofadas, bichos de pelúcia e super-heróis. Fui até o *closet*, e, estava tudo ali, desde os pequenos macacões até os mais variados brinquedos que compramos. Todos bem dobrados em gavetas separadas.

Está tudo tão bonito e eu nem ao menos sabia que ele estava arrumando tudo sozinho. Mas você terá uma pequena surpresa marido. Decidi ao deixar o quarto e fechei a porta terminando meu caminho até a cozinha.

Preparei nosso café e coloquei tudo na bandeja com o intuito de levar para nossa cama. E foi o que fiz. Subi as escadas outra vez e ao chegar em nosso quarto Masalom ainda dormia. Coloquei a bandeja em

cima do móvel próximo a cama e sentei na beira do colchão. Levei a mão até seu rosto e o observando minuciosamente sorri quando acariciei sua bochecha com as costas da mão e, ele a segurou levando-a aos lábios. É bom perceber que ele já não está tão armado durante o sono, que se acostumou a minha presença e aos meus toques.

Ele colocou nossas mãos entrelaçadas em seu peito.

— Bom dia, Boneca. Horlom ligou? — indagou com a voz rouca de sono ao abrir seus olhos negros e me olhar.

— Bom dia, meu amor. Não, pelo menos não depois que acordei — respondo brincando com nossos dedos unidos.

Ele solta o ar do pulmão com força e coloca o braço dobrado em baixo da cabeça.

— E há quanto tempo você está acordada? — pergunta olhando nossas mãos.

— Há pouco tempo. Só tomei um banho, fiz

nosso café e vim te acordar, o que eu fiz um pouco resistente, já que você estava descansando e você quase nunca faz.

Seu olhar volta aos meus e ele sorri torto.

— Bom saber que está preocupada comigo, mas não precisa, Savanah. Descanso o suficiente. Você tem que se preocupar consigo mesma e com esses pequeninos aqui dentro — articula sentando-se contra a cabeceira e eu aproveito minhas mãos livres para pegar a bandeja com nosso café.

— Eu preparei nosso café e trouxe para comemorarmos nossa primeira manhã morando definitivamente aqui — explico e ele pega a bandeja das minhas mãos e coloca do seu outro lado da cama.

Fiquei observando com a boca levemente aberta em surpresa por sua atitude, e, ele riu ao perceber antes de me sentar-me ao seu lado. Despertei do meu torpor e coloquei os pés em cima da cama logo depois de tirar as sandálias. Me ajustei contra a cabeceira e os travesseiros, já que, arrumar uma posição para ficar

confortável com minha barriga redonda está se tornando uma batalha cada dia mais complicada de vencer.

Masalom me ajudou ajustando os travesseiros em minhas costas e depois tornou a pegar a bandeja e colocou no colo.

— O café em comemoração foi uma grande ideia, amor. Obrigado, tudo aqui parece delicioso — expressou sorrindo ao pegar um dos copos de vitamina e me entregar.

Aceitei o copo já o levando aos lábios para ingerir um gole do líquido. Fiz para mim, vitamina de abacate por que eu amo e para ele suco de abacaxi pois ele me disse que uva e abacaxi são seus sabores favoritos.

— Por nada. Nos mesmos vamos buscar nossas coisas ou você vai pedir para alguém trazer? — pergunto entre um gole e outro da minha vitamina deliciosa.

— Como já deixamos tudo o que é para trazer nas malas, acho que Salan consegue organizar tudo sem a nossa presença. Enquanto ele não vem, podemos assistir

um filme ou algo assim. O que acha? — sugere comendo uma das bolachas que coloquei em uma pequena tigela.

Alcancei um pedaço da maçã cortada em outra tigela junto a algumas outras frutas e mordi. Mastiguei pensando em sua sugestão.

— Por mim tudo bem. Mas, e a Elisa? Ela vem com Salan?

— Ligo para os dois e deixo tudo acertado, não se preocupe — responde tomando parte do suco que estava no copo.

Meu marido coloca a bandeja em meu colo e beija minha barriga desejando bom dia aos nossos filhos ali. E eles chutam como se reconhecessem a voz do pai.

— Assim estarei toda dolorida na hora do parto — brinco quando ele se apruma. — Estou brincando. Nem sinto dor, mas que eles estão bastante animados hoje, eles estão — explico quando meu marido faz uma cara de preocupação e assombro.

Ele respira aliviado e volta a sorrir.

— Eles estão cada dia maiores, amor. Logo terei todos eles chutando enquanto eu estiver tentando colocá-los para dormir — diz animado. — Bom, termina seu café. Vou tomar um banho rapidamente e volto para escolhermos o filme e ligarmos para o palácio.

Masalom caminha em direção ao banheiro após terminar de falar e, eu observo seu bumbum.

— Tudo bem — assinto ao suspirar por perder minha visão do paraíso. Ele nem me ouviu pois tinha sumido no interior do banheiro.

Continuei me empanturrando de bolachas e frutas e só quando os três pequenos famintos dentro de mim ficaram satisfeitos foi que, abandonei a bandeja no móvel ao lado da cama e, me deitei toda esparramada nela já que, aquela posição sentada estava me deixando com dor nas costas.

Fiquei olhando para o teto a espera de Masalom. Acariciava meu ventre por cima do vestido imaginando como será quando tivermos três bebês para cuidar. Meu marido faz parecer que é fácil com seus

discursos animados sobre isso e eu espero realmente que não só pareça, mas seja de fato.

— Papai arrumou o quarto de vocês sozinho. A mamãe de vocês ficou chateada com ele. Eu queria participar deste momento e ele me excluiu. O que faremos com ele hein? — tagarelo enquanto aliso minha barriga.

— Dra. Pellegrini disse que o cheiro de tinta poderia ser prejudicial, que você não pode fazer força ou segurar algo pesado então achei preferível mandar fazer essas coisas. Mas deixei a decoração a seu critério — articula e eu o procuro pelo quarto, nem tinha percebido sua presença. — Você ainda pode colocar pequenos enfeites, cobrir os colchões e travesseiros com as cobertas que você quiser, há muita coisa a se fazer — completa.

— Não vi que já tinha retornado — murmuro quando ele vem até a cama e curvando o corpo sobre o meu esquiva nossos lábios algumas vezes antes de me beijar com gosto.

— Andou explorando sua casa, Boneca? —

inquere com os olhos brilhantes de diversão vasculhando os meus.

— Talvez — entro na brincadeira enlaçando meus braços em seu pescoço.

— Mas confesso que fiquei curioso. Qual seus planos para me castigar pelo meu atrevimento de tê-la poupado das tintas e do peso? — sussurra enquanto seus dentes brincam com o lóbulo da minha orelha.

Me arrepiei dos pés à cabeça com seu hálito quente fazendo cócegas ali.

— Eu, hum, não tinha pensado em nada. Estava planejando junto com os gêmeos — respondo passando meu nariz por seu pescoço cheiroso.

— Bom, então se não há castigo para mim — morde levemente meus lábios. — Vamos descer e cumprir nossa pequena agenda. Sabe onde deixei meu celular? — indaga levantando.

Masalom me estendeu a mão e eu aceitei sua ajuda para mim levantar.

— Na mesa de centro lá na sala de estar — respondi sua pergunta passando a mão por meu vestido amassado e, estava amarrando novamente meu cabelo em um rabo de cavalo quando, me surpreendi com suas mãos deslizando por minha barriga.

Ele pousou o queixo em minha cabeça e encostou seu peito em minhas costas. Terminei com meu cabelo e coloquei minhas mãos em cima das dele.

— Acho que precisamos fazer algumas fotos para lembrarmos deste período e até mesmo mostrar a eles quando vierem ao mundo — comento reflexiva observando suas mãos percorrerem lentamente meu ventre com as minhas sobre as suas.

— Nunca vi ninguém gostar tanto de fotos — articula fazendo seu queixo se movimentar contra meu coro cabeludo.

Com sua frase me lembrei imediatamente da Sarah e sua coleção infinita de fotos de Davi e foi inevitável não rir.

— Talvez você não tenha se empenhado nessa

busca — expresso evasiva. — Não há nada de mais gostar de rever momentos felizes do passado, marido.

— Certo se você quer tanto — concorda hesitante. — Mas já vou logo avisando, sou eu quem vai tirá-las.

— Não pensei em mais ninguém para a função. Olha aí, acabei de encontrar seu castigo. Na verdade, não é bem um castigo e sim uma tarefa divertida — tiro minhas mãos das suas que brincava com meus dedos e viro em seus braços. — E, eu já comprei a máquina fotográfica e também tenho algumas ideias para mudar essa sua opinião sobre fotos.

Com meus braços em seu pescoço acaricio sua nuca com a ponta dos dedos.

— Tudo bem, mas isso vai ficar para depois, por que realmente precisamos descer ou nosso filme terá que ser adiado. — Se afasta dando um pequeno tapa brincalhão em minha nádega e segura minha mão me levando consigo.

Caminhamos sorridentes pelos corredores e

descemos as escadas de mãos dadas.

— Vou ligar para Salan e Elisa assim, enquanto eles se organizam e vem para cá eu e você assistimos o nosso filme — explica ao soltar minha mão e ir em busca do aparelho celular que realmente estava ali na sala.

As mulheres que veem trabalhar aqui em casa ainda não chegaram pelo que percebo.

— E enquanto você providência isso, irei até a cozinha ver se temos milho de pipoca — aponto para a direção do cômodo quando vejo ele discando o número.

Ao levar o aparelho ao ouvido ele assente. O deixei já conversando com Salan e fui preparar nossas pipocas. Vasculhei os armários e quando estava já desistindo encontrei algo que pode facilmente substituir as pipocas. Peguei os pacotes de salgadinhos e depositei na bancada. Caminhei até a geladeira e peguei a jarra de suco de laranja que tinha deixado ali mais cedo. Iria utilizar para servir as nossas visitas durante a mudança, mas se precisar depois faço outra. Coloquei a jarra ao

lado dos salgadinhos e peguei dois copos de vidro.

Como era muita coisa para levar de uma só vez voltei a sala com o suco e os copos. Masalom ainda estava ao telefone quando, pus o que trazia na mesa de centro e, fiz o caminho de volta até a cozinha para pegar os salgadinhos que ficaram por lá. Ao retornar novamente a sala ele já tinha escolhido o filme e me aguardava sentado batucando o sapato no piso.

Ao ouvir meus passos ele ergueu a cabeça e fez uma careta ao descer os olhos até os salgadinhos que eu mantinha junto ao peito.

— Não vai comer isso, Savanah — declarou e eu estreitei os olhos em sua direção ao percorrer o resto do caminho e jogar tudo em cima da mesa. — Isso aqui — pegou uma das embalagens e balançou. — Está proibido para você, segundo sua dieta cuidadosamente planejada por Dra. Pellegrini.

Bufei inconformada e cruzei os braços me sentando ao seu lado.

— Então nada de pipoca, por que sua cozinha

não tem milho e, estamos no fim do mundo, o que anula a possibilidade de comprarmos.

— Na nossa cozinha tem milho de pipoca — retruca dando ênfase ao nossa e se levanta recolhendo os salgadinhos. — Fica aqui assistindo que eu cuido de fazer suas pipocas — diz apertando o botão para dar início ao filme e ia a caminho da cozinha quando o parei.

— Mas, Masalom, você quase pôs fogo na cozinha da última vez em que esteve lá.

Ele gargalha voltando a caminhar e grita por cima do ombro me fazendo sorrir.

— Sou um mau chefe de cozinha, mas também não sou um idiota. Sei ligar o micro-ondas pode ficar tranquila.

Com suas palavras voltei minha atenção ao filme que já se desenrolava e logo tratei de alcançar uma almofada. Coloquei ela por baixo da cabeça e me deitei no sofá confortável.

Estava concentrada no filme, meus olhos arregalados, minhas mãos suadas e respiração presa, são

sinais evidentes do verdadeiro medo que sinto cada vez que, uma pequena menina fantasma assombra toda uma família. Meu coração está acelerado e cada vez me encolho mais contra o sofá, porém não consigo desviar a atenção da tela.

— Aqui está sua pipoca — Masalom anuncia me dando um susto dos diabos. Gritei tão alto que se tivesse algo de vidro perto de mim racharia ao meio. — Merda, Savanah! Ficou doida?

— Não, eu só... Cristo eu quase perco nossos filhos — murmuro com a mão no coração como se isso fosse controlar seu pulsar descompassado.

Em dois tempos ele colocou a tigela de pipocas que carregava na mesa, olhou rapidamente para a televisão enquanto despejava um pouco de suco no copo e se ajoelhou perto de mim me entregando o copo.

— Não escolhi um filme de terror. Devo ter colocado errado — suspira me ajudando a sentar.

Bebi dois grandes goles do suco e procurei respirar fundo.

— Você está bem? — questionou preocupado levando as mãos a minha barriga.

— Estou, foi só um susto. — O tranquilizo pousando o copo na mesa olhando de relance para a televisão.

Meu marido se apressou em ir até o aparelho trocar o filme e eu vi ali que, além de tomar um susto, eu o assustei também.

— Deixa o filme, eu estava gostando. Apenas não percebi você chegar e me assustei — explico mas ele nem me dá ouvidos e muda o filme.

Suspirei e trouxe meus pés para cima do sofá. Logo ele veio se juntar a mim e sentou-se atrás das minhas costas. Aproveitei e deitei a cabeça em seu ombro ao depositar minhas mãos em seus joelhos dobrados. Masalom beijou minha bochecha e, com o controle que ele tinha trazido consigo, pôs o novo filme. Alcancei a pipoca e depositei a tigela nas pernas onde ele poderia alcançar.

O novo filme que se desenrolava era de comédia e, juntos assistimos entre risos e comentários

sobre as bobagens praticadas pelo personagem principal no decorrer da história. Nosso programa estava divertido e romântico, já que ele estava sempre beijando meu pescoço ou bochecha, enquanto me dava pipocas na boca ou eu fazia com ele. Era engraçado encher sua boca de pipoca até o limite.

Contudo, fomos interrompidos pela campainha e Masalom saiu para ver de quem se tratava. Demorou alguns minutos até ele retornar. Fiquei organizando nossa pequena bagunça enquanto isso, e logo, Elisa entrou ao lado de um senhor vestido com as tradicionais roupas árabes, um sorriso branco e alinhado no seu rosto, e também grandes olhos esverdeados.

— Savanah este aqui é, Farid. Ele veio acompanhar Elisa e se ofereceu para trazer nossas coisas, assim, Salan não achou necessário vir também. — Meu marido, que vinha logo atrás deles, explica, já que, Elisa está claramente envergonhada.

— Ah sim. Entrem por favor — peço e o senhor sorri dando alguns passos à frente o que

demonstrou que ele compreende minha língua.

— Hum, Farid esta é minha amiga, Savanah. E Savanah este é hum... — Elisa tenta em meio a sua timidez nos apresentar.

— O namorado desta linda mulher. — O tal Farid completou sua frase e eu abri a boca surpresa diante daquela revelação.

Olhei para Masalom que me lançou uma piscadela e sorriu arrastando duas malas como percebi que o senhor também fazia.

— Pode deixar tudo aí mesmo, Farid. Depois peço para levarem lá para cima, sentem-se. — Masalom articula e, o homem assente algum tempo depois, o que estranhei.

— Ainda não falo fluentemente o português, então não estranhem se eu pecar aqui ou ali, ou se demorar para compreender o que foi dito — sorri se explicando.

Ele realmente parece estar pensando bastante antes de proferir as palavras com seu sotaque forte.

— Entendemos — profiro olhando na direção da Elisa, ela tem muito a me explicar. A danada nem me disse que esse homem existia, se não fosse a Sarah nem saberia, muito menos me falou que eles estavam tão íntimos.

Todos nós sentamos, o casal recém-chegado lado a lado no outro sofá e, Masalom e eu, no mesmo que estávamos enquanto víamos o filme.

— Então eu me ofereci para vir junto com Elisa, por que gostaria muito de conhecer a amiga que lhe trouxe a Arábia Saudita. E também pedir permissão a vossa majestade, para vir visitá-la sempre que possível. — Farid expõe trocando um olhar apaixonado com minha amiga.

— Permissão concedida, desde que ela não se oponha, claro. — Masalom brinca. — Mas me chame pelo nome, já que estamos, praticamente, em família, vamos deixar a formalidade para lugares onde ela se faz necessária apenas. Como você conheceu Elisa?

— No palácio, fui ver algumas questões de

terra por lá e esbarrei nesta bela dama — responde sorridente.

Estou gostando dele, realmente faz jus ao que ouvi sobre sua pessoa, e o mais importante, está fazendo Elisa feliz já que, seus olhos brilham o observando falar.

— Vocês querem tomar alguma coisa? — ofereço e ele fica sem jeito.

— Na verdade ele está com pressa. Era para ter partido cedo, mas fez questão de vir comigo até aqui pedir a permissão de Masalom para me ver, já que, irei morar com vocês. — Elisa explica e sussurra algo em seu ouvido.

Masalom se aproxima e diz baixinho próximo ao meu:

— Quando alguém te faz um convite para comer ou beber aqui na Arábia Saudita é quase falta de respeito dizer não, por isso ele ficou sem alternativas.

— Ah sim, a Sarah tinha me dito alguma coisa sobre isso — sussurro de volta. — Então podemos adiar o convite para sua próxima visita — expresso alto para que

ele me ouça.

— Se não se importa, querida. — Ele sorri levantando-se.

— Não me importo. Da próxima vez venha com mais tempo. — Nos levantamos todos.

— Sim eu virei — garante e olha para Elisa.

— Bem, eu vou te levar até a porta. — Ela diz gesticulando e ele assente passando na frente.

Ficamos observando eles se afastarem e eu sorri para Masalom.

— Gostei dele. Sabe, a máquina fotográfica deve estar dentro das nossas malas coloquei-a entre as roupas — comento voltando a sentar com a mão na barriga.

— Quando Elisa voltar você vem com ela até o quarto onde ela ficará. Vou levar as malas delas para lá e assim, enquanto ela organiza suas coisas nos fazemos o mesmo com as nossas — sugere indo até as malas.

Vendo ele sair arrastando-as concordei com a

cabeça. Demorou um pouco para minha amiga regressar, mas quando ela entrou vi que a despedida não foi tão intensa como pensei que iria ser.

— Danadinha você hein? Nem me contou — digo chamando sua atenção e ela caminha até onde estou, sentando ao meu lado ao soltar um longo suspiro feliz.

— Estávamos apenas conversando e hoje ele me pediu em namoro, por isso, não falei nada.

— E você gosta dele, não é? Deu para ver em seus olhos — pergunto segurando sua mão.

— Ainda é cedo para dizer algo, mas ele me conquistou com seu jeito de se comportar — sorri apertando minha mão. — Gosto do fato dele me tratar como se fosse uma diva a venerar, mas não tocar. Ainda nem trocamos um beijo se quer. Ele é rigoroso quanto as tradições e só estamos conversando. É fácil para mim se apaixonar por alguém como ele, já que por muito tempo as coisas foram totalmente o inverso. Os homens, todos eles só queriam o meu corpo e nada mais — desabafa e é minha vez de apertar sua mão.

— Eu entendo e estou feliz por você — expresso soltando suas mãos para abraçá-la — Você merece ter ao seu lado um homem que valorize suas qualidades e aceite os seus defeitos. Você Elisa, e não só seu corpo.

— Obrigada, querida.

Nos afastamos e eu aponto para o corredor.

— Masalom já levou suas malas para seu quarto. Vamos até ele? Quero saber se minha escolha é do seu agrado.

— Vamos sim — levanta e me auxilia a fazer o mesmo.

Seguimos para o quarto de Elisa falando sobre a partida da Sarah e, sobre o Farid e o namoro dos dois. Ao chegarmos no nosso destino final, meu marido já não estava mais ali, porém, deixou as malas dela no meio do quarto.

— Então gostou? — questiono para Elisa e ela anui observando tudo.

— Muito, é tudo muito aconchegante e bonito — responde caminhando até a cama.

— Que bom, vou deixar você desfazendo as malas e aproveitar para fazer o mesmo com as minhas. Depois venho te chamar para preparar o almoço. Você me ajuda? As meninas que vem trabalhar aqui ainda não chegaram — proferi ainda de pé próximo a porta.

Ela se senta no colchão.

— Pode ir tranquila. Assim aproveito e tomo um banho também. Depois desfaço minhas malas e durmo um pouco. Então, quando você vier me chamar, te ajudarei com o almoço — diz e eu assinto virando nos calcanhares.

— Até já, então. — Com isso fechei a porta do seu quarto e retornei para a sala de estar.

Caminhei até as escadas e subi degrau por degrau sem pressa. Masalom queria que ficássemos no térreo por causa da minha gravidez, mas insisti que queria ficar no mesmo quarto onde sempre ficávamos quando vínhamos para cá. Ele concordou com a condição de que

passaríamos para um outro quarto quando eu tivesse com sete meses de gravidez.

Cheguei ao quarto e ele estava girando a máquina fotográfica nas mãos enquanto a observava. Nossas malas não estavam por ali também.

— Onde estão as malas? — questionei entrando no quarto e segui até a cama me sentando ao seu lado.

— No *closet* — respondeu e sorriu para mim. — Mas vamos deixá-las para depois. Quero saber suas ideias para o momento em que tiro fotos de você e da sua barriga.

— Então fica aqui que eu já volto — dou-lhe uma piscadela e sigo para o armário. Nossas malas estão encostadas a uma das paredes. Abri uma delas procurando pela *lingerie* certa que comprei na loja da Sandra.

Escolhi uma lilás e separei um robe branco os colocando na poltrona que ornamenta o espaço. Em seguida procurei um top branco e uma saia da mesma cor e tirei meu vestido para substituí-lo por eles. Amarrei

também meu cabelo em um rabo de cavalo deixando algumas mechas soltas e regressei o quarto.

Iriamos nos divertir enquanto fazíamos as fotos. Meu intuito é fazê-lo amar tirar fotos, e assim, quando estivermos bem velhinhos vamos poder sentar e rever tudo o que fizemos na juventude.

CAPÍTULO 12

MASALOM

Como havíamos planejado meses atrás, hoje Savanah declarou que vai me ensinar algumas coisas na cozinha. Talvez essa sua decisão se deva ao fato de que, desde nossa vinda para nossa casa, já queimei uma variedade de coisas das quais, ela apenas me pedia para dar uma olhada e apagar o fogo quando estivesse pronto, a verdade é que, eu nunca sei quando nada está pronto, mas ela parece não acreditar no que digo, e sempre insiste em me dar estas tarefas.

Hoje também tomei uma decisão a respeito de Horlom, como venho fazendo há três meses, desde que li a carta que o velho deixou. Vou continuar a me manter longe dos problemas dele até que este resolva pedir minha ajuda, afinal, sei melhor do que qualquer outra pessoa como é ruim ter um alguém se metendo em nossa vida sem ser chamado. Continuo sem notícias, o que está fodendo

com meu juízo, mas não vou mandar procurá-lo como queria fazer a princípio.

Enterrei meu rosto no pescoço da minha Boneca e inalei seu cheiro embriagador. Desde que fizemos uma pequena festa ao tirarmos muitas fotos dela, de mim, de nos dois, virou hábito registrar pequenos momentos como este. Gosto de flagrar quando ela está cozinhando, tomando sol, observando e arrumando o quarto dos trigêmeos, dormindo, regando as pequenas flores que plantou em um vaso lá na área de lazer, enfim coisas simples e cotidianas.

Me afastei da minha esposa com cuidado e abri a gaveta do móvel próximo a cama tentando não fazer barulho. Dali retirei meu celular e, esfreguei os olhos antes de ligar o aparelho e, piscar várias vezes acostumado minha visão a claridade vindo da tela. Colocando na câmera frontal voltei a me aproximar de Savanah e tirei uma foto do seu rosto tranquilo enquanto eu o beijava.

Me levantei, e, de joelhos no colchão, afastei

as cobertas do seu corpo.

— Bom dia, bebês do papai — desejei passando a mão pela redonda barriga que os protege.

Sorri para sua pequena calcinha que minha Boneca está usando e, procurando omitir seus seios desnudos, fotografei agora o beijo que deixei em seu ventre. Devo está parecendo um tolo, mas porra! Ela e seu ventre redondo é a coisa mais bonita que já vi, aliás, só há uma outra coisa mais bonita que isso...

Larguei o telefone em cima da cama e separei suas pernas. Me posicionei entre suas coxas e afastei sua pequena calcinha do meu objetivo. Amo a bucetinha rosada e depilada que ela tem, só amo ainda mais sentir seu cheiro e sabor feminino. Caí de boca naquela maravilha. Sim, ela acordando com os olhos nublados de desejo enquanto se contorce inteira gemendo meu nome é a primeira coisa mais bonita que já vi na vida, contudo, isso eu não preciso registrar por que pretendo ver essa cena ao vivo toda manhã.

— Bom dia, meu amor — articulei

mordiscando seus grandes lábios vaginais.

— Hum — balbuciou ao segurar o lençol entre os dedos e atingir o ápice.

Após mostrá-la as fotos que tirei, tomamos um banho juntos e, fizemos nossa higiene matinal antes de, descermos para pôr em prática nossa agenda já no café. Elisa estava ali junto a Farid que veio vê-la logo cedo. O relacionamento dos dois está indo muito bem e eu creio que em breve teremos um grande casamento.

— Bom dia — proferimos uníssono e Savanah me encara sorridente.

— Bom dia. — Eles respondem levantando.

— Que bom que acordaram. Farid quer que eu vá com ele para passar o dia com sua família e, eu estava resistente a ideia de ir já que ainda não tinham acordado. — Elisa articula vindo até nós.

— Então agora não há por que não ir — Savanah diz. — Já tomaram café?

— Não, segundo ele, sua irmã preparou um

banquete pra nós, por isso ele veio tão cedo — explica e Farid assente.

— Precisamos marcar um almoço então, para conversamos com calma, vocês estão sempre saindo, ou eu e Masalom. O que acha Farid? — Savanah sugere.

— Eu aceito o convite com muito apreço, querida — responde já um pouco mais familiarizado com o português.

— Combinado. Logo marcamos uma data — decide ela e todos concordamos.

Farid e Elisa logo se despediram e saíram para a casa dele. Savanah e eu ficamos sozinhos pois, ela deu o dia de folga as meninas que diariamente trabalham na cozinha apenas para que tivéssemos privacidade na nossa aula de culinária, só espero não colocar fogo na casa.

— Vamos ao nosso café — esfrega as mãos indo para detrás do balcão.

Fiquei ali parado, sem ter ideia de por onde devo começar, ou o que irei fazer quando seu riso obteve

minha atenção. Franzi o cenho observando-a locomover-se pelo espaço abrindo e fechando os armários atrás de utensílios.

— Vai ficar aí plantado no lugar, Masalom? Às vezes ainda duvido que de fato seja um mafioso temido. Quem acreditaria que um tem medo de cozinhar? — brinca levando a mão à cintura e eu bufo me ordenando a quebrar a distância que nos separa.

— Eu só estou me preparando psicologicamente e, bolando um plano rápido que nos leve para fora da casa a qualquer perigo de incêndio — articulo parando ao seu lado. — O que vamos fazer?

— Depende. O que você quer comer? — reformula minha pergunta e a direciona a mim.

— Vamos começar por algo fácil. Ovos mexidos talvez — sugiro e ela assente sorridente.

— Tudo bem. Pega os ovos na geladeira — pede e eu faço. Ela estava acendendo o fogo quando parei ao seu lado segurando os ovos. — Ótimo, agora coloca eles ali na pia e volta até aqui apenas com um deles, não

queremos quebrá-los no chão.

— Por que eu tenho a impressão de que está gozando de mim? — indago seguindo as instruções.

— Hum... será que é por que de fato estou? — questiona sarcástica e gargalha — Sabe quebrá-los dentro da frigideira? — ergue as sobrancelhas ainda sorrindo e eu suspiro frustrado.

— Saber eu sei, só não prometo que as cascas não irão junto — respondo fazendo o som do seu riso ecoar pelo espaço.

— Certo, vem cá — puxou meu braço e eu me posicionei atrás dela como queria. — Me dê suas mãos.

Passei minhas mãos por baixo dos seus braços um pouco abaixo da altura dos seus seios e pousei meu queixo em seu ombro para ver o que ela estava fazendo. Savanah pegou um garfo e colocou na minha mão direita e o ovo na esquerda.

— O que eu faço agora? — indaguei mordiscando o lóbulo de sua orelha e senti o corpo dela estremecer.

— Para, Masalom, assim você vai acabar realmente jogando o ovo no chão — diz parecendo estar brava mas, eu via pela pele arrepiada do seu pescoço que ela estava gostando. — Você bate levemente a lateral do garfo bem no meio da casca do ovo e quando este tiver rachado um pouco para.

Resolvi tentar aprender a fazer aquilo e me concentrei em fazer como o instruído. Realmente era bem simples, desde que eu não resolvesse usar a lateral da frigideira para fazer o trabalho de rachar o ovo com fazia antes.

— Isso... muito bom, não achei que fosse conseguir de primeira — elogiou me ajudando a separar as bandas das cascas. Fiquei muito contente com o fato do ovo sair inteiro.

— Gostei disso — replico e ela vira o pescoço para me olhar. — Posso tentar fazer o mesmo com os outros sozinho?

— Sim, deixa só eu abaixar o fogo para não queimarmos este — fala já cumprindo a tarefa.

Enquanto ele foi cortar as laranjas para fazer o suco eu me encarreguei dos ovos e fiquei orgulhoso de ter me virado bem sozinho.

— Agora joga um pouco de sal e os temperos que quiser e, mexe eles até ficar da forma que você come quando eu faço — instruí passando as bandas das laranjas pelo espremedor.

Ao acabar com os ovos me vangloriando por não tê-los queimado, fui colocar a mesa e minha esposa fez o resto do nosso café. Estávamos colocando tudo na mesa quando a campainha tocou.

— Ué, quem será? — Savanah murmura jogando o pano de prato que tinha no ombro em cima do balcão.

— Deve ser a Elisa, talvez tenha esquecido algo — dou de ombros.

— Não é ela. Dei a senha da casa a ela mês passado — retruca e eu franzo o cenho.

— Bom, vou lá ver quem é então. Sente-se e prove os ovos que preparei que eu já volto — fui até ela e

segurei sua cintura beijando seus lábios sutilmente antes de puxar a cadeira da mesa para que se sentasse.

De relance vi que ela continuou parada no mesmo lugar. Olhei seu rosto vermelho e o fato dela estar mastigando o lábio inferior.

— O que? — franzi o cenho confuso, sem saber o que tinha dito ou feito para deixá-la envergonhada e sorri quando entendi o motivo da sua reação. — Tem alguém aqui pensando em sexo, não é Boneca? Estou falando dos ovos mexidos que fiz — brinco e ela cora ainda mais vindo se sentar.

Rindo beijei sua bochecha e fui ver quem veio nos visitar tão cedo, antes de, autorizar o porteiro a abrir a porta. Me surpreendi no bom sentido ao ver Samuel. Pelo interfone ordenei ao homem que abrisse o portão e, segui para a porta para abri-la. Dei alguns passos para fora e aguardei. Vi Salam no carro logo atrás dele o que me recordou que eu mesmo mandei ele trazer até aqui quem fosse me procurar no palácio. Salam fez uma manobra e partiu. Já Samuel entrou na garagem e desceu

do carro.

Ele veio até onde eu estava o esperando com um sorriso no rosto. Samuel é irmão gêmeo da minha ex-namorada e como ela, ele é, alto, moreno e possuí olhos verde claro. Porém enquanto sua irmã é centrada e obstinada ele é espontâneo e humorado.

— Você não foi me visitar como prometeu, então vim ver o meu amigo rei. Estou me achando por ter um amigo rei, sério, isso é o máximo — deu um soco no ar as gargalhadas e se aproximou dando alguns tapas em meu ombro.

— É bom te ver, Samuel — sorrio fazendo o mesmo em seu ombro.

— E eu estou simplesmente nas nuvens por ter quase sido sua rainha, pena que somos tão iguais e cabeças duras — ouço atrás dele e me viro para ver minha única ex-namorada deixar o carro também.

— Olá, Kathy — cumprimento educado.

— Oi, delícia. Como vai? — sorri parando ao lado do irmão que mantém uma expressão imparcial

agora.

— Desculpe por isso. Iria vir sozinho, mas você sabe que quando ela põe algo na cabeça ou você concorda ou, concorda. — Samuel murmura e recebe um tapa no braço.

— Eu ouvi isso — ralha ela com o irmão, e este, dar de ombros sorrindo ao acariciar o local onde recebeu o tapa.

— Você é bem-vinda Kathy e, eu vou muito bem. Bom, vamos entrar? O sol já está mostrando a que veio — convido apontando a casa com o queixo.

— Por favor, estou vermelha como um tomate já. Aliás soubemos do seu casamento e dos trigêmeos. Será que ainda há vaga aí para mim? Não me importo em dividi-lo. — Kathy faz uma expressão inocente ao passar o braço por meu ombro e declarar enquanto todos caminhamos para a porta da frente.

Praguejei em pensamentos quando vi Savanah logo ali parada na porta. Ela tinha a boca e os olhos levemente abertos, o que indica que esta ouviu a

insinuação de Kathy. Isso vai dar em merda! Respirei fundo e afastei a mão da mulher do meu peito e me desfiz do seu braço em meu ombro. Me aproximei de minha Boneca e envolvi sua cintura com um dos braços.

Savanah tinha abaixado a cabeça e encarava o piso mordendo os lábios como faz sempre que está envergonhada ou prestes a chorar.

— Está aqui é Savanah, minha esposa, amigos — procurei dar ênfase a palavra amigos para que, Kathy entendesse que não havia mais nenhuma possibilidade de existir algo entre nós e, para que minha esposa compreendesse aquele ponto também.

— Me chamo Samuel. É um prazer finalmente conhecê-la, Savanah. Seu marido e eu somos amigos desde a faculdade e ele não teve a decência de me convidar para o casamento de vocês, acredita? — Samuel veio ao meu socorro e finalmente minha garota ergueu a cabeça sorrindo levemente para ele.

— É bom conhecer você também.

— E eu sou irmã dele e ex-namorada de

Masalom. — Kethy se intromete. — Aliás, sei exatamente por que não fomos convidados para o casamento maninho, olha só o barrigão da moça, é bem provável que ele tenha a engravidado antes do casamento e, tenha sido obrigado a casar-se com ela.

— Eu... — Savanah balbuciou incrédula diante das palavras venenosas que ela acaba de proferir.

— Nosso casamento foi realmente necessário, não por consequência a gravidez de Savanah, e sim, por que eu soube desde o primeiro instante que a queria ao meu lado como minha mulher. Nossos filhos vieram depois, apenas para complementar nossa união, Kathy. Aliás, eles vieram por que, eu os queria, digamos que, você um dia pode comprovar que sei utilizar meios para evitar uma gravidez indesejada, e a de minha Boneca com certeza não era. Agora vamos entrar.

Kathy me olhou embasbacada por alguns instantes, mas logo se recompôs e assentiu nos dirigindo um sorriso falso... Já Savanah, se mantinha calada, apenas ouvindo assim como meu amigo.

— Vocês já tomaram café, Samuel? — perguntei a Samuel tentando desviar o assunto para um rumo seguro.

— Ainda não, desembarcamos esta manhã e logo em seguida fomos ao palácio. Aquele senhor nos recebeu e comunicou que você tinha se mudado então, se ofereceu para nos trazer até você — explica adentrando nossa casa seguido pela irmã e depois por mim e minha Boneca.

Aproveitei que eles estavam distraídos para conversar com Savanah.

— Ela não significa nada para mim. Nunca significou, já havia lhe falado sobre ela, inclusive. E esta casa é sua, se sentir que ela está passando dos limites fique à vontade para mandá-la embora — sussurro em seu ouvido enquanto os dois observam nossa sala.

— Mas eles são seus amigos, não posso expulsá-los — sussurra de volta e eu não posso dizer mais nada por nossas visitas tinha a atenção voltada para nós agora.

— Estávamos nos preparando para tomar café. Aceitam se juntar a nós? — questiono observando como os dois se parecem fisicamente, e ao mesmo tempo, como possuem personalidades tão distintas.

— Muito bonita a sua casa, Masalom — elogia Samuel passando os dedos por seus cabelos pretos. — E eu aceito o café estou com muita fome não irei conseguir segurá-la até chegarmos ao hotel que ficaremos.

— Eu também aceito — Kathy enfim proferiu algo desde que lhe coloquei no seu devido lugar.

— Venham então, vamos nos sentar à mesa. — Savanah articula seguindo até a sala de refeições. Espero os dois irem atrás dela para só então ir também.

Savanah estava fazendo seu papel de anfitriã e isso estava me dando um orgulho imensurável dela pois, dava para perceber que a presença de Kathy em nossa casa não lhe agrada em nada. Minha esposa conduziu todo o momento e ela se desdobrou em duas para dar conta da cozinha e de nos servir, eu bem que tentei ajudá-la, mas ela foi categórica ao me mandar ficar junto das visitas e

lhes dar atenção. Só me preocupa ela estar fazendo tanta estripulia com seus oito meses de gravidez.

Quando tinha muito mais que o suficiente para todos nós na mesa, foi minha vez de ser categórico ao mandá-la sentar e compartilhar o café também. Sabia exatamente o que ela estava fazendo. Savanah quer provar para Kathy que sabe ser uma boa esposa e que cuida de mim e da nossa casa com desenvoltura, mas ela não necessita fazer nada disso por que eu sei do que ela e capaz, e isto não precisa ser exposto para mais ninguém.

— Como vão as empresas, Samuel?! Li uma notícia em que dizia que você estava tomando à frente dos negócios — puxei assunto para quebrar o silêncio pesado que se fez presente em alguns segundos.

— Muito bem, estou conseguindo dar conta de tudo — respondeu e depois levou o garfo a boca. — Isso está maravilhoso, Savanah — exclamou de boca cheia. — Muito bom.

Olhei para minha Boneca que sorria orgulhosa de si mesma.

— Obrigado, Samuel.

— Sou a segunda pessoa à frente, Masalom, papai está cogitando me dar meu lugar ao sol no mundo dos negócios. — Kathy se intrometeu com o intuito de ser o centro das atenções que estavam direcionadas a minha Boneca e seu dom culinário.

— Isso é muito bom, Kathy, recordo que você sempre teve este propósito durante a graduação — comento por educação pois, estava vendo pela primeira vez que, além de ser persuasiva ela é egocêntrica.

— Ah, a época da faculdade! Sempre me lembro das nossas escapadas. Você quase sempre me levava atrás da quadra, durante aqueles momentos, me esquecia de todos os meus objetivos se quer saber. Adorava estar em seus braços — diz me lançando piscadelas ou, mordendo os lábios de forma sugestiva.

— Kathy, pelo amor de Deus, tenha mais respeito com a esposa de Masalom. — Samuel ralha e ela dá de ombros rolando os olhos sem dar importância.

— Que tem de mais em recordar? Savanah vai

entender que antes de, ao menos ela cogitar conhecê-lo, nós já dividíamos carícias íntimas em qualquer lugar. Se Masalom ainda for tão bom na cama como era na juventude, eu quero e, vou, me deitar com ele outra vez — prossegue e quando vou pôr um fim naquilo, Savanah me surpreende ao tomar minha frente.

— Agora chega, Kathy! Você está em minha casa e eu exijo que me respeite, ou então, por favor, queira se retirar. Recebi você da melhor maneira possível, mas não vou ver você se jogar para cima do meu marido diante de mim desta forma — levanta-se jogando o guardanapo sobre a mesa. — Peço desculpas a você, Samuel, mas sua irmã não me deu alternativas a não ser essa, você é muito bem-vindo aqui em casa sempre que quiser vir nos visitar.

— Eu que peço desculpas, Savanah — murmura levantando. — Vamos embora Kathy, você já me constrangeu o bastante.

— Olha só como ela é mal-educada, acha mesmo que Masalom sente tesão por você nesse estado?

Se ele já não procurou outra para descarregar seu desejo está a um passo de fazer, e eu vou me certificar de estar por perto e com a buceta bem aberta para recebê-lo.

— Que linguagem é essa, irmã? Você está pior que uma prostituta qualquer — rosna Samuel puxando seu braço para que ela fique em pé e tenta lhe puxar em vão, até a saída.

— Me larga! Essa daí ao menos sabe que o marido pode se casar novamente. E se Masalom me quiser, o que eu sei que faz, vai me procurar.

— Acontece que entre eu e você jamais acontecerá nada Kathy. Principalmente agora, que vejo como você realmente é, aliás eu estava sempre bêbado quando ia te procurar. Saia da minha casa ou serei obrigado a lhe tirar a força.

Ela saiu em disparada em direção a porta como um furacão. E Samuel constrangido pediu desculpas várias vezes antes de ir atrás dela. Olhei para minha Boneca que estava do outro lado da mesa e quando me encarou de volta, vi em seus olhos que ela está prestes a

chorar. Maldita seja, Kathy.

— Depois eu organizo a bagunça, preciso deitar um pouco — gagueja e antes de obter minha resposta vira as costas e caminha rapidamente para o quarto.

Suspirei por toda aquela cena armada por Kathy e eu mesmo tirei a mesa e lavei a louça usada. Minha Boneca queria ficar sozinha e eu lhe dei este tempo enquanto fazia as tarefas.

Com tudo em ordem, fui ver como ela estava. Estamos dormindo em um dos quartos do térreo, já que Savanah está prestes a colocar nossos filhos no mundo, faltam três semanas para a data marcada pela Dra. Pellegrini. Bati na porta, mas como não obtive resposta a abri e entrei no cômodo.

Deitada na cama, ela olhava para o teto pensativa. Me aproximei e deitei ao seu lado.

— Você fez o certo, amor — expresso depois de alguns minutos nos quais em nenhum momento ela me olhou.

— Eu sei... Masalom, você se incomoda com minha barriga? — murmura e eu bufo erguendo o troco ao me inclinar sobre ela.

— Preciso mesmo responder a essa pergunta? Claro que não! Meu amor, pelo contrário, eu amo sua barriga. — Seus olhos avaliavam os meus, procurando alguma inverdade no que lhe dizia o que de forma alguma encontraria. — Nossos filhos estão aqui, Boneca como posso me incomodar com isso?

— Tudo o que fazemos agora é limitado e, eu sei que não é o suficiente — balbuciou desviando o olhar dos meus.

— Eu aprecio muito o ato sexual, Savanah. Todo homem o faz, mas ele não é mais importante que meus filhos. E o que temos agora é o suficiente por que é com *você* — ergo seu queixo com o dedo indicador. — Não deixe Kathy inserir seu veneno na nossa relação, aliás, estou orgulhoso de suas atitudes. Na verdade, eu amei ver você defender o que é seu.

Ela sorri levemente e eu uso o dedo que está

em seu queixo para contornar seus lábios rosados.

— Nem acredito que fiz aquilo, mas o sangue subiu a minha cabeça cada vez que ela tentava te seduzir, e, uma hora explodiu e quase que de forma automática disse tudo o que estava entalado.

— Você está amadurecendo, Boneca. Gosto de vê-la se tornar uma mulher incrível a cada dia — elogio vendo seus olhos cor de mel brilharem como se seu sorriso os iluminasse.

— Eu vou arrumar a bagunça que deixei na cozinha — anuncia tentando levantar.

Segurei seu braço e a fiz deitar-se novamente.

— Eu já dei um jeito em boa parte dela e os empregados podem arrumar o resto depois. A senhora vai dormir um pouco por que eu fiquei muito preocupado com o que aquela cena na sala poderia ter feito para você e sua gravidez.

— Obrigado então, marido. Vou seguir suas recomendações, estou mesmo cansada — sorri e se remexe em busca de uma posição confortável.

Deixei um beijo em seus lábios e arrumei seus travesseiros.

— Estou sempre pedindo que fique de repouso, mas você é teimosa.

Levantei e tirei suas sandálias já que ela não tinha feito e, me junto a ela, uma vez que, não tinha nada muito importante para fazer hoje no escritório. Após ter tudo em ordem, retornei ao quarto e ela se remexia de um lado para o outro inquieta. Savanah se sentou com os olhos arregalados olhando o seu vestido e seguindo seu olhar o desespero e euforia me consumiu, pois o seu vestido estava com uma mancha úmida. Nossos olhares se encontraram e ela gemeu levando as mãos ao ventre. Então eu realmente tive a certeza, meus filhos estavam vindo ao mundo.

Atordoado não sabia ao certo o que deveria fazer, por isso fiquei plantado no lugar olhando entre seu rosto e ventre. Savanah, por sua vez, tentou levantar da cama e então, como se eu enfim despertasse do meu transe para a verdadeira realidade me veio a certeza de que não

deveria deixá-la levantar, porém, quando fui tentar impedi-la acabei tropeçando no maldito tapete.

— Eles estão nascendo, não é? — questionei como se o fato já não estivesse claro.

— Sim estão. Liga para sua irmã e avisa a ela — pede indo para o *closet*. — Vou tomar uma ducha enquanto ainda posso, e vestir um vestido mais confortável.

Assenti mesmo que ela não pudesse ver e procurei o celular, mas ele não estava em meu bolso. Olhei para o *closet* por onde Savanah tinha ido e refleti se deixá-la sozinha alguns instantes seria seguro. Por fim, decidi que se eu fosse rápido conseguiria fazer as ligações.

Caminhei apressado até o escritório e optei por deixar a porta aberta para que se ao acaso ela me chamasse, eu ouviria nitidamente. Peguei o telefone e após procurar o número na agenda disquei. Levando o mesmo ao ouvido aguardei impaciente ela atender.

— Pois não, doutora Alessia falando —

exclamou no terceiro toque.

— Oi, sou eu Masalom! Doutora, a bolsa estourou e Savanah está entrando em trabalho de parto, preciso que você vá para o hospital que combinamos com sua equipe e fique a postos para colocar meus filhos no mundo — explico de uma só vez.

— Calma, majestade. Quando chegarem lá, já estarei aguardando. Vai dar tudo certo — garantiu e eu confesso que respirei um pouco mais aliviado.

— Ótimo até daqui a pouco — desliguei já com o contato de Zylan em mãos.

Disquei seu número e batuquei os dedos na superfície da mesa nervoso por ter deixado minha Boneca sozinha.

— Oi, quem fala? — atendeu desconfiado, pois não sabia que era eu já que, sempre que entro em contato é do meu celular.

— Masalom, preciso que arrume um voo para Sarah e a traga de volta. Irei avisá-la de que você irá procurá-la.

— Claro, chefe — concordou e eu encerrei a ligação com um grande suspiro contente.

Falta avisar a Sarah, mas farei já no hospital e, tem a Elisa também. Regressei ao quarto e minha Boneca estava deitada em nossa cama trajada em um vestido de cor azul acima do joelho pelo que pude perceber.

— Boneca está tudo pronto para irmos ao hospital. Dra. Pellegrini está nos esperando junto a uma equipe de profissionais, também já pedi para Zylan arrumar o voo que vai trazer minha irmã em segurança e, mais tarde ligo para ela e explico tudo.

— Masalom! — gritou me interrompendo enquanto respirava fundo e soltava o ar. — Me leva logo para esse hospital, ou eles vão nascer aqui mesmo.

— Por Allah! — exclamei atordoado e corri até ela já passando o braço por suas pernas e ombros. — Não diz isso! Quer me deixar ainda mais nervoso? — murmurei a erguendo em meus braços, e praticamente correndo com ela em direção ao meu carro.

CAPÍTULO 13

SAVANAH

Nossa estadia no hospital foi longa, foram trinta dias esperando Rubi, Safira e Thomas ganharem peso para que assim pudessem voltar conosco para casa. A Elisa foi essencial neste período, cuidando da minha casa junto as outras moças e dos meus filhos enquanto eu não podia. Sarah também veio como prometeu, embora não pudemos conversar quase nada já que ela passou só os dois dias aqui — no período que eu ainda me recuperava do procedimento do parto — e retomou sua viajem dizendo que estava indo para Espanha agora.

Olhei para os rostinhos serenos dos meus bebês e sorri, deixando o amor que sinto por eles transbordar em meu sorriso. Eles enfim poderão dormir no quarto que seu pai fez para eles, nossas vidas enfim se normalizará desde que fui tê-los no hospital.

Masalom esteve ao meu lado durante todos os momentos e hoje não foi diferente. Ele fez questão de ir nos buscar e de forma paranoica levar um exército para acompanhar nosso carro de perto.

— Percebeu o quanto Rubi é sapeca? — indaga beijando minha bochecha.

Estamos no banco de trás do seu carro que é guiado por Salan. Ele segura um grande cesto com nossas duas fadinhas e eu meu Thomas. Rubi e Safira são iguais, já Thomas veio de uma segunda placenta, segundo Dra. Alessia, e por isso, é diferente das duas.

— Ela já tem uma personalidade forte. Não é pimentinha da mamãe? — brinquei com o pezinho dela que sorriu de olhos fechados. — Elisa disse que ela insistia em não querer ser pega por ela, que só aceitava se fosse você.

Masalom sorriu acariciando a bochecha de Safira.

— Ela é esperta, só fez isso por que sabia que eu lhe daria o que ela quisesse e, naquela ocasião ela

queria sua chupeta — expõe e ela leva as mãos a boca rindo como se estivesse entendendo o que o pai dizia, o que com certeza não é o caso.

— Ela não sabia de nada, bobo — balanço a cabeça e vejo pelo retrovisor Salan controlando o riso.

— Claro que sabia, assim com Thomas, ao deixar sua irmã menor nascer antes dele. Ela era tão pequena, Boneca. Nosso garotão parecia ter consciência de que Safira estava fraca e necessitava de cuidados antes dele.

— Sarah me disse que ela sempre foi assim, quietinha — comento deixando uma lágrima escapar ao apenas cogitar a possibilidade de havermos perdido nossa bebê.

Meu marido enxugou meu rosto e quando Thomas começou a chorar ele se afastou e o bebê se calou instantes depois.

— Acho que tenho um concorrente pelo seu coração agora — brincou me direcionando uma piscadela. — Ela está saudável, Boneca. Dra. Pellegrini disse que

não há nada de errado com ela e que podemos ficar tranquilos.

— Eu sei, mas não consigo não me emocionar ao refletir sobre o que poderia ter acontecido — digo admirando meu filho, às vezes tenho vontade de morder suas bochechinhas macia.

— Eu também fico, mas ao olhá-la dormindo e saber que ela está aqui indo conosco para casa, e saudável, me tranquiliza.

— Sim, você está certo — concordo suspirando.

O parto de Safira foi o mais complicado por que segundo Masalom, ela estava em uma posição ruim e o fato de Thomas ter se movimentado ajudou os médicos a retirá-la. Depois veio a notícia de que ela necessitava ficar na UTI, pois seus pulmões ainda não estavam em condições para trabalhar por sua respiração. Foi um alívio quando uma semana atrás soubemos que ela estava respirando sem ajuda de aparelhos, deste momento em diante, foi só alegria.

Masalom também foi o responsável por discernir os nomes das duas, ele disse que o rubi é chamativo por sua cor viva e se encaixava na personalidade que nossa filha sapeca demostrava, já a safira, segundo ele, era menos chamativa, mas uma pedra na qual a cor remete delicadeza como nossa filha pequenina e frágil. Eu claro não tinha argumentos para contestar suas decisões, não depois de ouvir essas suas observações.

Thomas tem um sorriso de canto, idêntico ao do pai assim como herdou dele a possessão.

— Eles são tão pequenos. — Meu marido interrompe meus pensamentos.

Sorri para ele e pousei minha cabeça em seu ombro. Dali fomos babando pelos nossos filhos por todo o caminho e quando chegamos em casa fomos surpreendidos por alguns visitantes. Farid, Elisa e Horlom estavam sentados no sofá da nossa sala. Olhei para meu homem e percebi o alívio que este sentia ao ver seu irmão.

Percebendo nossa chegada nada silenciosa já que Rubi chorava rios por ter Salan ao invés do pai a carregando, um Horlom, muito mais magro que a alguns meses atrás, levantou e veio ao nosso encontro com Elisa e Farid logo atrás.

— Olha só como chora — Horlom sorri ao pegar o cesto das mãos de Salan e caminha com ela até o sofá.

— Bom dia! — cumprimentei todos ainda segurando Thomas em uma das mãos e a outra na cintura de Masalom.

— Bom dia, querida. Como se sente? — Elisa perguntou pegando o cesto com Thomas da minha mão. — Bem, feliz por poder voltar para casa com nossos pequenos — sorri usando a mão livre para espalmá-la acima do peito esquerdo de Masalom.

— Vamos nos sentar — Masalom sugeriu e assim nós o fizemos — Salan junte-se a nós — pediu quando percebeu que o senhor ficou parado.

— Eu adoraria ficar e sentir esse ar puro que

as crianças têm, mas tenho algo a fazer — explicou-se sorridente. Com toda aquela barba ele parecia o Papai Noel na versão árabe.

— Tudo bem — meu marido franze o cenho, mas concorda.

— Obrigado pela ajuda, Salan — sorri para ele antes de me sentar e vi ele assentir já virando de costas para ir ao palácio, creio eu.

Horlom tinha feito, milagrosamente, minha filha ficar quietinha e brincava com suas mãozinhas. Fiquei observando-o sorri, seu semblante parecia cansado, minha vontade era de perguntar o que estava se passando com ele e até mesmo se tinha reencontrado Brena mas, vendo-o feliz ao interagir com a sobrinha preferi não tocar no assunto e, creio que Masalom também pense assim, já que não se manifestou até o momento.

Na outra extremidade do sofá oposto ao que eu, meu esposo e, Safira, estamos acomodados, Elisa e Farid brincavam com Thomas, eles parecem estar a um passo de oficializar um outro patamar em sua relação e eu

estou torcendo por isso, pelo que ela me confidenciou Farid merece ter uma mulher como ela ao seu lado.

— Ela costuma chorar quando alguém, além de mim e seu pai fica com ela. Parece que ela gostou de você, Horlom — comento e ele sorri, tirando os olhos da sobrinha e pousando-os em mim.

— Ela conhece o tio mais charmoso — articula piscando para mim. — Qual o nome desta? Vai te dar um trabalho, irmão.

— Rubi, e essa aqui é a Safira — levanta-se e senta ao lado do irmão com Safira em seu colo ainda dentro do cesto. — Elas são tão bonitas, não é? Vão me dar mais trabalho que a Sarah quando pequena.

Recostei minha cabeça no sofá e assisti de camarote minhas duas fadinhas serem paparicadas pelo pai e tio. Dois homenzarrões rendidos aos encantos das minha fofuras amadas. Isso me fez recordar do instante em que as vi pela primeira vez, o quão emocionante foi olhar para os três e sentir meu coração bater com mais intensidade contra o peito, o amor que irradiou de mim

estava além do que conseguiria descrever, talvez nem o melhor escritor do mundo o faria, por que ninguém consegue pôr em palavras um sentimento tão grande e complexo.

— E o menino? Ele vai te ajudar — brincou Horlom e meu marido sorriu.

— Ele já o faz, Thomas é como um alarme contra possíveis pretendentes. Ele chora horrores quando me aproximo de sua mãe.

Horlom gargalha e dirige seu olhar ao meu pequeno embrulho nos braços de Elisa.

— Parabéns, irmão! Eles são lindos — disse seriamente agora.

Eu estava quase tirando um cochilo enquanto ouvia e via a interação deles com minhas meninas e Elisa e Farid com Thomas. A noite em um hospital é agitada apesar de Masalom ter pago um quarto só para mim e os bebês, são muitas visitas durante à noite e estas, quase sempre, interrompiam meu sono.

— Querida, por que não sobe e descansa

confortavelmente em sua cama? Coloco eles para dormirem e cuido, caso algum acorde. — Elisa está do meu lado segurando Safira que dormia e, eu me pergunto como, e quando, peguei no sono.

— E Masalom? Horlom e Farid já foram? — indago bocejando enquanto me arrumo no sofá.

— Foram colocar Thomas e Rubi adormecidos em seus berços. Safira estava muito agitada e por isso demorou um pouquinho mais para pegar no sono — explica balançando minha fadinha encantadora.

— Sendo assim, vou seguir sua sugestão. Estou exausta — sorri cansada. — Mas diga a Horlom e Farid que convidei ambos para o jantar — expresso e arregalo os olhos ao lembrar que deveria mandar preparar o almoço.

Percebendo para onde meus pensamentos tinham seguido, minha amiga sorriu.

— Vou cuidar de alimentar esses homens e você só precisa se preocupar com amamentar seus pequenos mais tarde. Logo preparo para você algo

substancial para ajudar na amamentação.

— Você é um anjo, Elisa — murmurei pousando a mão em sua bochecha e senti os músculos ali movimentarem se quando ela sorriu.

— Imagina — rolou os olhos divertida e se levantou. — Vá deitar. Irei colocar essa gatinha junto de seus irmãos.

Assenti me erguendo também e enquanto ela seguiu para o quarto das crianças eu fui para o meu. Abri a porta e senti o prazer que é estar de volta a minha casa com o cheiro de Masalom no ar e, nossa cama macia a minha disposição me fez suspirar contente. Ao entrar fui me desfazendo das sandálias pelo meu caminho até o colchão e ao lado dele puxei meu vestido pela cabeça.

Deitei vestida apenas com o sutiã apropriado para amamentação e a cinta que estou usando para a barriga voltar para o lugar. Me aconcheguei ao travesseiro de meu marido fechando os olhos. Quase que instantaneamente dormi outra vez sabendo que Elisa cuidaria bem de tudo enquanto eu estivesse ausente.

— Boneca! Acorda, amor. Você precisa comer algo — despertei com um beijo no rosto e suspirei quando, o colchão afundou e este, deitou atrás de mim acolhendo meu corpo contra o seu enquanto, seu rosto deixava mordidas em meu pescoço.

Coloquei meus braços sobre o seu que estava em minha cintura e gemi quando o outro acima da minha cabeça disponibilizou sua mão direita para fazer carícias em meu couro cabeludo.

— Hum, posso me acostumar com isso — sorri ao dizer em tom de murmúrio.

Estar em seus braços me dá paz, segurança e conforto, ao passo em que me deixa quente, desejosa e saudosa pelos nossos momentos íntimos.

— Você merece ser mimada, Boneca — sussurrou próximo ao meu ouvido e eu me arrepiei encolhendo-me ainda mais em seus braços.

— Que horas são? — questionei respirando fundo.

— Cinco e meia — respondeu ao parar de

acariciar meus cabelos para virar o tronco e olhar no relógio sobre o móvel próximo a cama.

— Já? Disse para Elisa convidar Horlom e Farid para o jantar — expresso me afastando do seus braços.

— Ei, Boneca, espere! — segurou meu braço quando ia me sentar para em seguida levantar. — Eles já foram embora, mas prometeram voltar amanhã quando você tivesse descansado o suficiente para realmente oferecer-lhes um jantar — articulou e eu voltei a me deitar, porém agora de frente para ele.

— Sério?! — suspirei e ele assentiu tranquilo.

— Sim, sério. Eles foram compreensivos, você precisa descansar antes de retomar sua vida normal — ergueu a mão e contornou meus lábios com o polegar.

— Certo. E Horlom te contou algo sobre Brena? Ele me pareceu mais magro — comento e ele suspira levando a mão que antes usava para percorrer o dedo por meus lábios ao próprio queixo, coçando a barba rala que, aparecia por ali.

— Tentei tocar no assunto, mas ele se esquivou e pediu para que não falássemos sobre — responde e bufa. — Subentendi que ele não a encontrou, ou se fez, decepcionou-se com algo a ponto de querer esquecer.

— Então acha que se ele não a encontrou desistiu de procurá-la? — levei minha mão aos seus cabelos desalinhados.

— Também não sei responder a essa questão, já que ele se recusa a falar sobre o assunto. Mas pelo que conheço, creio ele não desistiria. — Masalom fechou os olhos no instante em que passei os dedos entre os fios do seu cabelo macio. — Trouxe um pouco da sopa que Elisa fez para você — anunciou após alguns minutos de silêncio da nossa parte.

Assenti me arrastando até estar sentada contra a cabeceira da cama. Vi a bandeja colocada sobre o móvel perto da cama pela primeira vez.

— Estou mesmo com fome, mas antes vou tomar banho e escovar os dentes. Acha que esfriará? —

repliquei me arrastando até a lateral do colchão e, colocando os pés no chão, procurei o vestido e as sandálias que joguei ali para guardá-las onde deveria, e sorri por não encontrá-las ali, provavelmente meu marido fez o trabalho por mim.

— Creio que sim, mas pode ir que depois irei pegar outra porção quente para você, amor.

Levantei após assentir e me espreguiçar e fui em direção ao banheiro. Estava retirando meu sutiã quando vi minha imagem refletida no espelho. Atraída por meu reflexo caminhei até parar diante do objeto e respirei fundo quando vi a marca que fica na horizontal um pouco acima da minha vagina.

— Nossa! — sussurrei pois vê-la no reflexo era bem mais ruim do que ao vivo. Nunca me importei com a beleza física, mas posso dizer agora que me veio um certo receio do que Masalom possa pensar sobre a cicatriz. Virei um pouco para direita para ver como ficava de perfil. O banheiro do hospital nunca me permitiu vê-la tão bem como esse.

— O que está olhando? — A voz de Masalom me assustou quando ele parou atrás de mim sem que eu percebesse.

— Como este corte é grande e feio — suspirei ao me curvar para retirar minha calcinha vermelha de renda.

Olhei pelo espelho o que ele estava fazendo já que, não comentou nada e, vi ele recostado a pia com os braços cruzados contra o peito e o cenho franzido como se estivesse pensando a respeito do meu comentário. Quando nossos olhares se encontram através do objeto, ele sorriu malicioso, aquele sorriso de lado que quase sempre me faz sonhar acordada admirando-o. Masalom desfez nosso contato visual e eu fui testemunha da bela avaliação que este fez do meu corpo. Senti minha pele queimar diante da intensidade e calor que seus olhos negros e brilhantes transmitem.

— Eu não vejo nada de feio em seu corpo gostoso, Boneca — murmurou com a voz rouca e pelo amor! Eu senti meu sexo pulsar quando ele disse essa

frase outra vez me encarando.

Soube que ele não estava dizendo aquilo para me agradar pelo desejo que vi no fundo dos seus olhos.

— Para de me olhar assim! — alertei entrando no boxe.

— Não posso! — disse tirando a camisa e logo em seguida abriu o botão e zíper da calça jeans preta que trajava se desfazendo dela junto com a cueca.

De fato, ele estava mais animado do que deveria. Lambi meus lábios os umedecendo já que de repente estes pareceram secos. Me ordenei a parar de olhar para seu membro quando o ouvi rir. Subindo vagarosamente meu olhar pelo seu abdômen sarado e logo depois por seu tórax, em seguida seus ombros largos e então seu pescoço, queixo e lábios apetitosos para enfim alcançar seus olhos não pude evitar gemer com desejo de saborear cada pequeno pedacinho do meu marido.

— Eu... — tentei falar mas falhei vergonhosamente então limpei a garganta antes de continuar, e claro, não pude evitar observar outra vez o

símbolo evidente do seu desejo rapidamente. — Eu posso dar um jeito nisso. Estou falhando neste quesito e não posso dar chance para vadias, como a Kathy, tentarem se apoderar do que é meu apenas por que estou de resguardo, certo?

— Não iria resolver se outra tentasse cuidar dele, Boneca — pisca para mim ao retrucar e eu acabo com o clima de sedução ao rir.

— Então deixa eu saciar a fome do meu marido — brinquei me aproximando.

Parei diante de Masalom e seus braços foram rápidos em me envolver e puxar de encontro ao seu corpo.

— Tem certeza? Dra. Pellegrini já nos deu seu consentimento? — questionou mordendo meu queixo.

— Quem disse que precisamos ter outra mulher dizendo o que podemos, ou não fazer em nossa intimidade — contradisse passando meus braços por seu pescoço.

Ele tentou protestar, mas fui mais rápida e o impedi de falar juntando nossas bocas. Beijei meu esposo

sentindo o calor do seu corpo nu e percebi como sentia falta de estar entregue em seus braços. Sem fôlego encostei nossas testas e expliquei contra seus lábios:

— Usarei a boca por enquanto — nos encarávamos como se nada mais existisse ao nosso redor, sua respiração se confundindo com a minha, seus braços ao entorno da minha cintura unindo nossos peitos de forma firme.

Saudade, uma única palavra que descreve bem o momento.

— Eu te desejo tanto — proferiu e meu coração deu um salto dentro do peito.

— Então somos dois, meu amor — sussurrei fechando os olhos e me permiti outra vez sentir o toque dos seus lábios, o sabor, a textura.

A sensação de pertencer era o que ele me dava sempre e ela não tem preço. O pai dos meus filhos, o homem que me devolveu a vontade de viver, me presenteou com uma família, me trouxe minha melhor amiga, e principalmente me deu seu amor e confiança, ele

é minha base hoje. Ele terminou de solidificar o que meus pais construíram. Separei nossos lábios e mordi seu queixo. Sua reação foi grunhir e me apertar mais contra seu corpo.

— Eu te amo — sussurrei ao pé do seu ouvido.

— Então somos dois, meu amor — usou minha frase anterior e por isso ambos sorrimos.

Beijei seu pescoço e fui me abaixando devagar de acordo com o caminho que meus lábios faziam, passei a ponta da língua pela aréola do seu peito, corri os dedos por seus ombros enquanto lambi seu abdômen, e então, me agachei diante dele e envolvi meus dedos em seu membro ereto. Olhei para cima e nossos olhares se encontraram. Ainda o encarando fixamente rodopiei minha língua por sua glande e em seguida coloquei aquela parte na boca.

Masalom praguejou fechando os olhos ao desfazer o nó que fiz em meu cabelo. Com as mechas soltas foi minha vez de gemer ao sentir seus dedos

adentrando por minha nuca. Logo eles estavam puxando-os em punho fechado a procura de me guiar nos movimentos de vai e vem que eu fazia.

Ignorando suas vontades, o torturei ao meu tempo e só quando eu quis, o deslizei para dentro da minha boca por completo. A parte negligenciada teve a atenção que merecia através da minha mão. O gemido másculo que ouvi o meu marido proferir, deixou-me ainda mais molhada entre as pernas.

— Que boquinha, Allah! — murmurou e risonha continuei a estimulá-lo.

Sentia o aperto em meu cabelo aumentar junto aos seus grunhidos. Seu pênis também demostrava que ele estava bem perto de chegar ao limite. Bastaram mais alguns movimentos precisos e ele veio. Tomei tudo o que me era oferecido e lambendo os lábios sorri satisfeita.

— Acho que agora posso tomar meu banho, marido — brinquei aceitando sua ajuda para levantar.

Masalom outra vez me envolveu em seus braços e eu descansei a cabeça em seu peito.

— Vamos juntos — proferiu após beijar demoradamente minha testa.

Tomamos banho entre carícias e brincadeiras com o sabonete ou shampoo e, rindo permiti que ele me enxugasse antes de voltarmos para o quarto abraçados. Masalom foi até o *closet* enquanto eu enxugava meus cabelos e momentos depois regressou vestindo apenas uma calça jeans azul.

— Vou pegar outra sopa enquanto você se veste e, já aproveito e trago, com a ajuda de Elisa, os bebês para você amamentar — falou passando os dedos pelo cabelo molhado.

— Tudo bem. Estou morrendo de saudades dos meus pequenos juntinhos de mim. Pode serem tão fofos, lindinhos e terem um cheiro tão gostoso? É possível ter bebês mais lindos no mundo? — franzi o cenho pensativa e despertei dos meus devaneios ao ouvir sua gargalhada cada vez mais perto.

Diante de mim, ele apenas deixou um beijo em minha bochecha e seguiu para a porta. Aproveitei para dar

uma conferida básica em sua bunda deliciosa naquela calça apertada e em suas costas nua.

— Pode, eles são pedacinhos de nós dois — respondeu antes de sair e foi minha vez de rir ainda suspirando pela visão do seu corpo.

Respirei fundo e cruzei o quarto indo para o *closet* onde ele tinha estado. Rolei os olhos para a toalha molhada em cima da poltrona e procurei o que vestir. Passei os dedos por meus vestidos, mas decidi por um short de algodão curto e uma blusa de alças na cor bordô. Era uma roupa de dormir das que comprei na loja da Sandra e nunca tive a oportunidade de usar, por que, ao invés dela eu vestia uma das camisas do meu marido.

Inaugurando as peças, penteie meu cabelo, usei meus cosméticos e retornei ao banheiro após pegar as nossas toalhas molhadas na poltrona. Coloquei as toalhas no cesto do banheiro e suspirando retornei ao quarto, ali arrumei nossa cama para me sentar e esperar que ele me trouxesse o que comer e os trigêmeos para que eu pudesse alimentá-los.

Custou alguns minutos até Elisa entrar com uma bandeja recheada em mãos.

— Masalom foi pegar os bebês no quarto e me pediu para te trazer o jantar, assim trouxe logo o de vocês dois, pois ele também não foi jantar ainda — explicou ao ver meu olhar incrédulo dirigido a bandeja.

Elisa colocou nosso jantar na mesa entre as poltronas que ficam próximo a grande janela do espaço e tem vista para a piscina. Abriu as cortinas e sorriu ao virar para mim que a observava atenta.

— Agora vocês já podem ter seu primeiro jantar em família — anunciou caminhando até nossa cama e sentou-se no colchão perto dos meus pés.

— Está perfeito, obrigada, Elisa — expressei meus agradecimentos e sorri — Farid volta para vir nos visitar amanhã? — questionei ajustando-me contra os travesseiros, mas pude ver seu sorriso se expandir.

— Sim, ele vem para o jantar que você queria fazer hoje. Os homens combinaram entre si de te darem um tempo para descansar antes de você ir se meter na

cozinha — brinca ao me lançar uma piscadela.

— Como vocês dois estão? — perguntei apenas para confirmar se de fato ele a fazia feliz.

— Muito bem. Já contei a ele sobre o filho que tenho perdido por aí, omiti e, pretendo continuar omitindo, minha vida no clube, e ele também já me confidenciou algumas coisas, enfim, estamos nos entendendo — articula pensativa.

— Fico muito feliz por você. Por falar em seu filho, vou ver como andam as investigações com Masalom e se tivermos novidades te digo. Só não perca as esperanças, vamos encontrá-lo.

— Olha quem veio visitar a mamãe em seu quarto! — Masalom exclamou passando pela porta a empurrar um carrinho com Safira e Rubi enquanto trazia Thomas no colo.

A cena ficará guardada para sempre em minha memória. Masalom sem camisa e descalço trazendo consigo nosso pequeno embrulho no colo e no carrinho nossas fadinhas trajadas em vestidinhos lilás e rosa assim

como a tiara em suas cabecinhas.

— Depois conversamos sobre isso, querida. Aproveite sua família que eu irei me deitar. — Elisa articulou e eu desviei minha atenção deles para vê-la levantar e brincar com minhas filhas antes de nos deixar a sós.

Observei meu marido interagindo com nossos filhos igual uma boba. Ele me deu Thomas, assim que, parou na lateral da cama, e tirou do carrinho primeiro Safira e, em seguida Rubi, colocando-as deitadas ao seu lado na cama.

CAPÍTULO 14

MASALOM

Não poderia trocar a minha família nem que me fosse oferecido o planeta inteiro por que percebi há pouco tempo que a família que possuo é o meu mundo, minha maior riqueza. Presenciar o momento exato em que Rubi, Safira e Thomas vieram ao mundo, o instante em que choraram pela primeira vez, ou o segundo em que vi seus rostos, foi um claro sinal de que há sim, momentos que jamais poderão ser esquecidos, e o melhor, instantes assim não se compra ou vende.

Acabei de presenciar outra coisa muito linda, e claro, não pude deixar de registrar, tirei fotos e mais fotos de Savanah os amamentando, do nosso jantar e agora enquanto ela dormia rodeada de pequenos anjinhos.

Savanah teve a preocupação de construir uma barreira de travesseiros para impedir que um de nós role

sobre eles. Tirei minha calça e fui ao *closet* pegar uma cueca, eu sei nunca durmo vestido, mas creio que terei que mudar este hábito cedo ou tarde, então, é melhor que seja cedo.

Retornei ao quarto e deitei no espaço definido para mim. E foi quando Rubi abriu seus olhinhos, antes que esta abrisse um berreiro sentei e trouxe-lhe com cuidado para meu colo. Depois deitei novamente com ela em meu peito. Devo ter adormecido em algum momento pois despertei com Savanah retirando-a de cima de mim.

— Thomas acordou também há pouco, vou cuidar deles agora. Você também precisa descansar — explicou retirando parte dos travesseiros da cama e os jogou no tapete.

— Já é dia? — questionei meio confuso, já que, as cortinas estavam fechadas e o relógio do outro lado da cama.

— Sim quase seis. Durma um pouco mais — respondeu colocando os três pequenos no carrinho.

Savanah saiu levando nossos filhos consigo e

eu resolvi seguir seu conselho pois, em pouco tempo tenho que ir a nossa oficina fantasma e voltar para o jantar que ela propôs a Horlom e Farid.

Dormi por algumas horas e ao acordar tomei um banho e me preparei. Segui até a cozinha e encontrei todos reunidos no cômodo. Elisa com Safira e, Savanah brincando com Rubi e Thomas que, estavam deitados no cesto em cima do balcão.

— Bom dia — expressei e elas que conversavam pararam para me responder.

Caminhei até minha mulher e ela me deu um beijo no rosto.

— Não dormiu quase nada, marido — comentou em tom de repreensão. — Sente-se lá na mesa. Vamos aproveitar e tomar café todos juntos.

Assenti brincando com a mão de Thomas e fui me sentar.

— Ainda não tomaram café? — perguntei afastando a cadeira e acomodado consultei o relógio de pulso.

— Não, Thomas chorou um pouquinho mais do que o normal e no auge do meu desespero Elisa acordou e me disse que ele só queria um pouco de água e um banho. Assim fomos banhá-lo e eu aproveitei para fazer o mesmo com as meninas. A tarefa demorou bastante — explicou colocando a mesa.

Peguei um dos pães e coloquei em meu prato.

— Que bom. Elisa, não sei se Savanah já te disse, mas encontramos a mulher com quem deixou seu filho. Ela está um pouco transtornada e infelizmente não sabe nos informar sobre o paradeiro dele. Pensei que talvez se fosse vê-la, seria uma tentativa de fazê-la recordar de algo mesmo que as chances sejam mínimas — comento me servindo de um pouco de suco.

Elisa cuidava agora dos três pequenos dentro do cesto no balcão enquanto beberica o suco que Savanah lhe entregou.

— Eu irei com certeza, tentaremos tudo. Ela está transtornada como, ou com o quê, exatamente? — indagou confusa.

— Segundo o detetive, ela era maltratada pelo companheiro. Ele a espancava e ao saber que ela estava grávida lhe empurrou escada a baixo... — interrompi quando ao erguer os olhos do meu pão vi Savanah gesticulando para que me calasse.

Olhei para Elisa e vi que ela mantinha a mão na boca com os olhos marejados.

— Se ele matou o próprio filho... pode ter feito algo bem pior com o meu — articulou em desespero e eu praguejei internamente por não ter tato para amenizar minhas palavras.

— Quanto a isso, não se preocupe, seu filho já não estava mais com ela neste período de sua vida — explico e vejo ela soltar um suspiro trêmulo de alívio. — Aliás posso até estar errado, mas creio que seu filho tenha sido adotado por um casal de posses, afinal, eles tinham dinheiro o suficiente para fazer do paradeiro da criança quase impossível de se decifrar — digo pensativo e franzo o cenho ao ver minha Boneca dizer apenas com os lábios sem emitir som algo como: eu vou torcer o seu

pescoço.

— Elisa, o que meu marido quer dizer, é que seu filho está sendo muito bem tratado pela família que o adotou e que você não precisa se preocupar. Não é Masalom? — Savanah estava puta da vida comigo. Dei de ombros para aquilo, pois não tinha dito nenhuma inverdade.

— Sim, foi exatamente isso que quis dizer — murmuro terminando de beber meu suco e afastando um pouco a cadeira me levantei. — Vou arrumar tudo para você ir ver sua amiga no Brasil e te aviso, Elisa. Preciso que não vá com muitas esperanças quanto a isso, mas como disse iremos achá-lo você só precisa ser paciente.

— Obrigado, vou falar com Farid sobre minha ida e, eu estou tentando ser paciente, mas não é fácil — respirou fundo encarando meus filhos.

Assenti e me desloquei até Savanah. Segurei sua cintura e puxei seu corpo ao meu encontro. Beijei seus lábios e fui me despedir dos meus pequenos.

— Papai vai passar o dia fora e vai morrer de

saudades de vocês — murmurei acariciando o rosto de cada um. — Boneca eu não tenho hora para voltar, mas farei o possível para vir antes do jantar. Qualquer coisa ligo para avisar — disse me virando para ela que assentia.

Deixei-as na cozinha e saí em direção à garagem já pensando no que devo fazer durante o dia. Tinha que telefonar para Pierre e ver com ele a data exata da sua vinda com sua família, e, principalmente com seu filho. Imaginar um moleque escolhendo uma das minhas filhas para casar não me deixa muito contente, porém como sempre digo: um passo por vez. Tenho também que ver Salam para definirmos os termos de sua aposentadoria e o substituto escolhido por ele, já que o mesmo tem treze filhos homens aptos a assumir seu lugar.

Saí de casa, alertando ao meu chefe de segurança que ficasse ainda mais atento, já que eu estaria ausente todo o dia. Dirigi até a oficina. Ao adentrar o lugar, Liam que estava sempre por ali, me cumprimentou silenciosamente. Segui direto para o armário de

ferramentas e desci o elevador. Então quando as portas abriram segui direto para a sala de reuniões.

Horlom estava ali junto a Zoalioan, ainda não tínhamos um plano para pôr em prática, se minha filha não se casasse futuramente com James, cumprindo o acordo, mas meu irmão com certeza teria uma teoria.

— Zoalioan me colocou a par do que está acontecendo por aqui, Masalom. Já sabia de algumas coisas, mas esse dossiê que Pierre mandou explica muita coisa — Horlom articula enquanto sento ao seu lado.

— De fato — murmuro coçando o queixo.

— Talvez um contra-ataque usando a própria proposta deles resolva — aponta um trecho do dossiê pensativo.

— Como assim? — Zoalioan questionou confuso.

— Eles estão praticamente montando um exército, certo? Então vamos montar o nosso também. Espalhar um dos nossos em cada cidade do país com olhos bem abertos e claro, todos de nossa absoluta

confiança. Enquanto eles vão para o ataque, lutaremos na defesa. Cada um desses homens ficaria responsável por treinar dez ou vinte soldados, buscar mais aliados e trazer a nós. Necessitamos de mais médicos, juízes, delegados, engenheiros enfim, sugiro utilizarmos ideias já utilizadas na *Cosa Nostra* por exemplo.

— Tipo o quê? — indago acreditando que aquela ideia poderia ser uma boa.

— Profissionais a nosso favor, daríamos estudo em troca de favores. Pagaremos graduações daqueles que não tem recursos. Temos tempo para isso e mais. Seria um investimento que nos dará vasto retorno, inclusive, em outros problemas que temos — termina jogando os papéis sobre a mesa.

— Faz sentido, profissionais que agirão em suas áreas para nos manter seguros, informados, e, sem problemas com a justiça. Só temos que resolver algumas questões, como por exemplo, nosso anonimato quanto a esta organização, não podemos esquecer que somos da família real antes de qualquer coisa. Temos também que

definir em quem vamos confiar para colocar em cada cidade, se são, ou não, de confiança.

— Uma nova divisão ajudaria — Zoalioan sugere. — Só chegarão até vocês aqueles logo abaixo, a verdadeira cúpula. Capitães podem ser os enviados às cidades, claro que depois de um teste rigoroso quanto à sua lealdade. Uma nova divisão quanto a quem irá em busca de estudantes sem rumo, mas cujas notas na escola, sejam satisfatórias, assim evitaremos profissionais fracassados.

— Então sugiro que comece a tratar do assunto. Você está no lugar de Baramethy — expresso e ele franze o cenho.

— Eu, chefe? — pergunta surpreso.

— Não vejo ninguém mais indicado — expresso e olho para Horlom que se mantém em silêncio lendo o dossiê — Me mantenha por dentro do que está fazendo também, e depois, veremos novas atitudes a tomar quanto ao ataque. Pensei em irmos investigando quem são os caras, e ir matando-os aos poucos. Diminuiremos o

exército inimigo.

— Davi pode querer se juntar a nós. Precisamos unir forças, e creio que ele comungue dessa ideia. Nossa confiança é recíproca, o que torna tudo mais fácil, além é claro, da carta que temos na manga.

— Isso não se aplica em nossos planos, Horlom — bufei indignado. — Essa minha aliança com ele fiz pensando na felicidade de uma integrante da família e não nos negócios.

— Eu sei, claro, mas vamos combinar que nem que tivéssemos planejado sairia tudo tão bem. Querendo ou não é uma carta que temos na manga.

— Não exatamente. Para isso Davi necessitará mudar seus pensamentos, muitas coisas terão que acontecer — retruco levantando. — Viram, Salam por aqui hoje?

— Ele está na sala de tortura. Disse que queria falar com você caso viesse aqui hoje. — Horlom responde riscando algo com a caneta. — Parece que temos novidades quanto ao atentado que sofreu. Ele pegou

o responsável por atear fogo no hangar.

— Que hangar... do Brasil? O cara que armou para mim. Que me manteve morto de preocupação sobre a saúde da minha família em um hospital? — Já via vermelho antes mesmo dele confirmar.

Foi só Horlom assentir que deixei aquela sala a passos largos. Juro que se Salam ousar torturar ou matar o desgraçado antes de mim... ele sofrerá o peso da minha ira. Mal posso acreditar que pegamos o infeliz, só de imaginar não poder ter tido a oportunidade de vivenciar a gravidez de Savanah até o final, ou o nascimento dos meus filhos, o sangue me sobe à cabeça. Esse cara está malditamente fodido, nunca desejei tanto matar alguém, nem mesmo meu pai ou Baramethy.

Entrei na sala assustando a todos que estavam no recinto. Tinha três pessoas ali.

— Saiam! — ordenei uma única vez, olhado fixamente para o homem que teve a ousadia de tentar contra minha vida.

— Chefe, estava aguardando sua vinda —

Salam articulou enquanto os outros dois homens saíam rapidamente.

— Eu disse saiam, e isso incluía você Salam. Depois me encontre em meu quarto, precisamos ter uma longa conversa — disse tranquilo como as águas de um lago por mais que por dentro o mar feroz estivesse causando ondas gigantescas.

Ele passou por mim em silêncio, e eu permiti que, meus olhos saíssem do rosto pálido do homem jovem, e reconheço, apresentável diante de mim.

— Promete que vai demorar bastante para responder as minhas perguntas? — pedi e seus olhos se arregalaram. — Será um grande prazer ir arrancando fio a fio dos cabelos da sua cabeça, unha por unha dos seus dedos, espetando cada pequena parte da sua pele, e, se no final disto tudo ainda estiver vivo serei grato por poder arrancar seu coração ainda pulsando de dentro do seu peito.

— Eu fui forçado. Não é a mim que você quer — gritou assustado.

Estalei a língua em desgosto.

— Ah não! Não vamos começar já entregando os pontos, isso não teria graça. Seu chefe deveria ter lhe dito isto — exclamei sarcástico.

— Chefa, era uma mulher. — Me corrigiu e eu suspirei contrariado.

Nossa sala de tortura era imaculadamente branca, meu avô tinha um pequeno fascínio pelo contraste do vermelho contra o branco. Ao lado da cadeira em que meu prisioneiro está amarrado nu, havia um grande armário repleto de brinquedos. No lado esquerdo ao homem uma fila de cadeiras para uma possível plateia. Vasculhei o armário e encontrei um recipiente repleto das mais variadas agulhas.

— Interessante! — murmurei pegando uma delas. — Uma mulher? Por essa eu não esperava — espetei seu braço sem que ele previsse e seu grito veio alto. — Por que uma mulher iria querer matar a mim e minha esposa?

— Por que você matou o pai dela —

choramingou.

— Hum estamos indo pelo caminho certo, mas já disse, é entediante você responder tudo. Faz um suspense ao menos — espetei a agulha em sua bochecha e depois a mantive enfiada em seu sistema genital.

O moleque gritava implorando para que eu retirasse a agulha do seu saco escrotal e só não caiu da cadeira por que estava bem amarrado.

— Por favor! Eu vou dizer tudo, por favor.

— Para de ser covarde, cara! É só uma maldita agulha — proferi irritado com seus gritos e súplicas enquanto se remexia.

Peguei um dos alicates na gaveta do armário e o analisei minuciosamente.

— Quero o nome dessa mulher.

— São duas, embora uma delas não quis se envolver muito — ofegou com os olhos na agulha.

— Então quero o nome das duas.

— Iriane e Isabel, ambas filhas de Gustavo

Vítreo a quem você matou — respondeu e eu larguei o alicate enquanto procurava por algo melhor.

— Então foram elas, desenvolva mais o plano das moças, fiquei curioso.

— Elas queriam matá-lo, ou a você, ou alguém da sua família. Iriane não quis se envolver muito com a vingança, mas Isabel tinha sede de justiça — remexeu-se gemendo.

Me aproximei dele outra vez, agora com uma faca pequena, porém muito afiada em mãos.

— Não faz sentido. Está querendo me passar a perna, infeliz? — puxei seus cabelos para trás para que levantasse a cabeça e assim me olhasse, como um homem faria. — Sei que o ato veio dos integrantes destas novas organizações que estão surgindo. — Enquanto falava via seus olhos arregalados temerem ao me ver afundando pouco a pouco a lâmina da faca em seu pescoço.

— Claro que faz. Iriane é casada com o chefe da máfia brasileira, ele ajudou a mulher em todo o plano — fala atropelando as palavras.

— Não fique nervoso, cara. É só uma faca, aliás ainda temos muito a brincar antes que te mande para o quinto dos infernos — murmuro me afastando após cortar superficialmente seu pescoço.

— Oh, por favor não me mate! — implorou enquanto via escandalizado lentamente o líquido vermelho que descia pelo seu pescoço.

— Nomes, eu quero nomes. — exigi.

— Iago, eu só sei isso, Iago — sussurrou entre uma respiração afiada e outra.

Tinha descoberto tudo o que queria em alguns minutos e isso me entediou, mas não poderia deixar aquele infeliz sem uma boa lição antes de lhe dar, por fim, seu descanso definitivo. Demorei um pouco mais na tarefa de atormentá-lo sem piedade, e claro, de formas mais duras e dolorosas, então deixei meus homens com a tarefa de cuidar do seu corpo.

Fui para meu quarto ali e Salam já me aguardava na porta.

— Então chefe, o que tem para tratar comigo?

— perguntou enquanto eu abria a porta.

— Entre e feche a porta, Salam — ordenei adentrando o cômodo já me desfazendo do terno preto no qual trajava.

Salam acatou a ordem e, eu fui até o móvel próximo a poltrona nos servir de uma boa bebida para só depois, podermos conversar. Entreguei o copo a ele e me sentei com o meu na cama. Usando o queixo apontei para a poltrona e, ele caminhou até ela sentando-se.

— Deve recordar que antes de ir ao Brasil meses atrás, te disse que aceitaríamos sua aposentadoria quando voltasse — começo depois de ingerir boa parte do whisky em meu copo. — Claro que no final deixarei você decidir se quer ou não.

— Creio que esteja na hora de sossegar mesmo — disse tomando a sua bebida. — Iliam pode ficar em meu lugar. Vocês sempre se deram bem e, ele tem tudo o que você necessita. Irá ajudá-lo em tudo, melhor que este velho aqui.

— Se você diz, está dito — viro o resto do

líquido que restava em meu copo e levanto. — Iliam será meu novo *consigliere* agora — ergo o copo vazio e ele ergue o seu. — Agora vou tomar um bom banho e resolver algumas questões antes de voltar para casa — explico levantando e Salam me acompanha.

— Iliam está pronto para tomar meu lugar, mas ainda vou acompanhá-lo de perto no início — diz após virar o copo e pousá-lo na mesa.

— Ótimo, amanhã preciso dele. Temos que procurar um Iago cuja mulher seja filha de Gustavo Vítreo e se chame Iriane. Ah, e claro não posso esquecer da irmã cujo nome é Isabel — expresso indo abrir a porta para ele.

— Fez ótimas descobertas, chefe — pisca para mim antes de se retirar e eu fecho a porta.

Respirei fundo e segui até a mesinha para colocar meu próprio copo vazio ali e segui para o banheiro levando o celular junto comigo. Disquei o número de Pierre e coloquei a chamada no viva voz.

— Olá, Masalom, soube das novidades.

Parabéns! — atendeu quando eu desabotoava minha camisa.

— Obrigado, liguei para definirmos a data exata da sua vinda — explico já que este tinha conhecimento do nascimento dos meus filhos.

— Vamos ver — murmurou e eu pude ouvir rangidos de gavetas antes deste voltar a falar. — Dentro de cinco meses, como já havia dito antes está bom para mim.

— Certo, estaremos lhes aguardando neste dia — confirmo tirando a camisa e já vou abrindo meu cinto. — E, para finalizar tenho o primeiro nome de um dos chefes das novas máfias.

— Ótimo, em qual país?

— Brasil — respondo tirando a calça junto com a cueca.

— Este eu tinha informações, um moleque de dezessete anos, metido a *cowboy* que vem causando em nosso meio. Meus homens dizem que é o melhor entre todos os outros, apesar da pouca idade — articula e eu

franzo o cenho.

— Impressão minha ou estou sendo passado para trás? — indago furioso por ele não ter me dito nada a respeito disto antes.

— Ainda não somos parceiros majestade, estou agindo sozinho enquanto não levo meu filho até aí, para que possa escolher sua garota. Depois disso então abro o jogo e te mostro o que já tenho.

— Sabe que ninguém brinca comigo sem sofrer as consequências, não sabe?

— Sei assim como posso dizer o mesmo. Temos um acordo ainda em andamento concorda? Apenas quando dermos o ponta pé inicial trabalharemos em parceria, enquanto não, é cada um por si — articula.

— Certo, preciso desligar — expresso concordando com ele e encerro a chamada antes de entrar no box e tomar um banho.

Após ter tirado o odor de suor e sangue, procuro uma outra roupa entre as que tenho aqui, e me visto antes de deixar o quarto para ir ao jantar que

Savanah vai dar.

— Ei irmão! — Horlom me chama quando apressado seguia para o elevador que me tiraria dali. — Vou com você, preciso de uma carona — explica quando me viro para ver o que ele queria.

Ele se levanta da poltrona onde estava sentado jogando baralho com Zoalioan e me alcança.

— Achei que já estivesse lá — comento esperando o elevador chegar.

Hotlom coloca a mão nos bolsos e sorri malicioso.

— Não, na verdade queria passar um pouco mais de tempo com você já que parto outra vez amanhã.

Surpreso com seu comentário franzi o cenho e após entrarmos no elevador olho para ele.

— Vai viajar outra vez? Devo me preocupar?

— Não, creio que dessa vez sei exatamente onde ir — sorri feliz ao proferir misterioso.

Chegamos na oficina e só após a deixarmos

para trás em meu carro retomamos a conversa.

— E a Sarah, notícias? — questiona olhando pela janela.

— Na verdade, sempre sei tudo o que ela apronta. Zylan está em sua cola. Agora por exemplo, ela está em uma balada espanhola.

— Olé! Olé! — grita animado e gargalha.

— Às vezes, desconfio que você e a Sarah foram adotados — balanço a cabeça depois de desviar o olhar da estrada para olhar para ele rapidamente.

— Você quem foi adotado neste caso. Adotar um é menos complicado do que adotar dois — retruca sarcástico.

— Isso se fôssemos só nós três, por mais que não pareça, temos mais irmãos se não se lembra. Adotar dois é menos complicado que adotar eles e eu. Aliás só você e a Sarah tem essa veia humorística e agitada.

Ele bufa ao meu lado desconsiderando meus argumentos.

— Você praticamente tem a mesma face que eu, palhaço.

— Isso é verdade — murmuro fazendo careta e ele rir.

— Falando seriamente agora, como está levando este acordo com Pierre?

— Ainda não temos um, mas por enquanto estou tranquilo — respondo desviando de uma pedra na estrada.

— Isso por que tem algo em mente, acertei? — deduz quando paramos diante do portão da minha casa.

— Por que diz isto? — inverto as coisas com um ar inocente e ofendido que o faz dar risada.

— Ora, ora, ora, meu caro Dr. Watson, você era super protetor com a Sarah imagine com sua própria filha... — grita para ser ouvido pois saí do carro para abrir o portão.

— Digamos que ela irá dar um certo trabalho

ao seu pretendente — respondo retomando meu acento após digitar a senha que abre o portão.

— Isso explica muita coisa. Vou ensiná-la a atirar e nem adianta se opor, quero ser o tio mais legal.

— Você atira mal pra caramba, não quero ver minha filha em um hospital — balanço a cabeça desgostoso.

— Você sempre cortando o meu barato, não mudou nada depois de ter uma família que realmente precisa de seus cuidados e orientações — murmura saindo do veículo quando estaciono.

— E você continua o mesmo pivete de sempre — retruco também deixando o automóvel.

— Só quando o momento exige — pisca para mim e depois fica sério. — Cuida de tudo pra mim enquanto não volto?

Caminhei até ele e coloquei a mão em seu ombro.

— Sempre, agora vamos entrar que estamos

atrasados e, estou louco de saudades dos meus pequenos e da mãe deles.

— Que romântico! — revira os olhos debochado.

Sorri acompanhando seus passos em direção a porta de entrada.

— Não tão romântico quanto seu caso de amor misterioso — articulo e ele bufa, mas nada diz.

Entramos pela porta principal e ao dar alguns passos para dentro, vemos Elisa e Farid sentados no sofá brincando com meus pequenos que estavam deitados no sofá.

— Boa noite! — Horlom exclamou indo direto até o sofá. — Esse garoto é minha cara, tão bonito quanto eu.

— Modesto esse meu cunhado — Savanah aparece sorridente vindo da cozinha.

— Boa noite, Elisa, Farid — proferi.

— Boa noite — responderam distraídos com

minhas fadinhas.

Meus olhos encontraram os da minha Boneca e seu sorriso ficou ainda mais amplo. Ela estava linda usando um vestido rosa clarinho de mangas acima do ombro levemente franzidas, não possuía decote, mas por estar acima do joelho revela boa parte de suas pernas torneadas, no busto uma fita que o torna elegante junto as várias saias quase nude que caem em cascatas. Em seus pés uma sandália delicada como todo o resto do seu figurino, porém prateada. Seus cabelos estavam presos em um coque apertado no alto da sua cabeça, nenhum fio fora do lugar.

Como se hipnotizado caminhei de encontro a minha esposa e, quando agarrei sua cintura e seu corpo se chocou com o meu, ela ofegou. Olhei por cima do ombro para ver se nossas visitas estava nos vendo, constatei que não e, roubei seus lábios. Seu corpo tremeu em meus braços ao retribuir o gesto.

— Linda, Boneca. De tirar o fôlego — sussurro em seu ouvido e me afasto.

Ela que ainda não teve a oportunidade de falar nada me olhava de olhos arregalados, ofegante e mantendo um lindo rubor em suas bochechas.

— Obrigada, eu acho — sussurrou tocando os lábios com as pontas dos dedos.

— Ei, eu estou faminto aqui casal! — Horlom grita.

Sorrio puxando minha Boneca para frente do meu corpo e coloco o queixo em seu ombro abraçando seu quadril por trás.

— Tudo pronto para o jantar, Boneca?

— Sim, os acompanhe até a mesa que eu só vou colocar os bebês no quarto e volto para mandar servi-los.

— Nada disso, você vai com eles e eu cuido dos nossos filhos, preciso matar a saudade dos meus pequenos — replico lhe soltando. — Pode me dar os meus filhos um momento? Preciso colocá-los para dormir — alcancei o cesto que usamos para acomodá-los no sofá — Savanah vai guiá-los até a mesa enquanto faço isso.

Assim foi feito, enquanto eles seguiam para a sala de jantar. Deitei cada um em seus respectivos berços e assisti Safira já dormir quietinha, Rubi por sua vez, berrava, e Thomas mantinha os olhos abertos. Demorei tentando colocar Rubi para dormir e depois de um certo tempo obtive êxito. Thomas pegou no sono durante minha pequena batalha com sua irmã. Assisti um pouco eles dormirem e segui também para a sala antes que o jantar chegasse ao fim.

Na sala, todos comiam ouvindo Farid falar de uma viajem, e eu me inseri rapidamente a conversa, tomando a cadeira ao lado de Savanah e Horlom enquanto o casal, estava na outra extremidade da mesa. Conversa vai, conversa vem, terminamos de comer e depois da sobremesa deliciosa que minha Boneca fez, Farid se pôs de pé.

— Eu gostaria de aproveitar o momento propício para fazer algo que já venho planejando há um certo tempo. Como sabem, conheci esta mulher linda aqui presente, por acaso, mas não é por acaso que irei fazer

este pedido. Vocês dois, Savanah e Masalom são a família dela que conheço, por enquanto, e como já estamos em uma certa idade da vida, infelizmente seu pai já não está mais conosco, me vejo na obrigação de formalizar nossa união aqui, diante de vocês primeiramente — respira fundo e pede silenciosamente que Elisa levante.

A mulher mantinha um sorriso no rosto e seus olhos brilhavam pela emoção que quase transbordava em lágrimas. Savanah apertou minha mão por baixo da mesa e ao nos encararmos, ela sorriu feliz pela amiga.

— Aceita casar comigo, Elisa? — perguntou retirando uma caixa preta aveludada do bolso.

— Sim, aceito — sorriu ainda mais largo.

Presenciamos o momento em que ele deslizou o anel que tirou da caixinha pela extensão do dedo dela, e eu sugeri um brinde ao casal. Comemoramos o noivado e então Farid e Horlom partiram. Antes disso, me despedi do meu irmão que viajará amanhã logo cedo segundo ele e disse a Farid, eu tomaria todas as funções que o pai de Elisa deveria assumir, se vivo fosse, apesar de ser mais

novo que ela e ter idade para ser seu filho, nutro um grande carinho pela senhora que por meses se dedica a minha família.

CAPÍTULO 15

SAVANAH

Inconscientemente batucava o salto dos meus sapatos no assoalho, ninguém pode me julgar por estar nervosa, ansiosa, temerosa até. Hoje é o dia em que o tal chefe da *Cosa Nostra*, Pierre Martinez, vem com sua família se instalar por dois dias em nossa casa. Cinco meses passaram rápido demais. É visível o crescimento das minhas fadinhas e do meu Thomas, eles estão ainda mais gordinhos e espertos.

Masalom é um pai coruja, sem ele, esses primeiros meses seriam quase impossíveis para mim dar conta sozinha. É prazeroso ser mãe, mas também é cansativo, e exige muita condição física e porquê não dizer psicológica? Contudo não posso reclamar, pois sempre que achei que não iria conseguir, meu marido me mostrava que eu não estava sozinha. Ele atende ao choro dos bebês me permitindo descansar à noite, é meu lado

racional quando o emocional fala mais alto, como por exemplo, nas vezes em que um deles chora com dores e eu me vejo desesperada, enfim, ele é um bom pai e um bom marido.

Elisa casou-se mês passado e foi morar com Farid, ainda não temos notícias sobre o paradeiro de seu filho, e, infelizmente como previámos, ela não descobriu nada com a amiga com quem deixou a criança. Sarah liga sempre animada com suas viagens pelo mundo e segundo ela, está na Rússia agora, me contou algumas das suas facetas mas me pediu segredo absoluto. Horlom não deu notícias alguma desde que partiu, e, assim supomos que, o que quer que tenha ido fazer, ainda não foi concluído.

— Ei, calma... — Meu marido pede agachando diante de mim. Nem tinha visto ele chegar.

— Como posso ficar calma? Um mafioso temido em todo o mundo estará em minha casa, e o pior, assinará contigo um acordo que em nada me agrada — ergo o rosto para olhá-lo e vejo seu sorriso contido. — O que? Porque está rindo? Isso é sério! Eu estou preocupada

aqui, para de debochar — bufo chateada.

— Eu sou um mafioso temido e você dorme ao meu lado toda noite, Boneca — sorri ainda mais largo e ergue a mão até meu rosto. Ele passa o polegar por minha bochecha e eu fecho os olhos alguns instantes em apreço ao carinho que aos poucos me acalma.

— Não sei se recorda, mas eu morria de medo de você no início, nem mesmo conseguia falar. Porém, você nunca me machucou então ele foi se dissipando aos poucos.

— Bom então, em nome dessa confiança que deposita em mim posso te dizer que Pierre não fará nada contra ninguém, ambos nos respeitamos, e ele, assim como eu, valoriza a família.

Quando abri os olhos e ia fazer um comentário sobre sua argumentação seu celular vibra. Masalom retira a mão do meu rosto e procura o aparelho.

— Eles chegaram — anuncia olhando a tela e suspira. — Vou mandar abrirem o portão e os esperar na porta.

Masalom levantou, e toda minha aflição estava de volta, agora com mais força. Minhas pernas estavam trêmulas e olha que eu percebi isto ainda sentada. Que Deus me ajude! Ouvi uma voz que juro me causou arrepios até na alma. Meus olhos correram para a porta aberta e logo um homem absurdamente baixo para a imagem que minha mente tinha formulado, entrou acompanhado por uma mulher bem mais alta e extremamente deslumbrante.

— James, meu filho, venha... Entre, querido! — chamou a mulher com seu sotaque carregado, Brena também fala daquela maneira.

Um garotinho usando óculos de grau, alto para sua idade e muito observador passou pela porta. A aparência da criança é fora do comum, ele tem um estilo só dele, sofisticado demais para uma criança, mas que o torna, por incrível que pareça, um charme mirim, cuja presença é marcante e notável. Ele parou com as mãos nos bolsos da sua calça branca e olhou em volta como se estivesse avaliando minuciosamente cada canto da nossa

casa.

Levantei e limpei minha garganta para chamar a atenção dos visitantes para mim. Ao conseguir que me notassem coloquei um sorriso no rosto e alisei a saia do meu vestido para retirar o amassado.

— Olá, sejam bem-vindos — disse, e a mulher de cabelos castanhos segurou a mão do menino sorrindo.

— Obrigada, *bella*. Você deve ser a mãe dos trigêmeos certo? — questionou ocupado o espaço da minha sala após meu marido tê-los convidado a entrar.

Masalom veio até mim e percebendo meu desconforto colocou o braço em volta da minha cintura.

— Sim, esta é minha mulher, Savanah. Savanah este é Pierre Martinez, sua esposa Leonor e o garoto é o James.

— Que casa linda, querida. Vocês também formam um casal deslumbrante, já imagino como serão as crianças. — Leonor começou a falar alto demais, animada demais, e principalmente, rápido demais. — Marido, eu

sei que vai ser ótimo passar estes dias por aqui, adorei a Savanah aliás, trate de colocar rédeas no desajuizado do seu filho mais velho onde já se viu se recusar a vir conosco por causa de uma festa.

Troquei um olhar cúmplice com meu esposo no instante em que uma discussão entre o casal recém-chegado iniciou. Aproveitei para observar as características físicas dos nossos novos inquilinos. A mulher tinha o cabelo castanho escuro modelado em uma trança lateral que pousa sobre seu ombro esquerdo, seu rosto é oval, ela é mais alta que eu, a pele é dourada e seu corpo em relação ao meu é muito curvilíneo. O homem por sua vez é tão elegante quanto o filho, usa um terno que deve custar milhares de dólares, impecavelmente passado e limpo, lenço no bolso, anéis no dedo mindinho, cabelo bem penteado para trás, e um cachecol de lã de caxemira no pescoço.

— Ora*, bella mia*! Vamos tratar deste assunto depois, *si*? — reclamou o mafioso estiloso depois de alguns bons minutos de discussão e creio eu que de alguns

palavrões em Italiano. — Masalom podemos conversar em algum lugar reservado? Temos muitos assuntos a tratar em pouco tempo, assim será melhor começar o quanto antes.

— Sim, vamos ao meu escritório. Savanah você pode mostrar os quartos a Leonor? Ela e o James devem estar cansados da viagem. Mandarei alguém levar as bagagens. — Meu marido pediu apertando levemente minha cintura antes de retirar o braço dali.

— Sim, claro — sorri para a mulher e apontei com o queixo para o corredor que leva até os quartos de hóspedes, que fiz questão de mandar limpar para recebê-los da melhor maneira possível. — Vamos, Eleonor?

— Por favor. Estou mesmo exausta — comentou. — *Amore mio*, estarei esperando por você no quarto, não demora *si*? — dirigindo-se ao marido e deu nele um beijo que pode ser considerado pornográfico do tipo cheio de mãos bobas e bocas se devorando. — Pode me guiar agora, Savanah — disse limpando os lábios.

— É por aqui — gaguejei envergonhada, já

eles, pareciam nem ligar para seu exibicionismo.

Segui na frente, após outra vez trocar um olhar com Masalom.

— Vem, James.

Olhei por cima do ombro e a vi me acompanhar de perto puxando o filho pela mão.

— Este é o quarto do James e o da porta a em frente, o seu e de seu esposo.

— Ah, que amor, obrigada Savanah — exclamou sorridente ainda segurando a mão do filho.

— Imagina, vou deixá-la descansar. Suas malas já, já deverão ser trazidas. Qualquer coisa estarei na cozinha.

— Ficaremos bem, amor — sorriu.

Assenti retribuindo o sorriso.

— Então até mais tarde no almoço. — Me despedi e dei meia volta indo ver como estávamos na preparação do banquete que meu marido mandou as cozinheiras prepararem.

Ao constatar que tudo por ali estava na mais perfeita ordem, me direcionei aos quartos dos trigêmeos, para ver se ainda dormiam. Ao passar pela porta já senti o cheirinho gostoso que exala de cada um deles, aquela fragrância bem sutil, deliciosa de sentir. O amor já transborda pelo meu peito só por tê-los tão perto.

Me aproximei do berço de Thomas e percebi um pequeno sorriso em seus lábios.

— Olá, gostoso da mamãe. Está sonhando com os anjinhos, é filho? — peguei sua mão macia e pequenina. — Que sorriso mais doce, principezinho — coloquei sua mão de volta e, ao dar meia volta para olhar no berço ao lado, minha Safira com os olhinhos abertos, observando com atenção aos pequenos ursos de pelúcia que giravam dependurados no alto do seu mosqueteiro. — Gostou do presente que seu papai te trouxe, amor? — sorri balançando os ursinhos para ela se entreter. Contornei o berço deixando uma Safira quietinha assistindo aos seus brinquedos, para ver uma Rubi agitada se remexendo. — Acordou, minha gatinha sapeca? —

disse trazendo-a para os meus braços.

Observei por um longo tempo Safira dormir novamente enquanto embalava uma agitada Rubi. Após ter meu casalzinho menos trabalhoso descansando feito os anjinhos que são, deixei o quarto e ainda embalando Rubi nos braços, voltei até a sala e me sentei no sofá ninando-a. Ali seus ruídos não acordaria seus irmãos. Adorava observá-la agitar as mãos. Minha moça estava menos manhosa, mas quando ela cisma em querer seu pai, é um Deus nos acuda, chora que só vendo.

Estava tão distraída que não vi o garoto que, se sentou ao nosso lado no sofá, chegar. Só percebi sua presença quando ele, de fato, estava acomodado ali nos olhando. Sorri para ele sem saber ao certo o que fazer.

— Onde está sua mãe? — pergunto.

— Ela está dormindo — respondeu com sua voz doce de criança, mas sua desenvoltura ao falar me surpreende.

— Hum, como você se chama? — Já sabia o seu nome, claro, quero apenas ouvir um pouco mais da sua

voz fofa e imaginar meu Thomas quando tiver sua idade.

— James — esfregou os olhos dessa vez em um ato normal de uma criança como ele ao estar cansado.

— Olá James, meu nome é Savanah. Tia Sav — pisquei para ele que nem ao menos percebeu, seus olhos curiosos estavam na minha filha. — Oh e está é Rubi, minha bebê, bonita não é?

— Rubi — repetiu em seu modo criança e tocou as pernas da bebê que o chutou.

James fez daquilo uma brincadeira e sorria encantado quando ela chutava sua mão. Ele tocava a perna dela e em seguida puxava a mão bem rápido para desviar do chute que vinha em resposta.

Eu entrei na brincadeira rindo junto a ele, logo o almoço será servido, mas ainda brincando com o garoto, me preocupa pensar no que acontece no escritório de Masalom neste momento, ele me falou sobre já saber quem foi o responsável pelo incêndio e a sede de sangue que vi em seus olhos algumas vezes estava ali. Além disso, ainda tem essa aliança que vem me deixando

apreensiva. Olhei para o James sorridente e respirei fundo. No futuro ele seria tão bonitinho e inocente? Faria uma das minhas bebês, feliz? Eu espero do fundo do meu coração que sim, estarei também trabalhando por isso.

Me distrai conversando com o menino que mais repete o que eu digo do que qualquer outra coisa, e nem vi o tempo passar. Os dois homens entrando na sala foram os responsáveis por meus olhos correrem para o relógio na parede. A hora do almoço havia chegado.

— James, meu filho, onde está a sua mãe? — questionou Pierre.

— Ele disse que ela estava no quarto descansando — respondi quando o pequeno não o fez, sua atenção é exclusivamente de Rubi.

— Entendo, obrigada. Como faço para chegar até o cômodo? — indagou pegando o filho no colo. O danadinho não queria ir e tentava demonstrar isso ao seu pai com gestos e palavras.

— Eu levo você até lá — Masalom ofereceu e se aproximou para pegar Rubi dos meus braços. —

Aproveito e deixo esta pequena no berço.

Entreguei minha pimentinha ao pai.

— O almoço já está pronto para ser servido — avisei a ele que assentiu recostando com cuidado Rubi em seu peito.

O pequeno James tinha a própria cabeça no ombro do pai observando com atenção cada ação de Masalom com nossa filha.

— Já voltamos. Pierre vai chamar a esposa — explicou e o homem assentiu.

— Tudo bem então. Leva ela que depois do almoço amamento todos eles — disse admirando aquela cena que vem repetindo-se ao longo destes seis meses de vida dos trigêmeos, mas da qual, nunca me canso de assistir. Tem coisa mais linda do que o homem que você ama embalando aquilo mais valioso que você possui? Não tem, ao menos não para mim.

Eles caminharam para o corredor e ao perdê-los de vista segui para a cozinha avisar que o almoço já iria ser servido.

Minutos mais tarde, estava fazendo os últimos ajustes na mesa junto com a chef que irá servir o almoço, quando todos vieram pelo corredor conversando. Masalom trazia consigo Thomas, já Eleonor tinha uma das mãos entrelaçadas a do filho, e seu marido vem logo atrás ajustando a gola da camisa, em seu pescoço já não tem mais o cachecol.

— Descansou um pouco, Leonor? — questiono cordialmente.

— Muito! Banhei James, tomei um banho e quando deitamos juntos eu dormi feito uma pedra, e só acordei agora com o ogro do meu marido me chamando sem nenhum romantismo — respondeu gesticulando, se tem algo que percebi nela é que a mulher é exibicionista, no bom sentido, por enquanto, do tipo que faz charme, é humorada, risonha, sabe ser manhosa, e principalmente, ser dramática.

— Que maravilha, então sendo assim, podemos almoçar e recarregar um pouco mais essa sua energia adquirida através do sono.

— Eu estou faminta — declarou sentando-se.

É possível ver de longe que ela não é daquelas mulheres cheias de frescura apesar de sua aparência demonstrar o contrário. Seguindo seu exemplo todos nos sentamos também.

— E os trigêmeos onde estão? Quero conhecer os pequenos — disse ajudando seu filho a sentar-se na cadeira a sua direita.

— Dormindo no quarto, porém logo após o almoço terei que amamentá-los se quiser vir comigo...

— Sim, sim, claro que vou! Eu amo crianças, vou ficar louquinha com três. — Me interrompeu e eu só pude sorrir diante da sua forma acelerada de agir e falar. — E você marido, o que andou aprontando? Como foi essa reunião de vocês dois? Tenho certeza que Savanah e eu merecemos um pequeno resumo que sane nossa curiosidade.

Masalom colocou o guardanapo no colo e trouxe sua a mão à minha perna chamando minha atenção imediata e me distraindo por alguns instantes da conversa.

Sorria para ele quando ouvi o nome Davi...

— Davi? — indaguei para ter certeza se realmente tinha ouvido direito.

— Sim, Davi — confirmou Masalom. — Ele dará uma passada aqui mais tarde, vamos aproveitar que está no país para conversarmos.

Assenti e olhei meio de relance para Pierre. Sério mesmo que ele vai acender um charuto à mesa enquanto estamos comendo? Olhei para as moças que nos serviam e preferi esquecer o mafioso e seus atos.

E de fato o cara fumou enquanto comia, por sorte estávamos do outro lado da mesa e eu pude comer sem problemas advindos da fumaça que o troço libera. O almoço terminou e ele continuava na sua, mas isso não deixou o clima pesado por que sua mulher era descontraída o suficiente para os dois. Ela leva a conversa com uma maestria que nem em mil anos conseguirei fazer.

— Bom, agora podemos ir até o quarto das crianças — joguei o guardanapo em cima da mesa e

afastei a cadeira para levantar.

— Vou pedir para a Odete ficar com os nossos filhos depois, Savanah — anunciou, meu marido ainda sentado quando eu fiquei de pé e, Eleonor, que tinha terminado de limpar as mãos e bocas do filho me acompanhou.

— Antes de ir contigo, quero dar um outro banho nesse pequeno guloso e colocá-lo na cama, se importa? — Eleonor pegou o filho no colo e esperou uma resposta minha.

— Não de forma alguma. Quer ajuda?

— Não é necessário. Já sei como chegar aos aposentos e do jeito que está aqui, cansado, com o estômago cheio, é só depositá-lo limpinho na cama que ele pega no sono rapidamente — explica balançando o garoto.

— Se você diz — sorrio para ela. — Vou ficar te aguardando na sala então.

— Tudo bem, eu não demoro — sorriu e deixou o cômodo levando o filho consigo.

Olhei para os dois homens ainda à mesa, eles conversavam sobre algo como uma aliança tripla, mas não compreendi muito e nem tenho interesse. Aproveitei a distração deles para ir até a sala ler um pouco enquanto Eleonor coloca James para dormir. Estou estudando bastante, sei algumas frases na língua árabe já, procurei seguir sozinha as aulas que estava tendo com a Sarah quando esta partiu. Não sei se um dia falarei a língua, no entanto, quero um dia sair nas ruas e poder dialogar um pouco com o povo.

Estava folheando meu livro quando a companhia tocou. Talvez seja Davi, já que ficou de passar por aqui e, é conhecido o bastante para não ser barrado pelos seguranças que vigia a casa. Deixei o livro no sofá e com um suspiro levantei para ir atender a porta. Me surpreendi ao ver os recém-casados ali.

— Elisa! — abracei-a apertado. — Tudo bem, Farid? — cumprimento seu marido ao me afastar dela. — Entrem! Nossa, achei que ainda estivessem de lua de mel — comentei dando espaço para eles passarem, porém eles

não fizeram.

— Farid não vai poder ficar, veio só me trazer. Ele tem um compromisso. — Elisa diz e ele confirma com a cabeça.

— Exatamente, mas à noite passo para buscar minha mulher e aproveito para rever meus netos — brinca ele. — Até logo — afasta-se e só então Elisa entra.

— Como vai tudo por aqui? — pergunta enquanto fecho a porta.

Sorrio para ela.

— Muita coisa aconteceu desde que foi viajar. Vamos sentar que te conto absolutamente tudo — seguro sua mão e a levo em direção ao sofá.

— Sou toda ouvidos, aliás tenho muita coisa para contar também — disse puxando uma almofada para o colo.

Narrei as últimas semanas para ela que resumiu o que conheceu em sua viagem junto a Farid. Logo Eleonor se juntou a nós e depois de apresentá-las

seguimos para o quarto dos trigêmeos. Eleonor ficou encantada com eles e Elisa ficou surpresa com o quão grandes eles estavam.

Amamentava um por um enquanto falávamos sobre os homens. É bom poder compartilhar da experiência delas, saber que Masalom e eu estamos indo bem nesse quesito, é bom também rir do quão parecidos eles podem ser às vezes. Eu precisava daquela conversa e nem ao menos sabia disso.

Riamos alto quando Eleonor contou sobre como faz para seu marido ser organizado, e foi durante as gargalhadas que Masalom chegou no cômodo.

— Não quero interromper, mas Pierre pediu que fosse até o quarto, Eleonor — articulou. — Já de volta, Elisa? Devo fazer picadinho do seu marido? — disse em tom de brincadeira ao ver minha amiga sentada na poltrona segurando Safira.

— Não, estamos bem, só decidimos retornar mais cedo — sorriu e ele assentiu.

— Bom, eu vou ver o que meu homem quer de

mim — Eleonor colocou Thomas no berço e saiu do quarto.

Masalom tirou Rubi do meu colo quando ela adormeceu após ter mamado e colocou de volta no berço. Depois disso conversamos sobre as investigações sobre o paradeiro do filho de Elisa. Não encontramos quase nada, parece que o menino desapareceu do mapa, mas meu marido não é de jogar a toalha e continua a sua busca.

— Por que não vão descansar um pouco? Vocês estão com expressões de sono — comentou ela, entre uma das conversas. — Se quiserem posso cuidar deles até a noite que é quando Farid vem me buscar.

— Obrigada, Elisa. Vamos aceitar sim — Masalom disse quando eu ia dizer que não é necessário.

— Que bom, podem ficarem sossegados irei cuidar bem deles — sorriu. — Amo cada um como se fossem meus netos.

Antes que pudesse protestar, meu marido agradeceu mais uma vez e me puxou para fora do quarto pela mão.

— Masalom, ela agora é visita, não podemos deixá-la sozinha — argumentei tentando pôr um pouco de juízo na cabeça dele.

Masalom parou e por pouco não me choquei contra suas costas. Não sei ao certo o que ele fez, mas logo eu estava contra a parede e sua boca devorando a minha.

— Eu estou com saudades — confessa entre meus lábios.

— Como pode se há poucas horas atrás estávamos nus na cama? — debochei franzindo o cenho e ele suspirou.

É claro que compreendi o que quis dizer, nosso tempo já não era o mesmo.

— Não é o suficiente, estamos sempre preocupados com as crianças, se eles irão chorar, se não — explica.

Sorri fazendo carinho em sua nuca.

— Eu entendo, sinto o mesmo, amor — beijei

seus lábios de leve. — Então vamos subir porém, não vamos demorar muito. Davi vem nos visitar mais tarde também, não é?

— Tinha esquecido desse detalhe — suspira tirando meus pés do chão. — Mas se é assim, então não vamos perder tempo certo?

— Certo — concordei colocando a mão espalmada em seu peito e enrolei o outro braço em seu pescoço.

Ele subiu as escadas, uma vez que retornamos para nosso antigo quarto após eu ter me recuperando da cesariana.

— Você tem sede de sangue no olhar e eu não gosto disso — comento sem querer durante o percurso.

— Tenho as responsáveis pelo incêndio em mãos — diz simplesmente.

— As responsáveis? São mulheres? — pergunto após levantar a cabeça do seu ombro para olhá-lo.

— São, ambas filhas de Gustavo Vitreo.

Ainda fico temerosa ao ouvir aquele nome, Masalom o matou, eu sei, mas ainda recordo como se fosse hoje daquele sequestro, de como ele queria me violentar, tudo. E então tudo se encaixa.

— Elas queriam vingar a morte do pai.

Não havia dúvida, era o que eu faria se encontrasse aquele que tirou o meu pai de mim.

— Sim, mas nós dois sabemos o que aconteceu para me levar a matá-lo, e principalmente, não faça para mim essa expressão.

— Que expressão? — franzi o cenho confusa.

— Essa de pena, entendimento, e que, em seguida vai me pedir para ter misericórdia daquelas que poderiam ter matado você e todos os nossos filhos — franziu o cenho me imitando, era como se ele decifrasse lentamente todos os meus pensamentos.

Desviei o olhar. Como ele pode ver tudo o que eu sinto assim?

— Era o que eu faria no lugar delas, é o que você quer fazer agora pelo que elas fizeram conosco — respirei fundo e olhei para o teto. — Liberte-as, deixe que vivam suas vidas, ambas não são culpadas do pai que tinham — procurei seu olhar desacreditado — Faça isso por mim.

— Isso não é uma opção — declarou seriamente.

Mordi o lábio inferior e me aproximei, beijei sua bochecha, e desci pelo seu pescoço, mordi seu queixo e então colei nossas bocas.

— Tem certeza? — sussurrei entre seus lábios.

— Absoluta — afirmou segurando minha cintura.

— Hum, eu acho que sei como fazê-lo mudar de ideia — deixei seus lábios e sussurrei ao seu ouvido.

Ele entrou em nossa suíte e se sentou na cama comigo no colo.

— Por mais que ter relações sexuais com você me deixe irracional, ainda sim, não me fará mudar de ideia, Boneca — disse retomando a conversa.

— Mas não custa nada tentar, não é? — sussurrei contra seus lábios já abrindo sua camisa.

Nossos olhares não se desconectaram em nenhum momento.

— Não, não custa — estalou os lábios e alisou minhas coxas.

Mordi o lábio inferior ansiosa pelo que viria a seguir. Neste instante seus dedos tocam em minha virilha por sobre o tecido da calcinha. O gemido veio, foi inevitável. É incrível como já conhecemos cada parte do corpo um do outro que é mais sensível ao contato, que deixa a troca de prazer mais intensa, e isso só evolui com passar dos dias, essa cumplicidade que temos, a forma como nos entendemos dentro e fora do quarto, essa conexão que o convívio trouxe. Posso, seguramente, dizer que sei tudo, absolutamente tudo sobre ele, desde seus defeitos até seus medos e anseios, afinal ele me conta

tudo, consegui fazer com que ele confiasse em mim a curto prazo, imaginei que seria mais difícil.

Passei a mão pelo seu peito coberto e o ajudei a abrir os botões da camisa. Com a veste aberta a puxei pelos seus braços e o livrei dela. Com seu dorso nu apreciei a textura da sua pele contra meus dedos, alisei toda extensão, desde o seu tórax até o abdômen definido. Meu marido ele é muito bonito fisicamente. Busquei por seus olhos e quando os encontrei percebi que ele me assiste com interesse genuíno. Seus olhos demonstram que a mesma necessidade que eu tenho por ele, ele tem por mim.

Suas mãos deixaram minha cintura puxando consigo a barra da minha blusa. Ao retirá-la meus seios foram agraciados por sua demasiada atenção. Joguei a cabeça para trás gemendo diante do afago delicioso.

— Já disse o quanto você e linda, Boneca? — disse de uma maneira que eu obriguei a mim mesma ajeitar o pescoço e ver o que seus olhos refletem ao dizer aquilo. E contente vi que neles já não havia mais nenhum

resquício da sede de sangue que vi antes, mas sim, desejo, paixão, ternura, amor... Engoli em seco emocionada.

Enrolei os braços em seu pescoço, colando assim, nossos corpos de uma forma quase sobre-humana, sentia meus seios esmagados pelo peito dele de uma maneira tão deliciosa.

As suas mãos que ainda pairavam entre minhas pernas começaram se embrenhar por dentro da calcinha, os movimentos eram lentos, mas o suficiente para me deixar quente, muito quente. Me segurei em seus ombros e me afastei um pouco para observá-lo desempenhar aquela ação que estavam me deixando à beira do limite.

Existe muito tecido entre nós, desde minha própria lingerie até sua cueca boxer, sim ele passou a usá-la para dormir. Masalom é extremamente atencioso quando nossos filhos estão na equação, por isso a peça de roupa, ele é quase sempre o responsável por ir atendê-los no meio da noite, e isso resulta na nossa cama cheia de fofurinhas dormindo conosco.

— Quero conversar com as moças, Masalom — repito o motivo que nos levou até aqui.

— O que? Esta maluca, Savanah? — levantou-se como se fosse apagar um incêndio. — Nunca, ouviu? Nunca! Nem por cima do meu cadáver.

— Ótimo então, até você reconsiderar esta decisão nada de sexo para você — virei de bruços empinando minha bunda para cima.

— Inferno! Não percebe que... — bufou e saiu batendo a porta com força.

Me virei novamente e jogando a cabeça no travesseiro deixei uma boa gargalhada escapar.

— Aqui está sua mulher madura, esposo. Você vai ver o quanto posso me impor quando necessário. Cada um joga com as armas que têm não é? Vamos ver até quando você irá suportar ficar sem me tocar.

CAPÍTULO 16

MASALOM

Estou no escritório na companhia de um copo de uísque e Davi que acabou de chegar. A sugestão sem fundamentos da minha mulher ainda ronda minha cabeça, nunca irei permitir que ela se encontre com aquelas mulheres, pode não ter sido elas a atearem fogo no hangar, mas foram elas as responsáveis por formular todo o plano que dizimaria minha família.

Suspirei e Davi riu despertando-me das minhas divagações.

— Você está no mundo da lua — proferiu no instante em que Pierre entrou no escritório, isso por que deixei a porta aberta já que o esperávamos.

— Ora se não é o chefe da *Bravta*! — exclamou e cumprimentou Davi com um aperto de mão.

— Em breve — retrucou meu amigo.

— Acho que agora podemos começar — falei e os dois assentiram. — Já adiantei parte do assunto a Davi, Pierre.

— Sim, meu pai tem todo um processo em execução contra estas organizações, mas juntos podemos fazer mais. Então detalhem mais essa tríplice aliança. — Davi bebeu um gole da sua bebida e sentou-se em uma das cadeiras do outro lado da minha mesa.

Pierre pegou um charuto no bolso da calça e ocupou a outra cadeira, ao lado de Davi.

— Temos nomes de alguns que se dizem chefes, sabemos que uns se rebelaram contra as famílias nas quais pertencem e querem formar sua própria, mas para isso pretendem nos derrubar, outros embarcaram nessa guerra, em busca de capital, riqueza, luxo, outros por vingança. — Pierre começou. — Eles são espertos estão sempre em bandos de dez ou quinze, e nós não queremos chamar a atenção da polícia organizando uma matança. Teremos que aguardar o momento certo de atacar.

— Exatamente, meu plano era ir nos livrando deles aos poucos mas temos que lidar com esse fato agora. E para esse momento no qual Pierre citou precisamos ter em quem de fato confiar — completei.

— Sim, por isso, amanhã de manhã antes de partirmos meu filho James irá escolher uma das filhas de Masalom para cumprir o acordo. Vocês já têm essa confiança já que são amigos.

Davi concorda e outra vez leva o copo aos lábios ingerindo o resto do líquido pensativo.

— Ainda não posso dizer oficialmente que dou minha palavra, quanto a isso, por que não sou, de fato, o Chefe da *Bravta* contudo, assim que eu assumir, vocês terão meu apoio — concorda.

Pierre dá uma longa tragada em seu charuto e então se levanta.

— É o suficiente por enquanto, veremos tudo isso com calma assim que estiver no comando. Agora vou voltar para o quarto em que estou instalado e aproveitar um pouco mais da boceta da minha esposa — coloca o

charuto no cinzeiro em cima da mesa. — Nos vemos em breve, Davi — virou de costas e saiu.

— Ele é sincero demais. — Meu amigo apontou para a porta. — Gostei. Ele é dos meus.

Sorri e então é sua vez de ficar de pé e colocar o copo sobre a mesa.

— Eu também preciso ir, tenho um voo marcado às sete, e ainda preciso ir até uma das minhas clínicas para... — interrompeu o que dizia, quando ouvimos um choro alto.

Ele olhou para mim em busca de respostas.

— Deve ser Rubi, ela é bem escandalosa quando acorda e uma outra pessoa que não eu, ou a mãe dela a tira do berço — explico afastando a cadeira e caminho até a porta. — Vamos até ela, e assim já aproveito para te apresentar os trigêmeos — abri a passagem e ele saiu.

— Quem diria, você com uma família tão grande... — comenta em tom de reflexão enquanto eu deixo o escritório e fecho a porta.

— Pois é, quem diria — suspiro e sorrio. — Mas devo confessar que não posso imaginar nada que me faça mais feliz do que a família que construí ao lado da minha Boneca.

— Meloso demais — brinca balançando a cabeça. — Sabe que eu não compartilho desse pensamento no qual... — dizia mas calou-se ao olhar para frente e ver Elisa.

— Savanah, ela deve estar com sede... — A senhora também o viu e seus olhos ficaram tão abertos quanto podiam, sua mão foi ao peito e seus olhos encheram de lágrimas enquanto ela se apoiou no sofá. — Oh meu Deus...

Elisa sentou-se no sofá parecendo prever que logo iria desmaiar.

— Mãe?! — Davi murmurou ao meu lado.

Busquei os olhos da minha mulher e juntos compartilhamos da mesma confusão. Davi caminhou rapidamente e arrumou Elisa no sofá.

— Ela está bem? — Savanah perguntou ainda

com o cenho franzido.

— Sim — Davi murmurou estudando o rosto da senhora com atenção.

Ele é o filho dela? Isso explica muita coisa, a falta de pistas sobre seu paradeiro, o porquê de não conseguirmos que ninguém do orfanato em que ele ficou tenha notícias sobre o menino. O pai de Davi nunca deixaria rastros do garoto após adotá-lo.

Elisa foi aos poucos despertando. Savanah olhava entre ela e Davi como se buscasse semelhança entre eles, eu também fazia mas, só os olhos e os cabelos pretos são praticamente iguais o resto difere.

— Davi, meu Davi — sussurrou chorosa levando as mãos ao rosto dele.

— Mãe — sorriu segurando a mão dela junto a sua bochecha.

Olhei para Savanah e ela apontou com o queixo em direção ao quarto dos nossos filhos. Ela queria dar privacidade a eles e eu assenti. Juntos seguimos para o quarto. Minha Boneca estava com uma Rubi agora

silenciosa nos braços.

— Nunca poderia imaginar que Davi é o mesmo Davi que procurávamos — comenta quando estamos longe o suficiente para não sermos ouvidos.

— Nem eu — franzo o cenho pensativo. — Davi nunca gostou muito de falar sobre essa parte da sua vida.

— Acha que ele pode não querer escutá-la? — questiona preocupada olhando por cima do ombro.

— Não sei, pela reação dele creio que vai ouvi-la. — A tranquilizo e pego nossa filha dos seus braços quando ela faz cara de choro ao me olhar.

— Que bom. Masalom, estive falando sério quando disse que quero ver as filhas de Gustavo.

— Esse assunto de novo — bufo exasperado.

— Sim, ele estará entre nós até você concordar em me levar até elas. Talvez as moças nem saibam das atitudes do pai.

— Você é ingênua demais, esse é o problema.

Nem todo mundo é bom, Boneca.

— Se eu sou ingênua, você é vingativo. Nem tudo se resolve com violência, conversar às vezes é o suficiente — retruca.

— Não quero mais falar sobre isso.

Ela deixar escapar um longo suspiro.

— Tudo bem, você quem sabe. Coloca Rubi no berço, ela dormiu novamente — avisa e eu procuro o rosto da nossa filha para perceber que de fato ela estava adormecida. — Vou voltar para o quarto à noite falo com Elisa para saber como foi este reencontro.

— Logo chego lá para te fazer companhia, vou chamar Odete para ficar um pouco com as crianças — digo quando ela dá meia volta e me deixa ali diante da porta do quarto das crianças.

— Certo — responde olhando rapidamente por cima do ombro.

Fiz como disse que faria, coloquei Rubi junto aos seus irmãos e fui atrás de Odete para que ela viesse

ficar com os trigêmeos, então segui também para nosso quarto. Abri a porta e a penumbra me envolveu, assim como o delicioso cheiro da minha mulher. Entrei procurando acostumar minha visão aquela nova situação, dado que fora do cômodo estava tudo muito iluminado e fechei a porta.

— Savanah? — chamei desconfiado.

— Hum, estou deitada — respondeu manhosa.

Fechei os olhos e os abri procurando assim vê-la entre os lençóis quando me aproximei da cama. Savanah se remexeu e apenas com o braço levantado a vista murmurou:

— Vem deita aqui comigo.

— Precisamos descer daqui a pouco para o jantar e para você ver Elisa — avisei tirando meus sapatos.

Ergui as cobertas e me deitei ao seu lado. Minha Boneca se enroscou em mim e eu pude sentir seu cheiro inebriante exalar de seu pescoço, mas não foi isso que me fez apertar a mão em sua cintura louco de tesão.

— Nua, Boneca? Está tentando me enlouquecer? — murmurei ao seu ouvido e ela gemeu.

— Enlouquecer não é bem como descreveria. Quero te seduzir e assim fazer você me ouvir.

— Eu estou ouvindo, eu sempre ouço.

— Não, não faz — retruca virando de frente para mim. Ela coloca as mãos por dentro da minha camisa e tateia a pele do meu abdômen.

Posso sentir sua respiração morna contra meu rosto, acariciando meus lábios.

— Vamos esquecer esse assunto, Boneca — peço puxando seu corpo para perto.

Ela retira a mão da minha barriga e coloca em minha mandíbula. Seus lábios se aproximam, ela esquiva dos meus. Pressionei seu corpo contra o meu mais apertado.

— De jeito nenhum — beijou meu pescoço. — Me diz que vai me levar até as filhas de Gustavo.

— Dois podem jogar este jogo sabia? — digo

apertando a bochecha de sua bunda.

— Talvez — arfou beijando meu pescoço. — Que tal um acordo?

— Que tipo de acordo? — indaguei alisando suas costas.

— Você pode impor condições, vamos negociar — procurou o cinto da minha calça.

— Não vai desistir dessa maluquice, não é? — suspirei frustrado.

— Não.

— Tudo bem, mas eu vou ficar ao seu lado durante toda a conversa — exigi.

— Sério?! Simples assim? — questionou desconfiada, mas me abraçou apertado, beijando-me.

Sorrindo vitoriosa ela saiu das cobertas e seguiu em direção ao banheiro.

— O que está fazendo? — questionei sem entender.

— Indo me vestir para descermos —

respondeu por cima do ombro.

Respirei fundo e me virei colocando o braço atrás do pescoço. Naquela posição esperei ela voltar. Minutos depois ela apareceu vestida em um vestido verde oliva.

— Achei que depois de aceitar essa maluquice seria recompensado — disse olhando para o teto.

Ela caminhou até a cama e afundou o joelho ali para deixar um beijo rápido em meus lábios.

— E vai, marido, mas só depois que cumprir com sua palavra — destacou e deu um tapa em meu peito. — Vamos, levante-se.

— Não estou gostando disso — bufei me sentando.

Coloquei meus sapatos e passei os dedos pelos cabelos os arrumando. Savanah me esperava impaciente com a mão na cintura quando olhei para ela.

— Vou te levar até aquelas mulheres depois

do jantar.

— Ótimo, assim, poderemos nos divertir mais tarde — articulou caminhando até a porta na qual abriu. — Agora vamos, quero ver o que aconteceu no reencontro entre mãe e filho.

Levantei e a acompanhei. Já na sala podemos constatar que Davi e Elisa ainda conversavam. Davi estava pensativo ouvindo sua mãe quando nos aproximamos. Ambos notam nossa chegada e calam-se.

— Hum, o jantar vai ser servido. Fica para comer conosco, Davi? — Savanah questiona.

— Eu gostaria, mas não posso — olhou para a mãe e segurou sua mão. — Tenho que voltar para casa, há questões nas quais exigem minha atenção — suspira e olha para Elisa que parece triste agora. — No entanto pretendo retornar para Arábia Saudita assim que puder. Tenho muito a ouvir da minha mãe, vamos construir uma relação.

Elisa sorri com os olhos marejados e segura a cabeça do filho entre as mãos.

— Obrigado por ainda ser meu menino, gentil, meigo, especial. Obrigado por me ouvir sem julgamento, por me perdoar, querido — beija a testa dele. — Eu te amo muito. Posso te dar um braço?

Davi assente abrindo os braços. Elisa não demora a se aconchegar entre eles com um grande sorriso no rosto. Savanah por sua vez deita a cabeça em meu peito fungando e eu aproveito para sentir o cheiro delicioso dos seus cabelos.

Horas depois de Davi ter partido com a promessa de voltar e de Farid ter vindo buscar Elisa, jantarmos junto a família de Pierre. E quando o casal hospedado em nossa casa foi deitar-se me vi a sós com Savanah.

— Vamos? — Ela indagou erguendo as sobrancelhas enquanto colocava a mão na cintura.

— Aonde? — perguntei confuso.

— Você prometeu me levar até as filhas de Gustavo, lembra? — gesticula sarcástica.

— Infelizmente — murmurei passando a mão

pelo cabelo. — Tenho algo a salientar antes de irmos. Venha sente-se — pedi apontando para o sofá ao meu lado. Ela bufou contrariada mas obedeceu.

— Estou ouvindo — declarou cruzando os braços contra o peito.

— Certo. Primeiro de tudo: eu não irei sair do seu lado enquanto estiver com as duas; segundo: você não vai tentar interferir nas minhas decisões quanto o futuro delas, e terceiro, mas nem por isso menos importante: vai me obedecer enquanto estivermos diante dos meus homens.

— Ótimo, concordo com tudo, agora vamos — articulou outra vez ficando de pé.

A contragosto, instantes depois dela ter concordado com minhas ponderações guiava o carro até a oficina de fachada. Savanah está ao meu lado no banco do carona com um sorriso vitorioso nos lábios. Suspirei contrariado. Mulher teimosa dos infernos!

— Falta muito para chegarmos? — indaga olhando para mim.

— Não — respondo simplesmente.

Em silêncio mantive o olho na estrada até ouvir um longo suspiro ao meu lado minutos mais tarde.

— Ah vai, Masalom, não fica assim. Você já me deu um monte de condições e eu aceitei não foi? Então desfaz essa cara amarrada.

— Não estou com a cara amarrada. Chegamos — anuncio preferindo me esquivar daquele assunto ou discutiríamos outra vez.

— Em uma oficina? — pergunta com o cenho franzido.

— Sim — murmurei deixando o carro e ao circular o dito cujo abri a porta para ela.

— Se estiver tentando me enganar vai se ver comigo — brincou pegando a bolsa.

Sorri pela primeira vez desde que saímos de casa, é difícil continuar bravo com minha Boneca.

— Modéstia à parte, meu avô era um cara esperto, nosso lugar é de fato, quase invisível aos olhos

de quem não tem conhecimento dele — expliquei e ela assentiu.

— Realmente não desconfiaria que mafiosos se encontram em uma oficina — deixou o carro.

Juntos trilhamos o resto do percurso até a oficina. Savanah fazia caras e bocas, ora confusa por estarmos em uma sala de ferramentas onde um dos armários esconde um elevador, ora surpresa com a imensidão subterrânea da nossa sede.

— Isso é tudo... Uau! Impressionante — expressou quando terminei de mostrar a ela o lugar. — Mas onde estão o verdadeiro motivo de estarmos aqui? — virou-se para mim, esperando uma resposta.

— Hospedadas no quarto de Horlom, já que ele não está por aqui e este estava disponível.

— Vocês têm um quarto aqui?

— Sim, alguns de nós tem.

— Certo então, onde fica o quarto do meu cunhado?

Levei ela até o cômodo e vi ela retorcer as mãos enquanto esperava que abrisse a porta. Por saber que as garotas não tentariam avançar sobre ela tendo consciência de que só teriam uma morte ainda mais lenta e dolorosa deixei-a entrar primeiro e a segui logo atrás.

— Olá, vocês devem ser as filhas de Gustavo? — proferiu ao ver as duas sentadas na cama.

Uma das irmãs, a mais nova, lhe olhou feio pois ao dizer o nome Gustavo ela fez uma careta.

— Sim, somos filhas do homem que seu marido matou — disse com rancor.

— Seu pai tentou me violentar sexualmente duas vezes, o que meu marido fez não é certo, não é nada certo, mas o pai de vocês não era nenhum santo.

— Meu pai nunca faria algo assim — protestou a mais velha.

— Será que não? — balançou a cabeça e respirou fundo. — Desculpem, não tenho a intenção de implantar uma imagem ruim do pai de vocês em suas cabeças — olhou entre uma e a outra. — Eu só quero que

juntas, vocês e eu, possamos colocar um ponto final nisso tudo. Você, Iriane, acabou de casar, quer mesmo colocar sua felicidade em risco? Isabel, você é jovem, tem uma vida pela frente, vai permitir que a sede de vingança absorva seus sonhos, seu futuro e sua vida? Sim, por que, vocês podem não sair daqui com vida caso não entremos em um acordo.

— Não temos medo de morrer — retrucou a mais nova.

Vi em silêncio e com as mãos nos bolsos minha Boneca respirar fundo. Ela olhou o espaço do quarto rapidamente e caminhou até a poltrona onde se sentou.

— Não se trata de ter ou não medo de morrer. Vocês não acham que já chega de famílias destruídas? Vocês são novas, assim como eu, sei como é perder um ente querido, perdi meus pais em um tiroteio recentemente, fiquei emocionante destruída, mas segui em frente...

— A diferença é que seus pais morreram por

que era hora e não por que um mafioso de merda o matou.

— Aí que você se engana, Isabel. Seu pai matou os pais da minha esposa... — Me intrometi na conversa pela primeira vez.

— Jesus... — resfolegou Savanah levando a mão a boca. — O que disse?

— Merda! Não era para você saber assim... — praguejei e me agachei diante dela. — Faz alguns dias que recebi um e-mail do meu detetive particular. Mandei ele investigar a morte dos seus pais, Boneca. Sei como sofreu com isso, o que descobrimos foi que Pierre os matou, essa moça... — apontei para Iriane — Fugiu com o tal Iago, o chefe da máfia brasileira, Gustavo estava no Brasil a procura dela quando aconteceu o tiroteio que matou seus pais.

A menina arregala os olhos e deixa escapar um som engasgado fazendo a irmã mais nova olhar em sua direção.

— Eles tão falando a verdade, mana? — pergunta.

— Sim, nosso pai me pediu para não te contar, ele matou um casal que presenciou uma conversa sigilosa entre Iago e ele. Sobre um acordo entre... eh, hum — gaguejou e olhou para mim. — Não importa sobre o que, mas é verdade. Depois foi que aconteceu o tiroteio por que eh..— outra vez calou-se e olhou com pena para minha Boneca que chorava dolorosamente. — Eu sinto muito.

— Eu... — Savanah fungou afastando as lágrimas do rosto. — Vocês não são as culpadas. Vamos esquecer isso, Masalom vai deixar vocês livres, se prometerem não tentar nada contra nossa família.

— Eu vou? — indaguei irônico. Minha Boneca é mesmo muito, muito ingênua, isso para não usar outra palavra.

— Sim, por favor — pediu com aqueles olhinhos castanhos brilhando, cheios de lágrimas. — Elas... — olhou para as garotas. — Entenderam que o pai delas matou os meus pais e que eu deveria ter muito mais sede de vingança do que elas, não é?

As duas concordaram depois de se entreolhar. E eu? Eu só posso dizer que não entendo e nem nunca entenderei a cabeça de nenhuma mulher.

— Tem certeza que quer deixá-las ir assim... — estreitei os olhos e cocei a sombra da minha barba que por sinal preciso fazer.

Minha Boneca assentiu colocando a cabeça em meu peito agora chorando. Sou frio, mato sem sentir remorso, piedade, ou nada parecido, mas quando se trata da minha família tenho um coração um pouco menos rochoso.

— Tudo bem, se é isso que quer... Amanhã venho deixar as duas cientes de algumas coisas e tenho algumas questões para Iriane responder antes de mandá-las de volta para onde quiserem ir — expliquei. — Vamos para casa agora? — perguntei acariciando seu braço.

— Vamos — fungou.

Ajudei ela a levantar e depois de ter certeza de trancar as duas irmãs no quarto, levei-a para fora dali e dirigi de volta para casa. Savanah não sabe, mas a vida

das duas vai depender das próprias moças, não vou por minha família em risco novamente nem que precise omitir certos fatos para minha esposa.

Savanah continuava em silêncio parada no meio do nosso quarto.

— Que dia! — suspirou. — Eu acho que preferia não saber quem matou meus pais — refletiu e suspirou outra vez. — Passei algum tempo pensando a respeito e sempre quis saber, mas agora que sei, não tenho ideia do que fazer com essa informação.

— Esquecer, continuar sendo minha mulher, uma mãe maravilhosa, manter aquele seu sorriso lindo no rosto. Gustavo teve o fim que mereceu, apesar de me arrepender de tê-lo presenteado com uma morte tão rápida, não há mais nada que você ou eu possamos fazer. Mas, focando em outras coisas... — Me aproximei dela. — Quem disse que o dia acabou, Boneca? — segurei sua cintura e afastei o cabelo do seu pescoço.

— Não? — inclinou a cabeça me dando espaço para explorar seu pescoço cheiroso.

— Não. Uma certa Boneca me deve uma grande noite — sussurrei ao seu ouvindo.

Ela virou em meus braços e enlaçou meu pescoço. Nas pontas dos pés deixou um beijo em meus lábios.

— E os trigêmeos? — murmurou beijando minha bochecha.

Enxuguei suas lágrimas e respondi olhando dentro dos olhos que tanto aprecio.

— Vou pedir a Odete para ficar aqui e manter o olho neles durante à noite. Ela já tem a sua confiança? — questionei por que ela insiste em dizer que nossos filhos só serão cuidados por alguém no qual tenha plena confiança.

— Quase... Vamos fazer um teste essa noite — sorriu levemente acariciando minha nuca.

— Vamos fazer um teste essa noite — repeti, eu precisava fazer para ter certeza de que tinha ouvido direito. — Eu amo cuidar dos nossos filhos...

— Eu sei, você é um paizão — me interrompeu, seu sorriso aumentando gradativamente.

— Obrigada — girei o polegar em sua bochecha e observei maravilhado a pele alva ganhar um tom rosado. — Como eu ia dizendo, sinto saudades de você.

— Então vamos acabar com essa saudade hoje — segurou meu pulso e afastou minha mão do seu rosto entrelaçando nossos dedos.

— Vamos — concordei levando nossas mãos unidas aos lábios. — Eu só preciso ir falar com a Odete — acrescentei após beijar a pele macia do dorso de sua mão.

— Tudo bem, eu vou tomar um banho enquanto você volta — fechou os olhos inspirando profundamente.

— Eu não vou demorar — avisei me afastando, conforme caminhava nossos braços esticaram e, quando foi impossível manter o toque, nossos dedos se desvencilharam. Mas eu não pretendo demorar a

restabelecê-lo.

EPÍLOGO

Acordar nos braços do meu homem, meu rei mafioso é uma mistura de sentimentos inenarráveis, principalmente depois da noite mágica que tivemos, eu sinto que conseguimos resolver tudo aquilo que nos impedia de curtir nossa família, ele sem ter a necessidade de me manter isenta da sua vida como um todo, não apenas me mostrar a metade do que é de fato, eu, por tê-lo sem se culpar daquele incêndio onde tudo poderia ter nos levado para outras circunstâncias das quais nem cogito imaginar.

Agora não existe clube de mulheres traficadas, Elisa está casada, encontrou o filho e finalmente pode seguir sua vida também, assim como todas as outras que estiveram lá, descobri que o responsável pela morte dos meus pais está morto e, pode parecer terrível pensar dessa maneira, mas sinto que a justiça foi feita, eu também tenho um homem capaz de ir do céu ao inferno para manter nossos filhos e a mim a salvo, um homem que me mostra

da sua maneira que se importa comigo e com os meus sentimentos.

Me aconchego mais ao seu corpo delicioso e quente, as mulheres devem me entender com precisão, se sentir protegida e importante é tudo que buscamos em um homem. Masalom me denota as duas coisas, me faz feliz, realizada, completa.

O braço dele que rodeia minha cintura contrai um pouco e logo seus dedos fazem uma massagem sutil e carinhosa um pouco abaixo da minha costela.

— Bom dia, meu amor — sorrio enterrando um pouco mais meu rosto em seu pescoço.

— Bom dia, Boneca — responde com a voz ainda mais rouca do que o normal, adoro ouvi-la logo pela manhã.

Beijo seu pescoço e ouço sua respiração acelerar, tal fato transforma meu ventre em um redemoinho de desejo pronto para arrastá-lo no vento de luxúria que me toma mais e mais intensamente a cada instante.

— Alteza?! — Alguém bate na porta do nosso

quarto ao chamar, e por consequência, afasta os bons ventos que nos cercava. Por uma fração de segundos nos mantemos imóveis até a voz de Odete ser reconhecida por nós e, o mundo lá fora atravessar a fronteira que criamos só para nós dois desde a noite passada.

— Os trigêmeos! — proferimos e nos sentamos ao mesmo tempo.

Apressado Masalom vestiu a cueca, então a calça e, por fim, após passar a camisa pelos braços completando o look que ele usava na noite passada e que, estava jogado no tapete, seguiu abotoando os botões da camisa em direção a porta.

— Já estou indo! — avisou pouco antes de abrir a porta.

Enquanto os ouvia eu mesma comecei a me vestir.

— Oi, bom dia, Odete. O que aconteceu com as crianças? — questionou sem dar chance da senhora dizer o que queria.

— Oh! Não, não se preocupe eles estão

muitíssimo bem, dormiram praticamente toda a noite. — Se apressou em responder e eu sentei na cama aliviada, pude escutar o suspiro de alívio que meu marido deixou escapar.

— Então o que aconteceu? — indagou instantes depois.

— O senhor Pierre pediu para vir avisá-lo que aconteceram imprevistos e que ele e a mulher estão só aguardando vossa alteza e sua esposa para partirem — explica.

Olhei para o móvel do lado da cama no qual exibe um pequeno relógio e constatei que tínhamos passado do horário de almoço, é certo que, dormir quase ao amanhecer não é uma boa ideia quando se tem visitas.

— Obrigada, Odete. Já iremos descer. — Ele diz. — E por favor volte para o quarto dos trigêmeos enquanto Savanah se arruma, ela estará logo lá para amamentá-los e você poderá descansar.

— Claro, Alteza. Desculpe por vir perturbá-lo. Licença.

— Toda — murmura e fecha a porta.

Masalom retornou caminhando apressado. Passou por mim e ao passo em que seguia para o banheiro avisava:

— Eu vou só fazer minha higiene matinal e vou descer. Boneca, não sei o que houve, mas precisamos acertar a questão da escolha de uma de nossas filhas para o acordo.

— Eu vou tomar um banho e me arrumar e já desço também — gritei para ele ouvir quando este entrou no banheiro.

Corri para o *closet* procurar uma roupa, me enrolei toda na tarefa, e quando entrei no banheiro ele já não estava mais lá. Tomei um banho rápido fiz minha própria higiene bucal e apressada me vesti e, usei meus cosméticos que, estavam espalhados junto aos dele, ali na bancada. Só então deixei o quarto e fui a procura de todos.

Não os achei na sala, nem na cozinha, eles estavam no quarto dos trigêmeos. Quando entrei o quarto

pude ouvir Pierre perguntando ao filho de quem ele gostava mais. Deixei escapar um grunhido de desgosto e assim todos me viram ali.

— Boa tarde — tentei sorrir, mas temo ter fracassado terrivelmente. Olhei para James que tentava chamar a atenção de Rubi.

— Eu acho que ele já decidiu — constatou Pierre.

— Sim — Masalom concordou não muito feliz. — Agora tudo está resolvido. Acompanho vocês até a porta — ofereceu.

Eleonor pegou o filho nos braços e quando os dois homens deixavam o quarto se aproximou de mim.

— Obrigada pela hospitalidade, Savanah. Espero você e sua família em minha casa quando quiser, adorarei recebê-la — beijou minha bochecha. — Até mais.

— Até — sorri para a mulher e voltei minha atenção para seu filho. — Tchau, James.

— Tchau — balançou a mão e deitou a cabeça no ombro da mãe.

Quando eles saíram eu me aproximei do berço de Rubi e a peguei nos braços, seguindo com ela para a poltrona onde sentei para amamentá-la. Estava com Thomas em meu colo quando meu marido retornou. Havia amamentado nossos filhos e brincava com o agitado principezinho do meu filho.

— Eles já foram? — questionei olhando para Masalom agachado diante de mim brincando com a perna do filho.

— Sim, parece que o filho mais velho deles foi preso por atentado ao pudor. Pierre está furioso com o garoto, além de preocupado que isso chame a atenção da polícia para sua família — responde enquanto brinca com os dedinhos gorduchos e pequenos de Thomas.

— O garoto escolheu a Rubi — inalo profundamente.

— Escolheu, mas não vamos pensar nisso agora. Está muito longe da data prevista para este acordo

se consumar — pede o olhar buscando os meus.

— É difícil não pensar, porém prometo tentar — concordo.

— Nós temos um longo caminho pela frente para fazer nossa Rubi ter uma vida feliz mesmo com este casamento pairando sobre seus ombros — disse e calou-se franzindo o cenho ao ouvir o toque do seu telefone celular. — Só um instante — murmurou para mim procurando-o nos bolsos. Ao encontrar atendeu o insistente aparelho.

— Quem é? — perguntei ao ver refletido no rosto dele uma série de sentimentos.

— Horlom — responde antes de levar o celular ao ouvido. — Horlom eu... O que? Calma! Eu não estou entendendo nada — levantou-se.

Um alerta de que algo não estava bem soou em minha cabeça e, algo me diz que tem a ver Brena e o homem com o qual ela fugiu.

— A parte do avião eu entendi. Isso! Vou providenciar agora mesmo. Me envia o endereço. —

Masalom começou a circular pelo quarto. — O que houve? Você está bem? — indagou angustiado e após ouvir a resposta suspirou aliviado. — A ligação está uma merda! — xinga, para e ouve novamente. — Aqui você me diz o que está acontecendo — desliga e olha para mim.

— Seu irmão está bem? — questiono incerta.

— Sim, não entendi ao certo o que ele disse, mas está voltando e precisa que o meu piloto vá buscá-lo. — O celular apita. — Deve ser o endereço — explica e aponta para a porta. — Eu vou providenciar o voo para ele e já volto.

Assenti vendo-o sair pela porta apressado. Aproveitei a companhia dos trigêmeos deliciada com meus gorduchos e cheirosos. A felicidade deles é a minha, e eu me sinto imensamente feliz quando estou no mesmo ambiente que eles. Não demorou para Masalom voltar, ele parece mais tranquilo quanto a ligação do irmão e juntos decidimos passear ao ar livre com nossos pequenos.

O sol está muito quente quando saímos para a área de lazer, e isto me faz pensar que aquilo não é uma

boa ideia para a saúde dos nossos filhos. Ia dizer isso para ele que carrega minhas duas fadinhas nos braços quando vejo diante de mim e por trás da piscina todo um lugar para interagirmos despreocupados do sol.

— Quando você fez isso? — aponto com o queixo já que mantendo minhas mãos ocupadas com Thomas.

Por trás da piscina tem uma área de lazer que não existia, dentro de uma construção cuja frente é totalmente aberta e o teto os protege do sol tem todos os brinquedos que ele comprou no dia em que fomos fazer compras para os bebês juntos. Um grande tapete felpudo que cabe provavelmente uma sala de aula inteira de crianças acomoda ursos, travesseiros e bonecas, até a piscina de bolinhas está ali do outro lado do tapete.

— Durante a semana, você esteve atarefada e não veio até aqui. Achei que fossemos precisar de um refúgio familiar, eu sinto não podermos passear com nossos filhos pela cidade como um casal normal, então quis compensar um pouco isso. Claro que, quando eles

que crescerem um pouco poderemos viajar e ter uma vida menos privada em um outro país durante algum tempo, porém por enquanto aqui terá que servir para nossa distração — explica e eu assinto.

Enquanto o ouvia caminhamos lado a lado para aquele novo lugarzinho da nossa casa. Tirei minhas sandálias para subir no tapete e colocando meu filho deitado em um dos travesseiros, peguei Safira dos braços dele e fiz a mesma coisa, já Rubi ele mesmo deitou. Cercamos eles de travesseiros e também nos deitamos ali com eles entre nós...

— Você não me disse se gostou... — Ele comentou olhando para mim. Deitei de lado para vê-lo melhor.

— Eu amei. Isso foi muito atencioso da sua parte. — Como Safira estava bem pertinho de mim trouxe sua mãozinha aos lábios beijando-a com carinho. — Eu te amo, Masalom, amo a família linda que estamos construindo — proferi emocionada.

— Lembra do que me disse há algum tempo

atrás? Este é só o começo, Boneca — relembrou e eu assenti. — Eu também amo tudo isso — completou e com um logo suspiro feliz pegou Rubi e virou-se colocando-a em seu peito.

Ficamos em um silêncio confortável ele fitando o teto acariciando as costas da minha pimentinha e eu brincando com meu casal menos temperamental. Depois acabamos todos dormido ali após o almoço que Odete trouxe para nós dois.

Estava tudo resolvido, todas as respostas que não tínhamos antes da nossa relação agora temos e as que precisarem de respostas iremos encontrar no futuro, nossa Rubi terá nosso apoio neste casamento arranjado e vamos resolver qualquer outra coisa que impeça nossa família de ser feliz, juntos.

Eu só posso dizer que agora, neste instante, não existe alguém mais plena e realizada do que eu. Mesmo com todos os impasses, sejam eles grandes abismos, ou apenas uma pequena falha, a vida vale a pena ser vivida, por que Deus sempre tem um propósito a nos

mostrar, devemos perceber os sinais em momentos alegres ou tristes, principalmente nos tristes, naqueles onde também quase nos deixamos vencer pelo cansaço, pois é dali que vem os melhores aprendizados. Hoje posso dizer que entendi um dos meus, mas como a vida é cheia de incertezas e surpresas só me resta esperar para ver o que vem por aí tanto na nossa vida quanto nas vidas daqueles que amamos.

FIM!

SINOPSE DA SEGUNDA HISTORIA DA SÉRIE:

A vida que Brena conheceu foi uma, onde o amor vinha em pequenas quantidades. Abandonada ainda bebê, cresceu em um orfanato. Solitária, tímida e carente de afeto, ela ainda carrega consigo o peso do abandono.

Quando a maior idade chegou para Brena, ela viu-se sendo obrigada a sair do lugar onde sempre viveu. Perguntando-se o que fazer a partir dali. Infelizmente o destino ainda seria muito mais cruel. Uma proposta de trabalho mudaria sua vida para sempre. Em um outro país, em busca dos novos horizontes que um emprego traria ela descobre que havia sido enganada e traficada.

Brena se viu em um leilão onde teria seu corpo vendido ao pretende que pagasse o maior preço.

Horlom, um jovem príncipe árabe, arrematou a moça de cabelos dourados, movido por uma lembrança. Charmoso, divertido e a princípio atencioso, ele consegue dar início a uma relação nada convencional com a loira. Mesmo em um cenário ruim a carência de Brena falou mais alto que a prudência e, ela se apaixonou perdidamente pelo príncipe.

Horlom por sua vez, faz algumas descobertas sobre sua família e isso deixa o rapaz atordoado. As mudanças drásticas na sua forma de ver a vida, acaba respingando em quem não deveria e, manchando a inocência de uma... "Virgem deflorada".

SEGUNDO LIVRO DA SÉRIE: "MEU MONSTRO MAFIOSO"

AGRADECIMENTOS

Aos meus leitores que fizeram dessas duas primeiras histórias da série meu monstro mafioso um sucesso. Por terem dado uma oportunidade a essa escritora iniciante com seu apoio, dicas, e comentários de incentivo a cada capítulo escrito.

A todos do grupo no *Facebook* e no *Whattsap*, bem como, meus amados leitores do *Wattpad* e seguidores do *instagram*.

Em especial, agradeço a minha família pelo apoio que tenho recebido.

Obrigado a vocês, por me fazer continuar batalhando pelos meus sonhos.

OUTRAS OBRAS DA AUTORA:

Garota Traficada

(Primeiro livro da série: **Meu Monstro Mafioso**)

Já à venda na Amazon

O Massagista

(Um conto de romance erótico único)

Já à venda na Amazon

Virgem Deflorada

(Segundo livro da série: **Meu Monstro Mafioso**)

Em breve na Amazon

O Mulherengo

(Primeiro livro da trilogia: **Aos Meus Pés**)

Em breve na Amazon

Vicio Incurável

(Livro único de romance erótico)

Em breve na Amazon

CONTATOS

ENTRE EM CONTATO COM A AUTORA EM SUAS REDES SOCIAIS PARA SABER MAIS SOBRE OS PROJETOS E PRÓXIMOS LANÇAMENTOS:

INSTAGRAM: luadavesautora

FACEBOOK: Lua Daves – autora

WATTPAD: LuaDaves

GOSTOU DO LIVRO? COMPARTILHE SEU COMENTÁRIO NAS REDES SOCIAIS E NA AMAZON INDICANDO-O PARA FUTUROS LEITORES.

OBRIGADO (A).